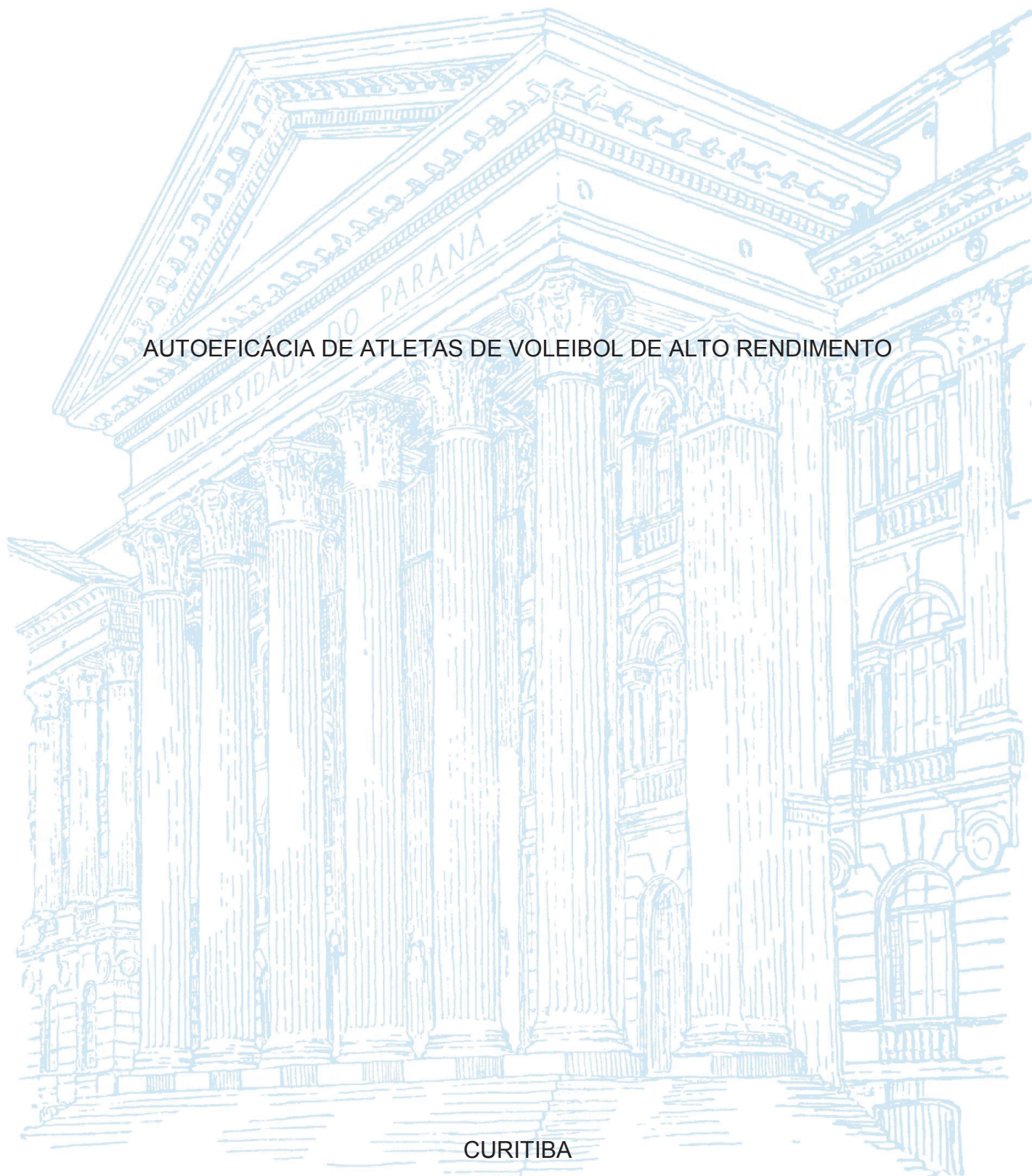


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAIS DO AMARAL MACHADO

AUTOEFICÁCIA DE ATLETAS DE VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO



CURITIBA

2018

THAIS DO AMARAL MACHADO

AUTOEFICÁCIA DE ATLETAS DE VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em educação física, Setor de ciências biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em educação física.

Orientadora: Profa. Dra. Joice Mara Facco Stefanello

Coorientadora: Profa. Dra. Isabel Balaguer

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Rosilei Vilas Boas – CRB/9-939).

Machado, Thais do Amaral
Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento. / Thais do Amaral
Machado. – Curitiba, 2018.
172 f. : il. ; 30cm.

Orientador: Joice Mara Facco Stefanello
Coorientadora: Isabel Balaguer
Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Voleibol. 2. Aptidão física do atleta. 3. Eficácia. I. Título. II. Stefanello,
Joice Mara Facco. III. Balaguer, Isabel. IV. Universidade
Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-
Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.325

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **THAIS DO AMARAL MACHADO** intitulada: "**Autoeficácia de atletas de voleibol de Alto Rendimento**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 22 de Junho de 2018.


JOICE MARA FACCO STEFANELLO
Presidente da Banca Examinadora


JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO
Avaliador Externo


MAURÍCIO GATTÁS BARA FILHO
Avaliador Externo


CARINE COLLET
Avaliador Externo


ISABEL BALAGUER SOLÁ
Avaliador Externo


MARIA REGINA FERREIRA BRANDÃO
Avaliador Externo

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, Lurdes e Dirceu, minha irmã Prescila, que são o suporte da minha vida.

Em especial a minha mãe que sempre me deu toda a base para eu desenvolver meus sonhos.

Ao meu afilhado Igor, jóia rara que ilumina meus caminhos.

A minha orientadora Joice, que nestes 8 anos me permitiu sentir e vivenciar todas as etapas da vida acadêmica de uma forma leve.

A minha amiga Lu, por ter sido a mão que segurou a minha e guiou meus passos estatísticos.

A minha amiga Mayara que compartilha das minhas ideias diariamente para construção desta tese.

Ao meu avó Julio, hoje me vendo lá de cima.

AGRADECIMENTOS

De acordo com o dicionário: “reconhecimento e declaração de se estar grato por algo dado ou feito por outrem; gratidão”.Essa é perfeita definição da qual meu coração reconhece o papel fundamental de cada uma das pessoas que é parte desta tese.

Minha família, minha avó, meus pais, minha irmã, meu cunhado, meu afilhado, tias, tios pelo amor incondicional.

Paulo, meu irmão do coração! Não sei o que seria da minha vida sem você!

Meus amigos de longa data Estela, Priscilla, Aline Fernanda, Juliane, Taci, Alessandra, Adriele, Ricardinho, Vanessa, Joice, Rose, Emílio, Fernando, Carol, Pepita e Marcelo pela amizade.

Meus amigos acadêmicos Silvan, Ana, Leilane, Kátia.

Angela, a Espanha com certeza não seria a mesma sem ter te conhecido! Que sorte a minha, que abençoada fui no dia que resolvi olhar para trás na fila da paneria...ganhei uma amiga!

Paula, muchas gracias por todo lo que hizo por mí en España.

Mayara, May, aquele Natal que te liguei para rodarmos análise estatística, com certeza você me mostrou que amizade é para qualquer hora! Obrigada pelas discussões acadêmicas, paciência, amizade e acima de tudo, por acreditar em mim e na minha ideia!

Gabriel, Gabri, nossas madrugadas discutindo sobre voleibol e tudo que essa modalidade que amamos nos proporciona, são dias, horas, minutos, segundos, milésimos que estão nesse trabalho. Seu companheirismo me prova a cada mensagem que vale a pena acreditarmos em tudo isso!

Sabrina, Sabri, que bom que você faz parte da minha vida! Quantas histórias, viagens, amizade. Feliz por isso tudo!

Lu, você não tem noção do quanto tem de você nessa tese. Você me ajudou a desenvolver não só estatisticamente, mas como ser humano, em saber que é possível realizar quando se tem apoio de uma exímia pessoa como você!

Ana, lá em 2006, no primeiro período, quando sua primeira aula me inspirou, tive certeza que havia escolhido a profissão certa! Como é bom ser sua amiga!

Paulinha, minha amiga e fisioterapeuta, gratidão, gratidão e mais gratidão!

Guilherme, seu suporte institucional foi o alicerce para minha dedicação à tese.

Atletas de voleibol, vocês contribuíram substancialmente para esse trabalho! Que no futuro possa vir a ajudá-los de alguma forma em suas carreiras. Muito obrigada por terem dedicado o tempo de vocês para responderem os instrumentos voluntariamente.

Treinadores e especialistas na área, contar com a colaboração e principalmente com a boa vontade em transmitirem o conhecimento de vocês para o estudo, seja por meio das entrevistas ou outros momentos, não tem preço que pague minha gratidão.

Analistas de desempenho, em especial Robertinha, Felipe, Henrique e Luciano vocês foram formidáveis! Simplesmente gratidão imensa!

Todos os clubes que gentilmente cederam seus atletas, obrigada!

Em especial, as comissões técnicas das equipes Sesc/RJ, Sesi/SP, Renata/Campinas e Caramuru Ponta Grossa.

Instituto Compartilhar, que alegria poder fazer parte da primeira turma do meu colégio, lá em 1998 e ser inspirada a estudar esse esporte do meu coração.

Confederação Brasileira de Voleibol, grata pela autorização cedida para a realização das coletas de dados.

Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR.

Professores da banca examinadora Drº Juarez Vieira do Nascimento, Drº Mauricio Gattas Bara Filho, Drª Carine Collet, Drº Luiz Pasquali, Drª Maria Regina Ferreira Brandão, Drº Rodrigo Siqueira Reis pelas sugestões realizadas e conhecimento agregado em cada etapa deste estudo.

Secretário Rodrigo Waki, sua doçura e estrema competência fez as situações burocráticas muito mais tranquilas de serem tratadas.

Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR pela estrutura oferecida.

Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) - CAPES pela concessão de bolsa.

CAPES, pela bolsa de estudos no Brasil.

Gracias Universidad de Valencia por haberme recibido tan bien, especialmente la Unidad de Investigación de Psicología del Deporte.

Muchas Gracias Vicente Javier Prado por las enseñanzas estadísticas.

Isabel Balaguer, muchas gracias por haber sido la esencia en el momento que más necesité durante mi doctorado! ¡Soy eternamente agradecida y me siento honrada por haber tenido el placer de haber trabajado con la mestra!

Joice Mara Facco Stefanello, minha orientadora, se no mestrado você me ensinou o significado de me tornar uma pesquisadora, hoje posso dizer que aprendi a extensão de me tornar uma doutora. Nossas discussões sempre muito fomentadas e ricas de conhecimento me deixaram com toda certeza, muito mais pronta para área acadêmica. Obrigada por nunca me deixar esquecer que eu era capaz de realizar essa tese!

**“Tudo que um sonho precisa para ser realizado é
alguém que acredite que ele possa ser realizado”**

Roberto Shinyashiki

RESUMO

O objetivo deste estudo foi construir e testar psicometricamente uma escala de autoeficácia no voleibol para jogadores brasileiros de alto rendimento e avaliar a autoeficácia no voleibol de atletas de quatro equipes participantes da Superliga. Para a construção do instrumento, a população do estudo foi composta por uma amostra de 300 atletas de voleibol de alto rendimento, com idade entre 16 a 41 anos, $M = 24,88$ anos, $DP = 5,51$ (55% do sexo masculino). Para a avaliação da autoeficácia esportiva, participaram 65 atletas, com idade de 19 a 40 anos, $M = 26,93$ anos, $DP = 1,36$ (50% do sexo masculino). Uma revisão de literatura e consulta especializada ($N = 16$) identificou o conteúdo. A versão preliminar do instrumento foi aplicada, em um estudo piloto, a 24 atletas adultos de alto rendimento. A estrutura fatorial foi avaliada por meio da Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória, a confiabilidade por meio do Alpha de Cronbach, Confiabilidade Composta (CR) e Variância Média Extraída (AVE). A invariância fatorial para os sexos e o teste ANOVA para as posições dos atletas foram realizados. Correlações da autoeficácia com idade e tempo de prática foram feitas. A versão final do instrumento, composta por 19 itens, permite avaliar três dimensões (Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol) e a Autoeficácia Global no Voleibol, com boas propriedades psicométricas. A avaliação da autoeficácia no voleibol e sua relação com o desempenho foi realizada em período competitivo, com atletas de quatro equipes de alto rendimento. As equipes apresentaram forte a muito forte autoeficácia e demonstraram, em algumas situações, relações entre a autoeficácia defensiva e a eficácia defensiva e entre a autoeficácia ofensiva e a eficácia ofensiva. De forma geral, os resultados confirmam a Escala de Autoeficácia no Voleibol como um instrumento adequado para avaliar a autoeficácia de atletas de alto rendimento desta modalidade.

Palavras chave: instrumento; esporte; atletas; jogadores de voleibol de alto nível

ABSTRACT

The objective of this study was to psychologically test a volleyball self-efficacy scale for high-performance Brazilian players and to evaluate the volleyball self-efficacy of four teams participating in the Superliga. For the construction of the instrument, the study population consisted of a sample of 300 high-performance volleyball athletes Mage 16 to 41 years, $M = 24.88$ years old, $SD = 5.51$ (55% male). For the evaluation of athletic self-efficacy, 65 athletes, aged from 19 to 40 years, Mage = 26.93 years, $SD = 1.36$ (50% of males) participated. A literature review and specialized consultation ($N = 16$) identified the content. The preliminary version of the instrument was applied in a pilot study to 24 high-performance adult athletes. The factorial structure was evaluated through the Exploratory and Confirmatory Factor Analysis, the reliability by Cronbach's Alpha, Composite Reliability (CR) and Mean Extracted Variance (AVE). The Factorial Invariance for the sexes and the ANOVA test for the positions of the athletes were performed. Correlations of self-efficacy with age and practice time were made. The final version of the instrument, composed of 19 items, allows evaluating three dimensions (Sports Self-Efficacy in Volleyball, Defensive Self-Efficacy in Volleyball, Offensive Self-Efficacy in Volleyball) and Global Self-Efficacy in Volleyball, with good psychometric properties. The evaluation of self-efficacy in volleyball and its relationship with performance was performed during a competitive period, with athletes from four high-performance teams. The teams showed strong to very strong self-efficacy and demonstrated, in some situations, relationships between defensive self-efficacy and defensive efficacy and between offensive self-efficacy and offensive efficacy. In general, the results confirm the Volleyball Self-Efficacy Scale as an adequate instrument to evaluate the self-efficacy of high-performance athletes of this modality.

Key words: instrument, sport, athletes, high-performance volleyball players

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Comparação do antigo modelo conceitual “Santíssima Trindade da Validade” com a visão contemporânea dos Standards.	47
Figura 2. Fluxograma adotado para o modelo de pesquisa.	58
Figura 3. Matriz teórica para concepção dos itens.	65
Figura 4. Estrutura Fatorial e correlação interfatorial das três dimensões do modelo de 19 itens da Escala de Autoeficácia no Voleibol	87
Figura 5. Fórmula para o cálculo da eficácia.....	110
Figura 6. Valores médios da Autoeficácia no Voleibol das quatro equipes nos três momentos da competição.	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Revisão sistemática dos instrumentos de medida de autoeficácia no voleibol.....	34
Quadro 2. Entrevistados, idade, tempo de prática e características dos especialistas.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Análise dos 32 itens: média (M), desvio-padrão (SD), correlação item total, (r _{ix}), Alpha de Cronbach, se os itens fossem eliminados (α -x).....	76
Tabela 2. ANOVA (one way) Escala de Autoeficácia no Voleibol: Número de jogadores por posições, Média (M), Desvio-Padrão (DP), pós-hoc Tukey, F-ratio e p-valor (p). Análise dos 19 itens: Média (M), Desvio-Padrão (DP), Correlação Item Total, (r _{ix}), Alpha de Cronbach se itens forem eliminados (α -x), Carga Fatorial, Confiabilidade Composta (CR) e Variância Média Extraída (AVE).....	79
Tabela 3. Principais indicadores de qualidade para o modelo com três dimensões e invariância entre os sexos.....	86
Tabela 4. Matriz de correlações entre as três dimensões da EAVB e a EAEGP.	88
Tabela 5. Correlações entre autoeficácia, idade, tempo de prática e sexo dos atletas.....	89
Tabela 6. Características das equipes participantes.....	107
Tabela 7. Anova One Way para os três momentos de avaliação: Equipe, N= número de atletas, Média (DP), Soma dos Quadrados, Graus de Liberdade (GL), F-ratio (F), p-valor (p) e Teste de Kruskal Wallis, N= número de atletas e p-valor (p).....	117
Tabela 8. Diferenças entre as avaliações da autoeficácia no voleibol de atletas com apenas dois momentos de avaliação.	120
Tabela 9. Correlação da Escala de Autoeficácia no Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe A.	124
Tabela 10. Correlação da Escala de Autoeficácia no Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe B.	125
Tabela 11. Correlação da Escala de Autoeficácia no Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe C.	126

Tabela 12. Correlação da Escala de Autoeficácia no Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da equipe D.	127
Tabela 13. Correlação de Spearman entre as Dimensões Autoeficácia Defensiva, Eficácia Ofensiva e Autoeficácia no Voleibol entre Eficácia Defensiva, Eficácia Ofensiva e Eficácia Geral.....	128
Tabela 14. Correlação de Spearman entre EAVB e a eficácia das ações dos jogos de toda temporada para as equipes A, B e D e Correlação de Pearson para equipe C.....	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA

AFE ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

AVE VARIÂNCIA MÉDIA EXTRAÍDA

CBV CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL

CFI COMPARATIVE FIT INDEX

CR CONFIABILIDADE COMPOSTA

EAVB ESCALA DE AUTOEFICÁCIA NO VOLEIBOL

EAEGP ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA

EQS STRUCTURAL EQUATION MODELING SOFTWARE

ICC COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO INTRACLASSE

IFI INCREMENTAL FIT FIX

MVR ESTIMATIVA DE MÁXIMA VEROSSIMILHANÇA

NNFI NON-NORMED FIT INDEX

RMSEA ROOT MEAN-SQUARE ERROR OF APPROXIMATION

S-B SATORRA-BENTLER

SPSS STATISTICAL PACKAGE FOR THE SOCIAL SCIENCES

TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TSC TEORIA SOCIAL COGNITIVA

TRI TEORIA DE RESPOSTA AO ITEM

KMO KAISER-MEYER-OLKIN

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	19
1.1 INTRODUÇÃO GERAL	20
1.2 ESTRUTURA DA TESE	22
1.3 DEFINIÇÃO DE TERMOS	22
1.3.1 Definições Constitutivas	22
1.3.2 Definições Operacionais	23
1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	24
CAPÍTULO 2	25
2.1 REVISÃO DE LITERATURA	26
2.1.1 Autoeficácia	26
2.1.1.1 Autoeficácia no Esporte	29
2.1.1.2 Autoeficácia no Voleibol	33
2.1.2 Psicometria	38
2.1.2.1 Escalas de medida	48
CAPÍTULO 3	52
3.1 INTRODUÇÃO	53
3.1.1 Objetivos	56
3.2 MÉTODOS	57
3.2.1 Caracterização do estudo	57
3.2.2 Procedimentos	57
3.3 RESULTADOS	75
3.4 DISCUSSÃO	90
3.5 CONCLUSÃO	99
CAPÍTULO 4	101
4.1 INTRODUÇÃO	102
4.1.1 Objetivos	104
4.2 MÉTODOS	105
4.2.1 Caracterização do estudo	105
4.2.2 Participantes	106
4.2.3 Procedimentos	107
4.2.4 Instrumentos	108
4.2.5 Tratamento e interpretação dos resultados da EAVB	112
4.2.6 Procedimentos Estatísticos	113
5. RESULTADOS	113

6. DISCUSSÃO.....	131
7. CONCLUSÃO.....	138
CAPÍTULO 5.....	140
5.1 CONCLUSÃO GERAL	141
REFERÊNCIAS.....	142
APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS	157
APÊNDICE 2 – ESCALA DE AUTOEFICÁCIA NO VOLEIBOL	161
APÊNDICE 3 – INSTRUÇÕES DE USO	163
ANEXO 1 – ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA	164
ANEXO 2- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	165
ANEXO 3 - AUTORIZAÇÃO CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL.....	168
ANEXO 4 - ESCALTE ROBERTA GIGLIO E BERNARDO REZENDE	169
ANEXO 5 - <i>MATCH REPORT – DATA VOLLEY</i>	170
ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	171

CAPÍTULO 1
INTRODUÇÃO GERAL

1.1 INTRODUÇÃO GERAL

A Psicometria é um ramo da Psicologia que vem sendo desenvolvida paulatinamente na área esportiva, auxiliando profissionais a mensurar e avaliar atletas, no intuito de compreender os fenômenos psicológicos e comparar os sujeitos pesquisados (BARROSO, 2007). Contudo, como alguns instrumentos foram, por muito tempo, utilizados e replicados, sem que se encontrassem suas propriedades psicométricas, os resultados encontrados nem sempre refletiam o conteúdo que o instrumento se propunha medir, comprometendo sua avaliação do construto (PRIMI *et al.*, 2009).

A partir desta década, este cenário tem se transformado pouco a pouco, observando-se crescente preocupação de pesquisadores com o processo de desenvolvimento e validação de instrumentos. Este processo é fundamental para que um instrumento contemple propriedades psicométricas adequadas e esteja apto para sua aplicação. Uma revisão sistemática da literatura sobre autoeficácia esportiva, objeto de análise no presente estudo, evidenciou a ausência de instrumentos para avaliação do construto autoeficácia, que tenham sido validados para o ambiente esportivo brasileiro. Embora alguns estudos tenham realizado traduções, adaptações transculturais e validações de instrumentos, pouco se tem encontrado na literatura científica, acerca de instrumentos construídos e/ou validados para mensurar construtos psicológicos no contexto esportivo brasileiro (MACHADO *et al.*, 2014).

Especificamente na modalidade voleibol, não há evidências científicas de instrumentos que permitam a avaliação deste construto psicológico, considerando a realidade de atletas brasileiros de alto rendimento, que tenham contemplado todas as etapas de construção e/ou validação de instrumentos adequadas às exigências psicométricas. Este processo não é uma tarefa fácil, pois exige do pesquisador conhecimento e domínio em distintas áreas do conhecimento científico, como a psicometria, a teoria psicológica que fundamenta o construto avaliado e a concepção do instrumento pretendido (MACHADO *et al.* no prelo).

Guicciardi *et al.* (2016) propuseram verificar a validade estrutural de um instrumento concebido para avaliação da autoeficácia de atletas de elite e não elite no voleibol italiano. O estudo aponta que o instrumento é útil para avaliação da autoeficácia desses atletas, embora não se tenha encontrado nenhuma indicação de onde os autores retiraram os itens que compuseram o instrumento e sua análise fatorial tenha sido realizada com apenas 133 sujeitos. Vale destacar que existe uma interação entre o tamanho da amostra e a qualidade das variáveis que representam cada fator (GOLDBERG; VELICER, 2006). Pelo menos, 300 indivíduos são necessários para se obter maiores evidências de validade de um instrumento (PASQUALI, 2012; TABACHNICK; FIDELL, 2013).

Deve-se salientar que as propriedades psicométricas de um instrumento de medida devem ser um parâmetro importante para se levar em consideração antes de se utilizar determinado instrumento. Esta análise deve conduzir o pesquisador a uma reflexão a respeito de quão preciso e robusto são os instrumentos aplicados ao esporte e suas consequências no seu uso, interpretação e reprodutibilidade, visto que o resultados podem ser imprecisos, não medindo o que realmente se pretende medir (REBUSTINI *et al.*, 2016).

Especificamente no voleibol de alto rendimento, os atletas precisam manter o controle mental durante as partidas, visto que diversas reações emocionais envolvem o ambiente de jogo. Nesse sentido, a avaliação da autoeficácia é importante para saber como os atletas se autoavaliam e a necessidade de intervenções para promover, restabelecer e/ou manter esta competência psicológica no decorrer de uma competição (BANDURA, 1990). É importante considerar que a autoeficácia determina a regulação dos padrões do pensamento dos atletas e como estes se comportarão para atingir seus objetivos frente às adversidades. Desta forma, sendo a autoeficácia um importante preditor de rendimento esportivo, influenciando as reações afetivas e a motivação dos atletas (BANDURA, 1986), pretende-se, na presente tese, responder aos seguintes problemas científicos:

Como construir e testar psicometricamente uma escala de autoeficácia no voleibol para atletas brasileiros de alto rendimento?

Qual a relação entre autoeficácia no voleibol e eficácia do desempenho de atletas de equipes de voleibol de alto rendimento?

1.2 ESTRUTURA DA TESE

A presente tese foi confeccionada em cinco capítulos. O primeiro capítulo destina-se à introdução geral, apresentando a argumentação teórica acerca do problema científico, o objetivo do estudo e a estrutura da tese. O segundo capítulo compreende uma revisão da literatura sobre os principais temas que subsidiam a realização da tese. O terceiro capítulo trata da construção de uma escala de autoeficácia esportiva para atletas de voleibol de alto rendimento, bem como da investigação de suas propriedades psicométricas (evidências de validade do instrumento concebido). O quarto capítulo contempla a avaliação da autoeficácia esportiva de atletas de voleibol, mensurada em uma competição de alto rendimento. Por fim, o quinto capítulo contempla as conclusões gerais da tese, assim como suas limitações e recomendações para próximos estudos.

1.3 DEFINIÇÃO DE TERMOS

1.3.1 Definições Constitutivas

Assertividade: é uma das seis habilidades sociais de enfrentamento de situações que abrange chances de reação indesejável do interlocutor, envolvendo o controle da ansiedade e a manifestação adequada de sentimentos, desejos e opiniões. Resulta tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e outras reações não habilidosas (PRETTE, DEL; PRETTE, DEL, 2005).

Autoeficácia geral: crenças dos indivíduos relacionadas às suas capacidades para realização de tarefas em geral (TEIXEIRA; DIAS, 2005).

Eficácia: relacionada ao alcance do resultado de acordo com os objetivos da ação (MESQUITA *et al.*, 2001).

Eficiência: execução correta das habilidades (MESQUITA *et al.*, 2001).

Efetividade: qualidade das ações que permitem alcançar o objetivo pretendido (MACHADO *et al.*, 2016).

Escala de medida: grupo de itens que retratam diferentes níveis de demanda de tarefas, permitindo coletar dados, ter acesso e descrição de informações para compreender situações e fenômenos de interesse (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014).

Escala de Resposta: métrica que se baseia em modelos de pontos para mensurar diferentes respostas dos indivíduos (CUMMINS; GULLONE, 2000).

Regulação da ativação: capacidade do atleta em identificar as reações de ativação mais importantes para si mesmo e compreender qual seu estado ideal de execução, automatizando estratégias que o possibilitem alcançá-lo (STEFANELLO, 2007a).

Regulação emocional: habilidade de manter, aumentar ou diminuir um ou mais componentes da resposta emocional, que estão ligados aos sentimentos, comportamentos e respostas fisiológicas que compõem as emoções, a fim de manejar as emoções quando necessário (GROSS, 2002).

Tomada de decisão: habilidade do atleta em observar diversas alternativas de resposta e selecionar um curso de ação ideal (AFONSO *et al.*, 2012), correspondendo à adaptação momentânea da estratégia prévia às configurações do jogo e a movimentação da bola em relação à oposição, em que o atleta necessita transformar a decisão em ação (GREGHAIGNE; GODBOUT, 1998; ROSE JR.; SILVA, 2006).

1.3.2 Definições Operacionais

Autoeficácia Esportiva no Voleibol: crenças do atleta na sua capacidade de executar ações esportivas.

Autoeficácia Defensiva no Voleibol: crenças do atleta na sua capacidade de executar ações esportivas defensivas.

Autoeficácia Ofensiva no Voleibol: crenças do atleta na sua capacidade de executar ações esportivas ofensivas.

Autoeficácia Global no Voleibol: crenças do atleta na sua capacidade de executar ações esportivas no voleibol.

Escala: instrumento de medida.

1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A presente tese delimita-se à avaliação de atletas de voleibol de alto rendimento, no contexto esportivo competitivo brasileiro, participantes das Superligas A e B, bem como à consulta a especialistas na área do voleibol, professores, mestres e doutores que trabalham com a modalidade, treinadores e auxiliares técnicos.

CAPÍTULO 2
REVISÃO DE LITERATURA

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura abordou a temática Autoeficácia, Autoeficácia no Esporte e uma breve revisão sistemática acerca de estudos e instrumentos existentes para avaliação da autoeficácia na modalidade voleibol. Além disso, contemplou uma revisão sobre a Psicometria e as Escalas de Medida.

2.1.1 Autoeficácia

A autoeficácia é o tema central da Teoria Social Cognitiva (TSC), embora possa ser considerada uma teoria independente desta. A TSC é tida como um componente central para formação da agência humana. Os indivíduos são vistos como agentes que organizam e executam ações por meio de seus atos e se envolvem de forma pró-ativa em seu próprio desenvolvimento (PAJARES; OLAZ, 2008).

O exercício da agência humana tem relação com as características básicas do ser humano, levando em consideração quatro aspectos em questão: a intencionalidade, a antecipação, a autoerregulação e a reflexão. A intencionalidade refere-se à capacidade de projetar metas e mentalizar formas de ação para atingí-las. A antecipação permite que o indivíduo elabore objetivos para si mesmo, pressagie os possíveis resultados referentes a seus atos, norteie e motive seus esforços empregados. A autorregulação faz com que o indivíduo estabeleça padrões de referência para avaliar, acompanhar e regular os seus atos. A reflexão diz respeito à capacidade do indivíduo em refletir sobre o valor e a relevância de suas ações, por meio de ajustes quando oportuno (PAJARES; OLAZ, 2008).

Cada indivíduo é dono de um autossistema, que desempenha uma avaliação sobre o controle dos seus próprios pensamentos, sentimentos e ações que influenciam seu comportamento. Esse autossistema suporta crenças de eficácia pessoal, estruturas cognitivas e afetivas que propiciam as capacidades de simbolizar, instruir-se com experiências de outros, criar

estratégias distintas, regular seu próprio comportamento e pensar acerca de suas vivências por meio da influência mútua entre sistema e influências geradas pelo ambiente (BANDURA, 1986).

A Teoria da Autoeficácia surgiu pela necessidade de compreender a afinidade do comportamento do ser humano por meio dos processos psicológicos. Identificada por Albert Bandura em 1977, a autoeficácia é considerada a crença que um indivíduo possui na sua capacidade de realizar cursos de ações necessários para alcançar um objetivo determinado. Compreende dois tipos: crenças ou expectativas de eficácia e expectativas de resultado ou percepção de controle quanto aos resultados. A primeira tem relação com as capacidades do indivíduo em realizar ações e a segunda diz respeito ao produto dessas ações, que podem estar ligados a aspectos autoavaliativos, físicos e sociais deste indivíduo (BANDURA, 1997).

A autoeficácia pode ser avaliada em três dimensões: nível; força e generalização. O nível está relacionado à efetivação ou não do desempenho que o indivíduo almeja atingir ou à quantidade de tarefas que espera efetivar. A força retrata o grau de certeza do atleta em ser capaz de praticar com perfeição tarefas com dificuldades distintas. A generalização está relacionada a situações específicas ou especialidades em que o atleta julga ser eficaz, que podem ser mensuradas ou não (BANDURA, 2006).

A avaliação da autoeficácia tem sido conduzida com enfoques diversos, podendo ser empregada em diferentes segmentos da vida de uma pessoa. A especificidade na avaliação deste construto se deve ao fato de o indivíduo poder julgar-se autoeficaz em uma determinada situação e ambiente, mas não ter a mesma percepção em outros contextos. Muitas vezes, a autoeficácia pode oscilar até mesmo dentro de um mesmo ambiente, mas em circunstâncias diferentes (BANDURA, 1990).

A avaliação também deve considerar as especificidades da população. Estudos com idosos têm evidenciado que indivíduos que mantêm comportamentos promotores de saúde, similares aos recomendados por profissionais e por organizações de saúde, mantêm o senso positivo de autoeficácia, que influencia na manutenção de comportamentos promotores de

saúde (SILVA; LAUTERT, 2010). Com estudantes do ensino fundamental de escolas particulares, foi avaliada a relação entre autoeficácia, raciocínio verbal e desempenho acadêmico e percebeu-se que tanto a autoeficácia quanto o raciocínio verbal predizem o resultado de alunos, além da autoeficácia apresentar-se tão importante quanto às demais variáveis para um bom desempenho escolar (OLIVEIRA, 2010). Com professores de educação física, foi avaliada a autoeficácia docente e sua relação com o nível de satisfação pessoal e de disposição em continuar na atividade de ensino, constatando-se que a autoeficácia docente foi elevada, mostrando-se relevante principalmente quando discutido seu papel na prevenção ou intervenção frente à saúde do professor (IAOCHITE et al., 2011). Em universitários de cursos de engenharias, foi estudada a relação entre as crenças de autoeficácia e o engajamento de estudantes do ensino superior, constatando que estudantes mais confiantes na sua eficácia acadêmica, tendem a envolver-se mais em atividades relacionadas com a aprendizagem (COSTA et al., 2014). Já com acadêmicos cursando Educação Física, foi analisado as fontes de autoeficácia docente, concluindo-se que a observação e a persuasão social foram as fontes de autoeficácia consensualmente valorizadas pelos universitários (RAMOS et al., 2017). Em indivíduos adultos, foi analisado o nível de autoeficácia para prática regular de atividade física e descobriu-se que esses indivíduos possuem uma crença relativamente alta, o que contribui para a manutenção da atividade física com considerável tempo e frequência de prática (BARROS; IAOCHITE, 2012). Em outro estudo, com o objetivo identificar a relação e o comportamento da autorregulação, autoeficácia e o locus de controle na regulação do peso na população adulta com obesidade, sobrepeso e peso normal, encontraram-se diferenças entre os três grupos para as variáveis analisadas e a existência de uma relação entre o índice de massa corporal e as variáveis comportamentais de autoeficácia, autorregulação e locus de controle (MENÉNDEZ-GONZÁLEZ; ORTS-CORTÉS, 2018).

Esses estudos reforçam a importância da autoeficácia em distintas áreas, tal com preconizado por Bandura (1990), apontando como o construto se comporta de situação para situação e como seu desenvolvimento é vagaroso ao longo do tempo (BANDURA, 1990).

2.1.1.1 Autoeficácia no Esporte

No esporte, a autoeficácia tem sido relacionada com estatísticas de desempenho (ORTEGA *et al.*, 2009) e resultado final em uma competição (BRAY *et al.*, 2004). Para compreender a relação entre autoeficácia e desempenho, Bandura (1989) propõe que é preciso compreender quatro processos que produzem efeitos distintos na autoeficácia: cognitivos, motivacionais, afetivos e de seleção. Os processos cognitivos estão relacionados aos pensamentos envolvidos na aquisição, na forma em que o pensamento é organizado e como será utilizada esta informação. Estes processos podem vir a estimular ou depreciar o rendimento atlético por meio de pensamentos antecipatórios ou dedutivos a ele relacionados. O atleta pode criar expectativas e vir a estruturar suas metas influenciadas pela avaliação de sua capacidade pessoal (BANDURA, 1989). Os processos motivacionais estão ligados aos planos de ação, à intensidade e ao grau de persistência ao esforço a ser empregado para alcançar determinado objetivo. Os processos afetivos dizem respeito à regulação dos estados emocionais e à obtenção de reações emocionais. Os processos de seleção são mediados pela autoeficácia, demonstrando que as pessoas tendem a evitar ambientes, atividades e grupos com os quais acreditam extrapolar suas capacidades. Tais processos fazem com que os indivíduos optem por situações, locais e atividades de acordo com sua crença de eficácia pessoal. Se julgarem ser capazes de realizar bom desempenho, os indivíduos procurarão atividades com grau de dificuldade elevada. Caso contrário, se sua autoeficácia for baixa, tenderão a buscar atividades com menor grau de dificuldade e desistirão facilmente frente às dificuldades, não sendo necessário muito fracasso para que percam a fé em suas capacidades (BANDURA, 1994).

Analisar as fontes de formação de crenças eficácia pessoal (experiências pessoais, experiências vicárias, persuasão verbal e estado fisiológico) podem ser um importante caminho para a compreensão dessa relação entre autoeficácia e desempenho (BANDURA, 1986).

As experiências pessoais estão ligadas às experiências passadas vivenciadas pelos atletas, sendo uma das mais importantes fontes para a

edificação das crenças de eficácia pessoal (BANDURA, 1986). O sucesso obtido pelo atleta em habilidades passadas reforça suas crenças em sua capacidade de realizar novamente determinada ação esportiva, o que refletirá no seu desempenho futuro. Ao contrário, quando ele se frustra e não consegue realizar com maestria determinado gesto esportivo, essas condições passadas podem provocar perdas, percepção de inabilidade e influenciar seu rendimento atlético.

As experiências vicárias ou indiretas estão associadas à modelação, que desempenha importante papel na construção e manutenção das crenças de eficácia do atleta, a partir da observação de outros atletas da mesma modalidade que executam a mesma tarefa motora com perfeição e obtêm sucesso. Nesta perspectiva, quatro subprocessos regem a aprendizagem observacional: (1) processos de atenção, que requerem que o atleta preste atenção ao modelo e ao seu comportamento relevante, permitindo a seleção de estimulações ou de parte dessas que atuarão como modelo; (2) processos de retenção, que exigem que o atleta seja capaz de recordar o que observou. O comportamento do modelo precisa ser codificado ou simbolicamente representado e armazenado na memória do atleta que observou. Essa lembrança ocorre por meio da representação imagística ou da representação verbal. O que foi observado serve de base para o atleta observador e a aprendizagem pela observação pode ser promovida pela inclusão de pistas, desenhos ou instruções verbais que potencializem a atenção do atleta para aspectos relevantes a serem observados; (3) processos de produção, em que o observador é incumbido a realizar, pela cópia das ações do modelo (imitação motora com ou sem aparato verbal), uma sequência integrada de respostas desempenhadas com progressiva habilidade (de acordo com sua capacidade), tais como pela imitação de movimentos de ginástica rítmica desportiva, de dança, da mímica corporal e de conteúdos e atributos da linguagem oral. Opera por aspectos observáveis que são reconhecíveis pelo desempenho e mecanismos encobertos (ensaio simbólico), apenas acessíveis ao atleta que está se comportando. A produção deste comportamento imitativo, faz com que o atleta observador, por meio do ensaio encoberto, avalie suas capacidades, organize, reorganize, selecione e determine as respostas que vai emanar. No

comportamento modelado, o *feedback* intrínseco comunica ao atleta observador seu desempenho e colabora com seu aperfeiçoamento. Essa autoavaliação, que acontece no ensaio motor/simbólico, serve como possível ação corretiva ou assertiva complementada por *feedback* extrínseco. Este ensaio simbólico pode ser feito pelo atleta sozinho, na ausência de modelo ou pistas para imitação, após a observação original; e (4) os processos motivacionais, entendidos como uma maneira de reforçamento da resposta aprendida, pode ser externo (por meio de elogios e gratificações ao atleta observador), vicário (quando acontece via o comportamento do atleta observado em que o atleta observador tem a chance de experimentar a consequência reforçadora de uma certa resposta, sem ocorrer um envolvimento direto com ela), ou pelo autorreforçamento (quando o atleta observador realiza uma autocomparação). Desta forma, o reforçamento é visto como um facilitador à modelação, em vez de fator substancial (BANDURA, 1997).

A persuasão verbal e as distintas influências sociais dizem respeito às técnicas persuasivas utilizadas pelos atletas, como, por exemplo, a autofala, em que o atleta diz para si mesmo, no momento da execução da tarefa esportiva, uma expressão que lhe dá uma deixa ou uma informação acerca do que executar (ZIEGLER, 1994; WEINBERG; GOULD, 1996). A autofala pode incluir informações para auxiliar no foco atencional para aquisição de uma habilidade, (olhos na bola), controle emocional (fique calmo), esforço de controle (continue tentando), controle de pensamentos indesejados (eu sou rápido), mediante falhas ocasionais (azarado). A autofala negativa e os pensamentos irracionais podem também minar as crenças de autoeficácia e trazer performances subsequentes. As expectativas por parte de outras pessoas, como o treinador, também exercem importante papel sobre os atletas, encorajando-os a acreditarem em suas capacidades e apoiando-os perante um fracasso. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que o treinador tenha credibilidade com seus atletas, para que possa influenciá-los por meio de apelo direto, mensagens inspiradoras, expectativas, atribuições e *feedback* avaliativo. A persuasão verbal contribui para reforçar as próprias crenças dos atletas em suas habilidades para atingir seus objetivos (FELTZ et al., 2008).

Os estados fisiológicos estão relacionados com aspectos que terão seu impacto nas crenças de eficácia pessoal dos atletas, de acordo com fatores situacionais, como elevação da pressão arterial, aumento da frequência cardíaca, cansaço, sudorese excessiva, sinais de ansiedade, entre outros. Esses aspectos podem apontar atributos de vulnerabilidade do atleta e podem levá-lo à percepção de baixa capacidade de enfrentar demarcadas situações (BANDURA, 1986; FELTZ et al., 2008).

A autoeficácia atua como regulador cognitivo do aumento da ansiedade, pois, ao desenvolver forte percepção de eficácia percebida para controlar seus pensamentos, os atletas conseguem ficar menos sobrecarregados pelos pensamentos negativos e sentem menor nível de ansiedade (BANDURA, 1982). Além disso, a ansiedade debilitante, enquanto processo de excitação emocional, pode ser gerenciada por meio de mecanismos como técnicas de atribuição, *biofeedback*, dessensibilização simbólica e exposição simbólica com a reorganização das crenças de eficácia pessoal. Assim, o autossistema se autorregularia e agiria no desempenho de forma positiva ocorrendo comportamentos mais funcionais e adaptativos para realização das tarefas esportivas (BANDURA, 1997).

Contudo, é importante que a percepção de sua capacidade seja realista para que ocorra bom funcionamento. O excesso de avaliações mal efetuadas acerca da eficácia pessoal, em ambas as direções, apresenta consequências negativas. Quando o indivíduo superestima grosseiramente suas capacidades, acaba procurando atividades que estão além da sua obtenção e, tendo como consequência dificuldades consideráveis, diminuem sua própria credibilidade e incidem em fracassos dispensáveis, com possibilidades de causar detrimientos insanáveis. Além disso, quem subestima suas capacidades também assume danos, mesmo sendo mais propenso a evidenciar maneiras autolimitantes do que aversivas. Quando ocorrem insucessos no desenvolvimento de suas potencialidades e, ao delimitarem suas atividades, acabam se autoexcluindo da execução de diversas experiências satisfatórias e quando arriscam-se em tarefas de maior valor, produzem obstáculos internos para uma performance eficaz que fazem surgir desconfianças pessoais ansiogênicas (BANDURA, 1986).

Portanto, a forma como os atletas encaram pressões e estressores no decorrer da vida é o que determinará sua capacidade de adaptação e recuperação. A capacidade de resiliência é considerada sobre três pilares: a capacidade do indivíduo como agente frente a situações desfavoráveis, persistindo seus esforços com intuito de normalizar a situação; a capacidade de regular seu comportamento suportado em seus resultados, quando contrastados a um padrão referencial; e, principalmente, a capacidade de crer em sua competência para realizar. Para que o atleta concretize seus objetivos é importante que ele tenha senso de eficácia resiliente e consiga superar obstáculos durante seu percurso (BANDURA, 2002).

Em um estudo de revisão integrativa com intuito de verificar os instrumentos empregados para mensurar a autoeficácia relacionada ao desempenho esportivo e identificar suas propriedades psicométricas, foram selecionados 13 estudos para análise, verificou-se que a maioria propôs instrumentos específicos para a pesquisa, seguindo recomendações do guia de construção de medidas de autoeficácia de Bandura (2006); apenas um artigo apresentou o processo de validação; a consistência interna foi a propriedade psicométrica mais reportada; não houve referência à reprodutibilidade dos instrumentos e tampouco divulgação dos instrumentos utilizados nas pesquisas. Desta forma, conclui-se que não houve reprodutibilidade dos instrumentos, o que permitiria maior confiabilidade na análise dos resultados e controle de variáveis cognitivas que afetam o rendimento esportivo e que um padrão ouro de avaliação da autoeficácia em contexto esportivo específico se faz necessário (MACHADO et al., 2014)

2.1.1.2 Autoeficácia no Voleibol

O voleibol tem se mostrado em constante alteração na atualidade, seja no que diz respeito às regras ou as suas peculiaridades na estrutura do jogo. Esse dinamismo faz com que os atletas tenham que se adaptar constantemente às novas realidades e treiná-las para uma melhor atuação em quadra (CBV, 2017).

Assim, devido a essa constante atualização da modalidade, a autoeficácia é um importante preditor de performance esportiva, sendo de importante avaliação para modalidade. Embora alguns estudos tenham pretendido avaliar a autoeficácia de fundamentos específicos do voleibol, como, por exemplo, o saque (KITSANTAS; ZIMMERMAN, 2002; SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) observa-se que, no contexto esportivo, não se tem clareza de como a autoeficácia tem sido avaliada, bem como o que compreende o construto nos instrumentos elaborados especificamente para avaliação de atletas.

Com isso, não se sabe quais atributos, sejam eles físicos, técnicos, táticos ou psicológicos, compreendem a autoeficácia especificamente para a modalidade investigada. O que se encontra é o uso de instrumental advindo de outros contextos da psicologia, como clínica ou educacional, que são direcionados para a detecção de distúrbios emocionais, perfis psicopatológicos ou quantidade de inteligência, o que pode influenciar os resultados, pois não são instrumentos específicos para o esporte (RUBIO, 2000).

Desta forma, em um estudo de revisão sistemática (MACHADO et al., 2018, no prelo), procurou-se identificar quais atributos (físicos, técnicos, táticos, psicológicos) têm sido utilizados para avaliação da autoeficácia em atletas de voleibol, bem como os instrumentos utilizados para sua avaliação. Encontraram-se 7 estudos que pretenderam avaliar a autoeficácia no voleibol.

Quadro 1. Revisão sistemática dos instrumentos de medida de autoeficácia no voleibol.

Autores e Ano	Participantes	Avaliação	Tipo de Autoeficácia	Tipo de Escala de Medida	Atributos da Autoeficácia
LOX (1992)	Jogadoras de vôlei (n=52) Idade=19.6 anos	Instrumento elaborado pelos autores para avaliação da autoeficácia no voleibol. Escala com seis itens para mensuração da percepção de competência dos	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 9 pontos	Técnicos (bloqueio, defesa, levantamento, recepção,

		atletas em relação aos fundamentos do voleibol, numa escala de 1 a 9 pontos.			ataque e saque)
ZETOU et al., (2008)	Jogadoras de voleibol de praia novatas (n=32) Idade= 12.8 (0.53) Meses de experiência=13.2 (0.2) Nível nacional (20 homens e 30 mulheres) Nível estudantil (30 homens e 24 mulheres)	Instrumento específico para avaliação da autoeficácia no esporte (Theodoraskis, 1996), composto por cinco itens, numa escala de resposta de 10 pontos.	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 10 pontos	Técnicos (habilidades de defesa e recepção)
ZETOU et al., (2012)	Nove atletas de voleibol, com média de idade 20(1.2) anos.	<i>Evaluation of Self-Efficacy</i> avaliou a percepção da autoeficácia em um teste de saque em que os atletas respondiam uma questão como “neste teste de saque específico eu consigo atingir um escore de...”, que indica a magnitude da autoeficácia na reprodução da questão, por meio de uma escala de 10 pontos (1-10). Além disso, os atletas respondiam quanto certos estavam disso. O estudo apresenta o valor de Alfa de Cronbach de 0,76; 0,89; 0,81 para três medidas de avaliação da autoeficácia, respectivamente.	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 10 pontos	Técnicos (execução do saque); Psicológicos (Cognitivo, devido à técnica de automodelagem utilizada)
GOMES et al., (2012)	1ª Fase 9 atletas média de idade 23.78(3.86) e tempo de prática 10	Escala de Autoeficácia Individual para o Voleibol (EAIV) (CARMO, 2006). Questionário	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 11 pontos	

	(6.21) anos 2ª Fase 11 atletas média de idade 24.36(3.13) e tempo de prática 11(5.34) 3ª Fase 10 atletas média de idade 22.80(3.58) e tempo de prática 11.1(5.99) Todos atletas competiam em níveis variados (regional, nacional e inter).	composto por oito itens, com escala de resposta <i>Likert</i> de 0 a 11 pontos. Questiona o atleta em relação ao grau de confiança que ele possui em sua habilidade para desempenhar competências importantes do jogo.			Técnicos (saque, levantamento, recepção, defesa, ataque e bloqueio). Táticos (força erros oponentes) Psicológicos (recuperar de maus desempenhos, derrotar adversários)
GILSON et al., (2012)	9 atletas de voleibol	O instrumento <i>Self-efficacy Effort Questionnaire</i> (SEEQ) possui onze itens e foi utilizado para avaliação do grau de confiança que o atleta apresenta quanto ao seu esforço para o treinamento de força, comparando sua autoavaliação e a avaliação do seu treinador. Cada item possui uma escala <i>Likert</i> de 11 pontos, sendo que varia de 0 a 100%.	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 11 pontos	Físicos
BLECHARZ et al., (2014)	De um total de 56 atletas, 31% eram de voleibol Média de idade 22.70(3.43) Tempo de experiência 11.23(3.94) (apenas estudo 1) Média de idade 27.4 (4.9).	Escala de Autoeficácia Geral (GSE) (Luszczynska et al., 2005), composta por dez itens, como, por exemplo, "Eu posso sempre conseguir resolver problemas difíceis se eu tentar muito". Escala de resposta de 1 a 4 pontos. Apresentou o valor do Alpha de Cronbach de 0.89 para o estudo.	Expectativa de Eficácia Pessoal	Escala <i>Likert</i> de 4 pontos	Psicológicos
GUICCIARDI et al., (2016)	133 jogadores de voleibol	A Escala Multidimensional de	-	Escala <i>Likert</i> de 4 pontos	

	<p>64 homens e 69 mulheres</p> <p>Média de idade 25.34; DP = 5.48</p> <p>Anos de experiência 13.9; DP = 5.22 anos</p>	<p>Autoeficácia no Voleibol (V-MSES; Guicciardi, Fadda & Delitala, 2016) investiga a autoeficácia, com perguntas aos jogadores para avaliar o grau de confiança em suas capacidades para executar uma tarefa específica.</p> <p>Questionário é composto por 10 items, com 5 pontos, tipo <i>Likert</i> (1 = não confiante e 5 = completamente confiante).</p> <p>Alpha de Cronbach de 0.86 para a dimensão da Regulação das emoções e 0.69 para Comunicação.</p> <p>Análise Fatorial Confirmatória</p> <p>V-MSES discrimina os jogadores de elite e não elite</p> <p>Correlações entre V-MSES com a tarefa e orientação para o ego</p>			<p>Técnicos/ Táticos</p> <p>Regulação das emoções</p> <p>Comunicação</p> <p>Motivação para prática</p>
--	---	--	--	--	--

As características dos participantes demonstraram que em relação ao sexo, três estudos foram realizados com atletas do sexo feminino, um com atletas do sexo masculino, dois com ambos os sexos e um não relatou o sexo dos participantes. Em relação à idade, a média de participantes foi de 21,16 anos. Com relação aos meses ou anos de experiência na modalidade voleibol, três estudos não relataram essa informação. Os outros estudos, no entanto, variaram de 1,3 a 13,9 anos, com uma média de 10,34 anos de experiência.

Quanto à forma de avaliação da autoeficácia encontrada nos estudos revisados, foram utilizados questionários, sendo um especificamente elaborado para o estudo em questão (LOX, 1992), três com a modalidade voleibol (LOX,

1992; GOMES et al., 2012; GUICCIARDI; et al., 2016), três para o contexto esportivo (ZETOU et al., 2008, 2012; GILSON et al., 2012) e um de autoeficácia geral (BLECHARZ et al., 2014).

Quanto aos atributos relacionados à autoeficácia no voleibol, observaram-se aspectos psicológicos (um estudo), aspectos físicos (um estudo), aspectos técnicos (quatro estudos), aspectos técnico-táticos (um estudo), regulação de emoções, motivação para a prática e comunicação. Os principais indicadores relacionados às habilidades da prática de voleibol (recepção, levantamento, saque, ataque, bloqueio, defesa) também foram observados.

2.1.2 Psicometria

A Psicometria, quando aplicada no âmbito esportivo, auxilia pesquisadores e profissionais da área a mensurarem construtos psicológicos em atletas, possibilitando que estes sejam relacionados com outras variáveis psicológicas, com o desempenho técnico ou com o resultado final em uma competição. Para isso, utilizam-se de técnicas para mensurar comportamentos que se desejam avaliar, como por exemplo, questionários, entrevistas, entre outros (BARROSO, 2007).

Contudo, para que ocorra adequada elaboração de instrumentos de medida é necessário que determinados passos sejam seguidos. Pasquali (1998) propõe três pólos, denominados de procedimentos teóricos, procedimentos empíricos (experimentais) e procedimentos analíticos (estatísticos).

Os procedimentos teóricos dizem respeito à teoria que fundamentará o construto, para o qual se pretende criar um instrumento de medida, bem como a operacionalização do construto em itens. Este pólo tem como objetivo apontar a teoria do traço latente, os tipos e as categorias de comportamento que compõem uma expressão correspondente do mesmo traço latente (PASQUALI, 1998).

Os procedimentos empíricos (experimentais) tratam da definição de amostras e de orientações do teste, a aplicação do instrumento piloto e a coleta de dados válida para o seguimento da investigação das qualidades psicométricas do instrumento (PAWLOWSKI et al., 2007).

Os procedimentos analíticos (estatísticos) dizem respeito à última etapa de construção de um instrumento psicológico, contemplando análises estatísticas a serem realizadas para validação, precisão e normatização do teste, quando cabível. Consideram-se nesta etapa as análises das evidências de validade de construto e de critério (PAWLOWSKI, 2007).

A seguir serão caracterizados os três polos para a construção de instrumentos psicológicos, conforme propõe Pasquali (1998).

O primeiro polo, procedimentos teóricos, se faz a escolha do construto a ser estudado, a definição de suas propriedades (atributos), o conhecimento da dimensionalidade desses atributos, que diz respeito à semântica do construto.

Deve-se distinguir se o construto é unifatorial ou multifatorial, tendo por base outros estudos sobre a mesma temática ou por dados empíricos que tenham utilizado análises fatoriais para sua distinção. Os fatores que contemplam o construto (atributo) são fruto deste passo.

Nesta etapa, é importante a conceituação clara e precisa dos fatores para os quais se pretende elaborar o instrumento, tendo a saber as definições constitutivas e as definições operacionais do construto. As definições constitutivas dizem respeito à definição do construto em questão, por meio de outros construtos baseados em conceitos da própria teoria. É encontrado o conceito em enciclopédias e dicionários, pois ali são definidos em termos de outros conceitos, ou seja, conceitos que são realidades abstratas. São importantes na construção de instrumentos de medida porque elas situam o construto, exata e precisamente, dentro da teoria, suportando as balizas e limitações que se devem explorar quando o construto estiver sendo mensurado. Isso permite avaliar a qualidade do instrumento em relação a quanto de sua extensão semântica é abrangida pelo instrumento, tendo como ponto de partida instrumentos melhores e piores, na medida em que mensuram mais ou menos a expansão conceitual do construto (definição constitutiva).

Como próximo passo, tem-se a operacionalização do construto, que corresponde à construção dos itens, ou seja à definição característica e operacional dos mesmos - operacionalizá-los em tarefas comportamentais.

As definições operacionais são o transcurso do terreno abstrato (definições constitutivas) para o concreto, possibilitada pelas definições operacionais do construto, ou seja, o instrumento de medida é uma operação concreta, empírica. Neste momento, é que se fundamenta a validade do instrumento por meio da representação empírica e comportamental do traço latente – o construto. É possível perceber se o construto é operacional quando ele passa a ser definido em termos de operações concretas, ou seja, comportamentos físicos dos quais o construto se manifesta.

É importante e decisivo que as definições operacionais dos construtos sejam realmente operacionais e abranjam o construto mais amplamente possível. Vale destacar que nenhuma definição operacional extenua a magnitude semântica de um construto. O que pode ocorrer são definições operacionais com menor ou maior amplitude do construto, com qualidade, ou não, da definição do construto, o que refletirá sobre o instrumento que terá como base esta definição operacional.

As definições operacionais podem considerar o construto em uma escala de proporção de coincidência entre construto e definição operacional que vai de 0 a 1; sendo 0, quando a definição operacional não cobre nada do construto e 1, quando ela cobre 100% do espaço semântico do construto. Vale a ressalva de que nenhuma definição operacional é capaz de cobrir 100% do construto. O essencial, é que quanto mais covariância houver entre o construto e a definição operacional, maior qualidade terá o construto e maiores serão as chances de o instrumento obter maior qualidade. Portanto, para que ocorra abrangência do construto é importante que as definições operacionais listem categorias de comportamentos que representem o construto, assim, quanto mais completa for esta listagem, maior será a chance do instrumento ser válido e útil.

Como fonte para esta listagem, pode-se utilizar a literatura adequada acerca do construto, as entrevistas com os especialistas na área, com a população alvo, a experiência do próprio pesquisador e a análise de conteúdo

do construto em outros testes que afirmam o construto em questão. Os itens precisam ter o cuidado de serem elaborados em função das definições operacionais do construto que foi exaustivamente analisado em seus fundamentos teóricos e nas evidências empíricas (dados disponíveis).

Em seguida, após ter uma base de dados para construção dos itens, 12 regras ou critérios fundamentais para correta criação dos itens devem ser seguidas, tanto para os itens de forma individual quanto para o conjunto de itens. Dependendo do tipo de traço a ser medido, se de aptidão ou de personalidade, algumas regras se aplicam e outras não. Os itens de 1 a 10 dizem respeito à construção dos itens individualmente. Os itens 11 e 12 são referentes ao conjunto de itens (todo o instrumento).

1. Critério comportamental: o item deve expressar um comportamento, de modo que a pessoa consiga realizar uma ação.
2. Critério de objetividade ou de desejabilidade: em caso de escalas de aptidão, os itens devem representar comportamentos, que propiciem ao respondente uma resposta certa ou errada. Em caso de escalas de atitudes e de personalidade em geral, os itens devem evidenciar comportamentos desejáveis (atitude) ou característicos (personalidade). Nesta escala, o indivíduo pode concordar ou discordar, ou opinar acerca de tal comportamento, não existindo respostas certas ou erradas, mas sim preferências, sentimentos, gostos e maneiras de ser.
3. Critério da simplicidade: o item deve apontar uma única ideia, sem explicações de termos ou justificativas acerca do tema, que podem gerar confusão ao respondente.
4. Critério da clareza: o item deve ser claro e de fácil compreensão para qualquer extrato da população. As frases devem ser curtas com expressões simples e redigidas de forma positiva ou afirmar a negatividade, em vez de negar uma afirmação. Deve-se utilizar o linguajar típico da população alvo na formulação dos itens.
5. Critério da relevância (pertinência, saturação, unidimensionalidade, correspondência): a frase deve ser consistente com o traço e com outras frases que contemplam o mesmo atributo. Este critério remete à

saturação que o item tem com o construto, representada pela carga fatorial, na análise fatorial, e que apresenta covariância entre o item e o fator (traço).

6. Critério da precisão: o item deve possuir uma posição definida no contínuo atributo e ser diferenciado dos outros itens que acobertam o mesmo contínuo. Esse critério presume que o item pode ser encontrado em uma escala de estímulos. Em termos de Thurstone, o item deve apresentar uma posição escalar modal definida e um desvio-padrão reduzido. Tratando-se da Teoria da Resposta ao Item (TRI), este critério demonstra os parâmetros “b” (dificuldade) e “a” (discriminação) e consegue ser avaliado de maneira definitiva apenas após a coleta de dados empíricos acerca dos itens.
7. Critério da variedade: especificado por dois aspectos, sendo (1): variar a linguagem, utilizar termos diferentes para não ocorrer monotonia, cansaço e aborrecimento na leitura do instrumento e (2): no caso de escalas de preferências, elaborar metade dos itens em termos favoráveis e metade em termos desfavoráveis, para prevenir o erro da resposta estereotipada à esquerda ou à direita da escala de resposta.
8. Critério da modalidade: utilizar expressões de costume. Evitar expressões extremadas (exageradas), o que pode viciar a escala.
9. Critério da tipicidade: criar frases com expressões que condizem à realidade do atributo.
10. Critério da credibilidade (*face validity*): o item deve ser formulado de modo que não pareça como desapropriado à população alvo. Caso o item pareça infantil em relação à população a qual é destinado, pode gerar desconforto e o adulto pode sentir-se ofendido, o que pode gerar vieses no teste.
11. Critério da amplitude: o conjunto de itens deve envolver toda magnitude do atributo, podendo discriminar os sujeitos respondentes que possuem um traço alto, quanto os que possuem um traço pequeno e não somente entre os de traço alto em relação aos de traço baixo. Esse critério diz respeito ao parâmetro “b” da TRI.

12. Critério do equilíbrio: devem conter itens no instrumento de porte fácil, médio e difícil de aptidões, ou fracos, moderados e extremos, no caso de atitudes. Os itens devem se distribuir numa curva normal: maior parte dos itens de dificuldade mediana e reduzindo progressivamente em direção às caudas, itens fáceis e itens difíceis em menor proporção, o que representa a população, dentro da curva mediana.

Em seguida, a quantidade de itens que comporão o instrumento deve ser razoável, em torno de 20 itens. Esse número pode variar de acordo com o construto, para mais ou para menos. Para se chegar a esses 20 itens, recomenda-se que se inicie com o triplo de itens, para no final, poder se garantir um terço deles. Baseado nesta técnica do traço latente, para restarem 20 itens no final de toda a elaboração e validação do instrumento, não é necessário iniciar com mais que 10% de itens além dos 20 requeridos no final do instrumento. Isso se deve aos itens incluídos no instrumento piloto que possuem validade teórica real e não simplesmente aparentam ter validade.

Em procedência, parte-se para análise teórica dos itens, em que ocorre a análise semântica dos itens e a análise dos juízes (especialistas). Na análise semântica dos itens, uma amostra da população de estrato mais baixo de conhecimento e uma de estrato mais elevado de conhecimento são constituídos em dois grupos de até quatro pessoas de cada estrato. Inicia-se pelo estrato mais baixo da população alvo, solicita-se que, item por item, o grupo reproduza. Caso a reprodução do item for clara, sem dúvidas, entende-se que o item é compreendido adequadamente. Caso surjam dúvidas na reprodução do item ou se o pesquisador perceber que o item está sendo entendido da maneira diferente daquela do pesquisador, o item apresenta problemas. Neste caso, o pesquisador explica ao grupo como o item pretendia ser compreendido e o mesmo é reformulado.

Na análise dos juízes, o instrumento, previamente concebido, é enviado aos especialistas para que avaliem o número de itens necessários para mensurar o construto em questão (análise teórica dos itens), bem como se os itens refletem os comportamentos que evidenciam o construto. Estes especialistas analisam os itens em uma escala de resposta tipo *Likert*, de 1 a 5,

sendo 1 discordo completamente e 5 concordo plenamente, em que avaliam a clareza de linguagem dos itens, que refere-se a estrutura dos itens e os termos empregados, bem como a compreensão do respondente no momento do preenchimento do instrumento, a pertinência prática, que diz respeito a significância do item na composição do instrumento para mensuração do construto em questão, a relevância teórica que representa o quanto o item evidência a teoria na qual se sustenta o instrumento e a dimensão teórica que indica a alocação do item em determinada dimensão quando o instrumento é projetado multidimensionalmente. Caso discordem de algum item e atribuam valores inferiores a 3, o especialista deverá sugerir mudanças e melhorias no instrumento (CASSEPP-BORGES *et al.*, 2010). Após o retorno dos especialistas, o instrumento segue para uma aplicação piloto.

O segundo polo diz respeito aos procedimentos empíricos (experimentais), que abordam a questão do número de sujeitos que devem participar da amostra, a testagem do instrumento concebido como estudo piloto, as devidas recomendações ao teste e, posteriormente, as coletas de dados apropriadas para a sequência do estudo e verificação das qualidades psicométricas do instrumento (PASQUALI, 2010).

O terceiro polo remete aos procedimentos analíticos (estatísticos) que fazem parte da última etapa de construção de um instrumento. Contemplam este momento, as análises das evidências de validade de conteúdo, construto e critério, bem como da fidedignidade, averiguada pela estabilidade e consistência interna do instrumento, além da sua sensibilidade.

Para determinar a concordância dos especialistas acerca da validade de conteúdo do instrumento é utilizado o índice *Kappa* ponderado, que verifica o grau de concordância e a magnitude da discordância dos especialistas nos valores atribuídos ao instrumento. Quando analisa-se o conjunto de especialistas, utiliza-se o *Kappa* médio (CASSEP-BORGES *et al.*, 2010).

Na validade de construto, que visa explicar o significado do traço latente para o qual foi projetado o instrumento (FACHEL; CAMEY, 2000), é aconselhado a aplicação da Análise Fatorial Exploratória (AFE), com o objetivo de avaliar um padrão de correlações existentes e agrupá-las em fatores que

representam dimensões latentes (HAIR et al., 2006). Ainda, deve-se utilizar a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para mensurar um construto específico ou analisar de maneira pré-determinada se um conjunto de elementos confirma uma estrutura prevista (MUELLER, 1996), sendo possível alcançar índices de adequação entre modelos pré-estabelecidos com um modelo já estabelecido pela literatura.

A validade de critério diz respeito a quanto um teste consegue prever um determinado desempenho, ou seja, utilizando os dados do instrumento em questão e comparando com outro teste que avalie a variável em evidência. Pode ser dividida em validade concorrente e validade preditiva. A validade concorrente ocorre quando a coleta de dados do instrumento a ser validado é realizada ao mesmo tempo que a coleta do instrumento critério. Já a validade preditiva acontece quando a coleta de dados do instrumento critério for realizada posteriormente à coleta do instrumento em ênfase. Quanto mais relação houver entre os instrumentos (a ser validado e o critério) maior é sua validade (MARTINS, 2006).

A fidedignidade tem como objetivo analisar a consistência de um instrumento, analisada pela sua estabilidade temporal, por meio do teste-reteste, que apresenta o quanto os valores obtidos por um indivíduo em um teste mantêm-se consistentes quando o instrumento é reaplicado no mesmo indivíduo (ANASTASI; URBINA, 2000). As análises estatísticas utilizadas para este propósito são o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) e o Índice *Kappa*. Considera-se um teste fidedigno quando ele reproduz resultados similares em aplicações distintas, nas mesmas condições (FACHEL; CAMEY, 2000).

Outra forma de se avaliar a fidedignidade do instrumento é pela consistência interna, que verifica a precisão de um teste, por meio de correlações entre os itens do instrumento proposto, bem como pelo escore total dos itens analisado por meio do teste estatístico *Alpha de Cronbach* (NETEMEYER et al., 2003).

A sensibilidade é uma medida utilizada para detectar se o instrumento consegue discriminar os sujeitos em suas respostas ao teste em decorrência

do seu desenvolvimento, mudanças de faixas etárias ou de variações relacionadas ao construto (ALVES, 2006a). Na atualidade, tem-se utilizado outros testes, como, por exemplo, testes de invariância do instrumento, seja para avaliar diferenças de respostas entre sexos, idades ou categorias (SATORRA; BENTLER, 2001).

Historicamente, a validade dos testes era classificada por três tipos, denominada “santíssima trindade da validade”, que compunham a validade de conteúdo, validade de critério e a validade de construto (MUNIZ, 2004). Com a evolução da Psicometria, essa definição tripartite foi polida e questionamentos, principalmente em relação à validade de construto, foram levantados. Apontava-se que tanto a validade de conteúdo como a validade de critério tendem a demonstrar informações relacionadas ao construto, com intuito do entendimento dos escores dos testes, mesmo que de natureza distinta (MESSICK, 1989).

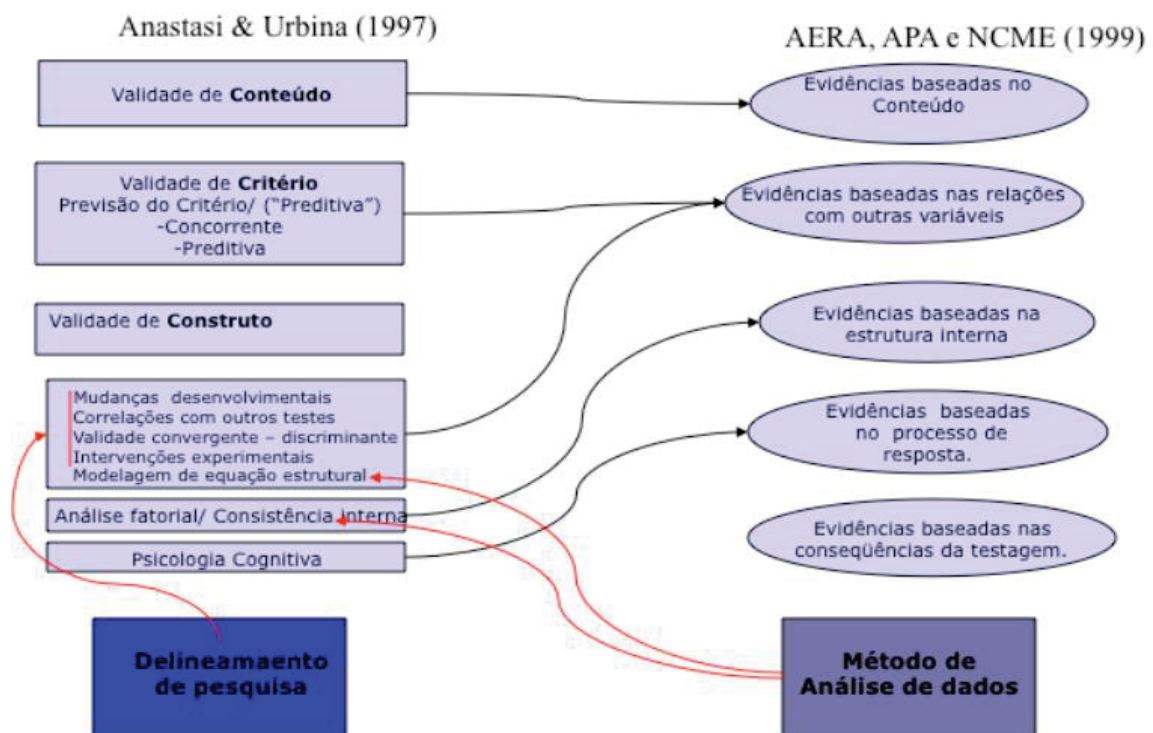
A primeira está relacionada à representatividade, relevância e abrangência das unidades que constituem o teste em relação ao construto que o baseia. A segunda trata de questões acerca da utilidade prática na previsão de variáveis externas importantes. Sendo assim, quase todo conhecimento acerca do teste colaborará para sua validade de construto e, sendo assim, todo estudo de validade, de alguma forma, é uma averiguação da validade de construto, pois informa como interpretar os escores de um teste (PRIMI et al., 2009).

A partir dessas discussões, foram propostas alterações no conceito de validade de construto, considerando-o como sinônimo de validade, pois compreende todas as outras formas de validade. Assim, todos os métodos abrangem, de certa forma, alguma especificidade sobre quão bem o teste avalia o construto desejado. A expressão “tipos de validade” também foi alterada para “fontes de evidência de validade”, com o objetivo de reforçar o termo conceitual, que manifesta as distintas maneiras de compreendê-lo (conteúdo, correlações teste-critério, etc) (PRIMI et al., 2009).

Dessa forma, cada evidência específica trata aspectos diferentes em função de um conceito único acerca da interpretação dos escores de um teste.

A versão do *Standards*, atualizada em 1999 (STANDARDS FOR EDUCATIONAL AND PSYCHOLOGICAL TESTING, 1999), não denomina mais um tipo específico de procedimento chamado validade de construto e passaram a definir os antigos tipos de validade como fontes de evidência de validade (PRIMI *et al.*, 2009). Outras nomenclaturas também foram aprimoradas na visão contemporânea dos Standards. A Figura 1 sintetiza as mudanças nas expressões utilizadas no antigo modelo conceitual (santíssima trindade da validade) e aquelas utilizadas na visão contemporânea dos Standards (1999).

Figura 1. Comparação do antigo modelo conceitual “Santíssima Trindade da Validade” com a visão contemporânea dos Standards.



Fonte: Definições Contemporâneas de validade de testes psicológicos (Primi *et al.*, 2009).

Em 2014, a *Standards for Educational and Psychological* (STANDARDS FOR EDUCATIONAL AND PSYCHOLOGICAL TESTING, 2014) foi atualizada e apresenta o conceito de precisão como uma evidência de validade da estrutura interna e utiliza o conceito de validade convergente para a relação entre distintas medidas. Para presente tese, será adotado o modelo baseado na visão contemporânea dos Standards (1999; 2014).

2.1.2.1 Escalas de medida

A medida faz parte das pesquisas em diversas áreas de estudo, sendo uma das maneiras pela qual é possível coletar dados, ter acesso e descrição de informações para compreender situações e fenômenos de interesse (JÚNIOR; COSTA, 2014). Quando se pensa em construção de escalas de medida é preciso considerar aspectos relevantes a respeito do desenvolvimento do instrumento em questão. Esta é uma tarefa complexa, devido aos diversos aspectos envolvidos, como, por exemplo, a tomada de decisão em relação à escala de medida pretendida (VIEIRA; DALMORO, 2008).

Desde o trabalho de Freyd, datado de 1923, discutia-se também os vários formatos de escalas de resposta disponíveis, que se baseavam em modelos de 10 ou 100 pontos, o que ocorria pela compreensibilidade do sistema de numeração 0 a 10 e ao pensamento do indivíduo em relação à igualdade psicométrica existente entre os pontos da escala. Por exemplo, a escala "*Decile*" compreende uma série de instruções correspondentes a diferentes níveis de construtos "força" com números de 0 a 10, tendo como exemplo, *Deciles* 1-2 representando os 20% e assim sucessivamente (CUMMINS; GULLONE, 2000).

Em seguida, os estudos acerca da medida social de Louis Leon Thurstone (THURSTONE, 1931) indicaram que as escalas são compostas por um grupo de itens em que o indivíduo deveria expressar seu acordo ou desacordo. Nos estudos de Rensis Likert, sobre método de construção de uma escala de atitude (LIKERT, 1932), as escalas são constituídas por um conjunto de itens, em que o indivíduo deve externar seu grau de concordância, desde o discordo totalmente ao concordo totalmente.

Diferentes estudos, em distintas áreas da ciência, têm estudado as implicações na utilização de escalas tipo *Likert*, principalmente quanto ao tamanho da escala de resposta (em níveis, 3, 5, 7 ou 11). Inicialmente, as pesquisas ressaltavam que quando há aumento no número de pontos de

seleção, há mais espaço para que os sujeitos apresentem conjuntos de respostas.

Posteriormente, encontraram-se desarmonia nos pontos de vista em relação à relevância de escalas mais curtas e mais longas. Dada essa indecisão, observa-se mais comumente escalas mais curtas, o que diminui o tempo de resposta nas pesquisas (CUMMINS; GULLONE, 2000). Embora, vale ressaltar, que dependendo da área, a pouca quantidade de itens na escala de medida pode não permitir uma boa discriminação das respostas, dificultando encontrar diferenças significantes entre os itens e restringindo as análises estatísticas (COELHO; ESTEVES, 2007).

A quantidade de itens no instrumento (escala de medida) e qual a melhor escala de resposta a ser utilizada têm sido motivo de controvérsias, nas últimas seis décadas (HALPIN, HALPIN, ARBET, 1994). Essa falta de clareza depende do conteúdo que a escala pretende medir (JÚNIOR; COSTA, 2014). Os respondentes com maior facilidade e experiência na resposta de escalas possibilitam a utilização de escalas com mais pontos, pois identificam relações importantes, o que implicará em uma alta validade dos construtos e testes de hipóteses teórico-práticos (COELHO; ESTEVES, 2007).

As três propriedades básicas das escalas *Likert* consideradas são confiabilidade, validade e sensibilidade. O que se encontra na literatura psicométrica, diz respeito, na sua maioria, ao número de pontos da escala de resposta, considerando os problemas que a quantidade de itens e a mudança no número de pontos da escala pode gerar sobre a validade da mesma (VIEIRA; DALMORO, 2008). A validade diz respeito ao número de opções que o sujeito dispõe ao analisar mentalmente o conhecimento acerca do tema a ser perguntado e a maneira como interpretará para responder ao instrumento. Isto ocorre porque a variação no número de itens da escala pode gerar complexidade, uma vez que na medida em que o número de pontos na escala aumenta, a multiplicidade de escolha do respondente e a discriminação entre a escolha de respostas também se amplia (CAMPELL, 1988; VIEIRA; DALMORO, 2008). Já a sensibilidade identifica a magnitude das diferenças de determinadas variáveis entre grupos (ALVES, 2006b).

As escalas de resposta requerem, ainda, do indivíduo ao menos dois aspectos a serem analisados, conteúdo e intensidade. O respondente necessita perceber o assunto do item e, posteriormente, emitir sua opinião discordando ou concordando com a afirmação do item, levando em consideração a intensidade desta concordância ou discordância. Apesar de não aparentar um problema, isso pode exigir maior complexidade cognitiva da escala, principalmente quando a escala é composta por muitos pontos (HODGE; GILLESPIE, 2003).

Outros autores propõem que, ao responder uma escala, o indivíduo passa por um processo de quatro estágios: 1. interpreta o item; 2. recupera pensamentos e sentimentos relevantes; 3. formula um julgamento baseado nestes pensamentos e sentimentos relevantes; e 4. seleciona uma resposta (TOURANGEAU; RASINSKI, 1988).

Outro ponto importante a ser discutido diz respeito à dificuldade de decisão acerca do número par ou ímpar de pontos. O que se sabe, é que uma escala de resposta com número ímpar de pontos simplifica o processo de resposta devido ao ponto intermediário (neutro). Esse ponto neutro acaba gerando um problema do ponto de vista conceitual, visto que, em uma escala de concordância, o ponto neutro não manifesta concordância alguma e o número central é um dado ponto de concordância (HODGE; GILLESPIE, 2003; COSTA, 2011).

Quando há complexidade maior nas possibilidades de resposta, há uma predisposição a despertar a utilização de decisões heurísticas, como o *status quo*, levando o respondente a optar pela mesma alternativa de resposta para cada item. Entretanto, o número de alternativas de resposta difere em relação a categorias de pessoas. Indivíduos com maior capacidade cognitiva, ou de processamento de informação, podem ser capazes de melhor discriminar entre mais alternativas e aquelas menos propensas a utilizar o *status quo* (WEATHERS *et al.*, 2005).

Na presente tese, será utilizada a escala de resposta de 0 a 100 pontos, tomando-se por base as recomendações do guia de construção de escalas de autoeficácia de Bandura (2006). Bandura (2012) salienta que uma escala do

tipo *Likert* é apropriada para fenômenos que têm valências positivas e negativas, como atitudes, opiniões e gostos e desgostos, mas não para a autoeficácia, porque um julgamento de incapacidade total (0) não tem gradação negativa mais baixa. Não se pode ser menos do que completamente ineficaz.

As escalas de eficácia são unipolares, variando de zero a uma força máxima de crença. Escalas bipolares de autoeficácia com gradações negativas abaixo do ponto zero não fazem sentido. Na pontuação da escala bipolar descontínua, os autores convertem segmentos positivos e negativos parcialmente ordenados disjuntos com neutros intermediários (não concordam nem discordam) como se fossem uma gradação unipolar completamente ordenada. Não faz sentido dizer que se tem um nível neutro de autoeficácia. Quando as classificações em uma escala bipolar são convertidas em uma escala ordinal unipolar, o significado do ponto médio neutro é reconstruído como um nível moderado de autoeficácia. Infelizmente, escalas bipolares tipo *Likert* estão começando a aparecer como medidas de autoeficácia, com significado distorcido (BANDURA, 2012).

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOEFICÁCIA NO VOLEIBOL

3. 1 INTRODUÇÃO

A excelência esportiva requer o desenvolvimento de diversas facetas relacionadas ao rendimento atlético, as quais envolvem condições físicas, técnicas, táticas e psicológicas aprimoradas para que se alcance um desempenho desejável (GRECO, 1995; GARGANTA, 1998; LLEWELLYN *et al.*, 2008; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2014).

No que se refere aos aspectos psicológicos, a autoeficácia tem sido estudada, internacionalmente, em distintas modalidades e apontada como importante preditor da performance atlética (FELTZ; MAGYAR, 2006; ORTEGA *et al.*, 2009; DAROGLU, 2011). É considerada como a crença que o atleta tem na sua capacidade de realizar cursos de ações necessárias para alcançar determinado objetivo. Tais crenças determinam o tempo despendido, o grau de esforço e o quão persistente o atleta irá se manter para realizar determinado objetivo, além de regular os seus padrões de pensamento e comportamento, influenciando as reações afetivas e a motivação do esportista (BANDURA, 1994).

No cenário esportivo atual, em que detalhes fazem a diferença entre o primeiro e o último colocado em uma prova ou competição, é de extrema importância que crenças positivas estejam estabelecidas para uma boa execução de habilidades motoras. No entanto, é preciso compreender que a autoeficácia não é um traço global e sim um grupo distinto de crenças autorreferentes (*self-beliefs*) relacionadas a domínios diferentes e específicos de funcionamento. Não há uma medida geral de autoeficácia que contemple todos os objetivos e sim medidas multidimensionais capazes de revelar os padrões e o nível de generalização da autoeficácia de uma pessoa (VIEIRA, 2012). Uma medida que serve para tudo perde no valor preditivo e explicativo, devido à pouca expressão para o domínio de desempenho em questão. Desta forma, as escalas de autoeficácia devem ser elaboradas para o domínio específico do funcionamento da área de investigação (BANDURA, 1997).

Em uma revisão integrativa da literatura acerca da autoeficácia esportiva, Machado *et al.* (2014) verificaram que, além da falta de especificidade dos instrumentos para a avaliação deste construto psicológico, não foram encontrados instrumentos validados para o contexto esportivo

brasileiro, tanto em modalidades individuais como coletivas. Nesta revisão, também não foram encontrados, na língua portuguesa, instrumentos para avaliação da autoeficácia, que contemplassem todas as etapas necessárias para a construção de instrumentos, com o devido rigor psicométrico, o que inviabiliza seu uso para investigações futuras (MACHADO *et al.*, 2014).

As dificuldades para a avaliação da autoeficácia esportiva se tornam ainda maiores, quando se leva em consideração o nível, a força e a generalização deste construto psicológico, pois alguns instrumentos não especificam o que pretendem avaliar. Consideradas por Bandura (1997) como importantes dimensões da autoeficácia, o nível de autoeficácia refere-se à materialização, ou não, do desempenho que o atleta acredita realizar ou ao número de tarefas que ele espera suceder. A força de autoeficácia tem relação ao grau de certeza que o atleta tem em realizar bem tarefas com distintos níveis de dificuldade. A generalização das expectativas de autoeficácia refere-se à quantidade de domínios, circunstâncias específicas ou especialidades em que o atleta se julga eficaz (BANDURA, 1990).

Ainda, outra questão importante a se considerar, diz respeito à clara distinção entre as expectativas de autoeficácia e as expectativas de resultado, muitas vezes inexistentes na avaliação da autoeficácia. As expectativas de autoeficácia dizem respeito à capacidade de realizar ações e as expectativas de resultado referem-se à consequência dessas ações, em que o indivíduo pode não operar qualquer controle (BANDURA, 1986).

Especificamente no contexto do voleibol brasileiro, modalidade de análise no presente estudo, também não foram encontrados trabalhos científicos que tivessem avaliado a autoeficácia esportiva (MACHADO *et al.*, 2014). Estudos com o voleibol universitário (KITSANTAS; ZIMMERMAN, 2002) (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) não utilizaram instrumentos validados para o contexto esportivo do voleibol. No estudo de Kitsantas e Zimmerman (2002) foi avaliada a eficácia do saque de atletas do sexo feminino (experientes, não experientes e novatas) em locais determinados da quadra de voleibol e sua relação com a autoeficácia das atletas e aos processos de autoerregulação na habilidade do saque. Os achados desse estudo apontaram diferenças na eficácia, autoeficácia e na autorregulação das atletas, tanto nas experientes como nas não experientes e novatas (KITSANTAS; ZIMMERMAN, 2002). No

entanto, nesse estudo não foi utilizada uma medida construída especificamente para avaliação da autoeficácia esportiva de atletas de voleibol, mas sim uma medida para estudantes, utilizada para outras modalidades esportivas, e que não apresenta um processo de construção e/ou evidências de validade do instrumento, mas sim poucas análises psicométricas. No estudo de Shoenfelt e Griffith (2008), foi avaliado um programa de habilidades mentais para melhora da autoeficácia no saque e do desempenho do saque de atletas em uma temporada esportiva, as autoras identificaram melhora da autoeficácia e da performance do saque das atletas ao término do programa. Contudo, esse instrumento visa avaliar a autoavaliação de atletas no saque, e não avaliação da autoeficácia de atletas neste fundamento. Ademais, o instrumento foi concebido para avaliação da autoeficácia de trabalhadores, sem ter sido feita a devida adaptação e validação para o contexto esportivo e, especificamente, para a modalidade do voleibol e do fundamento técnico em questão (saque).

A importância da avaliação da autoeficácia esportiva no contexto do voleibol, se dá pelo fato de os atletas encontrarem-se, constantemente, em situações tensas, como, por exemplo, em finais de sets, em que um erro pode ser crucial para a decisão do set ou da própria partida. Tais situações, que caracterizam momentos específicos da partida (seja no saque ou em outros fundamentos que compõem o jogo), exigem dos atletas características psicológicas otimizadas para uma boa performance.

No entanto, nestas circunstâncias, é comum identificar jogadores com diferentes crenças acerca da sua capacidade técnico-tática e/ou psicológica, que resultarão em condutas e rendimentos também diferenciados, que influenciarão sua atuação esportiva. No estudo de Marques et al. (2008), que abordou os sistemas de monitoramento estatístico de desempenho de atletas de voleibol (escalte) por meio de um projeto de um módulo de data mining que integre o sistema escalte, possibilitando às comissões técnicas realizarem ações mais concretas sobre estratégias e táticas de jogo apontou que há jogadores que podem ser divididos em fases no set (de 0 a 8 pontos, fase um; de 9 a 19, fase dois; e de 20 a 25, fase 3). Nessa classificação, consegue-se perceber os diferentes comportamentos dos atletas, relacionados a qualidade da jogada, concentração, obediência técnica e tática em virtude ao aumento do estresse emocional do final do set (MARQUES et al., 2008).

Assim, levando-se em consideração a importância de avaliações específicas e eficazes, que auxiliem na compreensão de aspectos psicológicos que podem interferir, positiva ou negativamente, no rendimento dos atletas, em situações de treinos e competições, pretende-se, neste estudo, construir e validar uma escala de avaliação da autoeficácia no voleibol.

3.1.1 Objetivos

3.1.2 Objetivo Geral

- Construir e testar psicometricamente um instrumento para avaliação da autoeficácia esportiva de atletas, de ambos os sexos, do voleibol brasileiro de alto rendimento.

3.1.3 Objetivos Específicos

- Estabelecer os indicadores de avaliação da autoeficácia esportiva para atletas de alto rendimento do voleibol brasileiro.

- Verificar as evidências baseadas na estrutura interna (análise fatorial e consistência interna) do instrumento concebido para avaliação da autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento.

- Analisar as evidências baseadas na relação do instrumento concebido com outras variáveis (autoeficácia geral).

- Verificar as relações entre a autoeficácia esportiva, idade, tempo de prática e sexo dos atletas.

- Verificar o poder de discriminação do instrumento concebido para avaliação da autoeficácia esportiva, por posições de jogo (levantador, ponteiro, central, oposto e líbero).

- Verificar a invariância do instrumento para atletas do sexo masculino e sexo feminino.

3.2 MÉTODOS

3.2.1 Caracterização do estudo

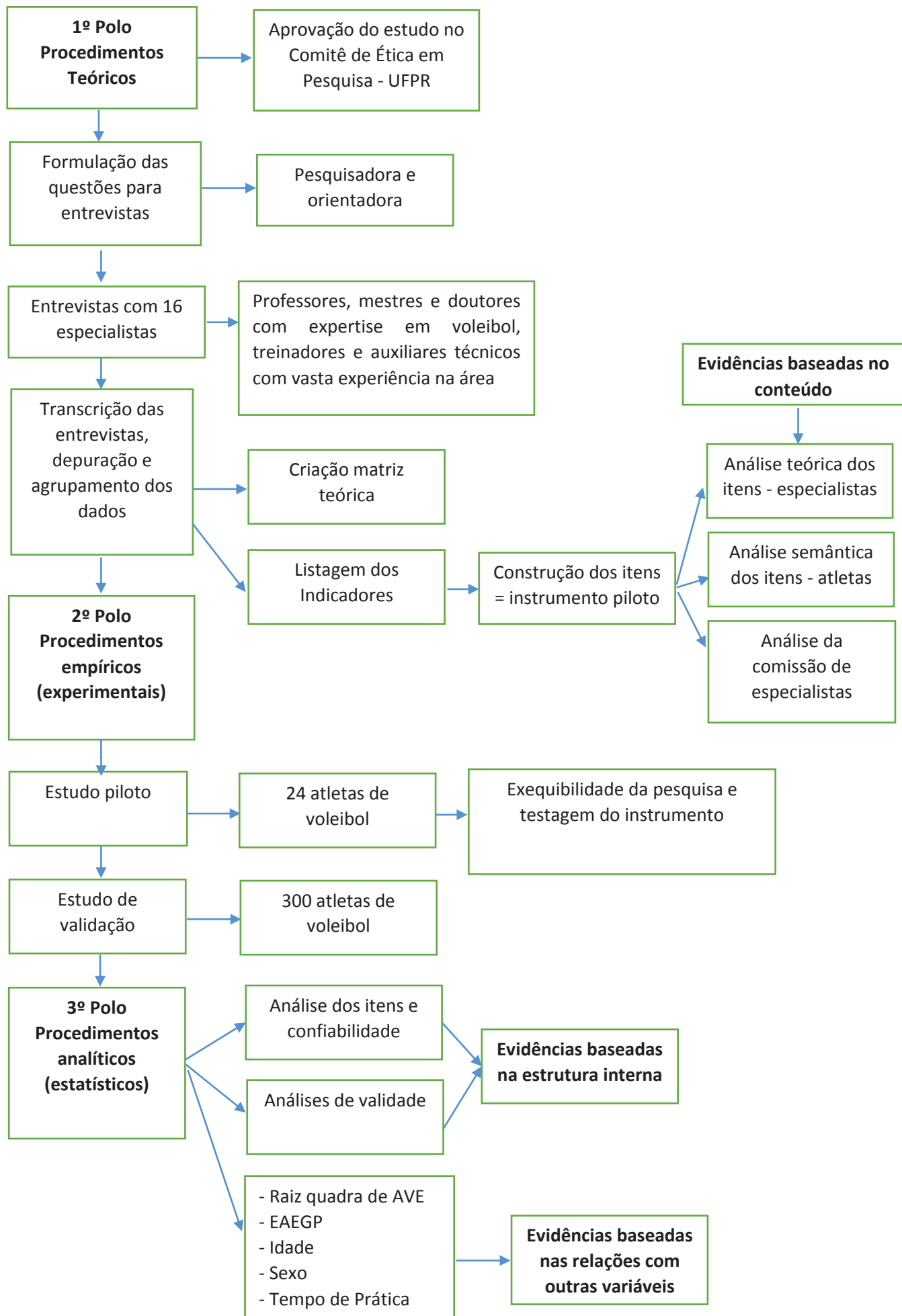
Esta pesquisa foi desenvolvida em uma perspectiva quali-quantitativa. Qualitativa porque tem ênfase no processo descritivo e interpretativo das informações coletadas a partir de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com especialistas do esporte, com o objetivo de proporcionar melhor compreensão da autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento, conceber hipóteses e identificar elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados (GIL, 2008). Quantitativa, porque se situa no âmbito da Psicometria, com intuito de construir e validar um instrumento para mensurar a autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento. Os estudos psicométricos, representados por comportamentos observáveis, utilizando-se da estatística como ferramenta, procuram identificar as propriedades psicométricas de um instrumento (PASQUALI, 2010).

3.2.2 Procedimentos

A construção do instrumento para avaliar a autoeficácia esportiva, no contexto do voleibol brasileiro de alto rendimento, foi fundamentada em três polos, seguindo os procedimentos propostos por Pasquali (1998): procedimentos teóricos, procedimentos empíricos (experimentais) e procedimentos analíticos (estatísticos).

As etapas de construção e validação do instrumento são apresentadas na Figura 2.

Figura 2. Fluxograma adotado para o modelo de pesquisa.



1ª ETAPA

1º Polo - Procedimentos Teóricos

Evidências baseadas no conteúdo

Para as definições constitutivas do construto psicológico, foram utilizadas a definição de autoeficácia apresentada na literatura científica, consultando-se livros e artigos científicos sobre o construto, que tiveram por base a Teoria da Autoeficácia (BANDURA, 1977; 1986; 1989; 1990; 1993; 1994; 1995; 1997; 2002; 2006; 2012).

FORMULAÇÃO DA MATRIZ TEÓRICA E ITENS DO INSTRUMENTO

Fonte da matriz teórica e dos itens

O levantamento dos dados que compuseram os itens do instrumento foi baseado em três fontes: na Teoria da Autoeficácia (BANDURA *et al.*, 1977; 1986; 1997; 1990; 2006; 2012), na extração do conteúdo das entrevistas realizadas com especialistas e em outros instrumentos de medida que se propunham a avaliar a autoeficácia no contexto da atividade física e esportiva.

A Teoria da Autoeficácia (BANDURA, 1997) explica o traço latente, seus tipos, categorias e comportamentos. As entrevistas foram utilizadas para o levantamento dos atributos referentes à autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento e serviram de suporte para a concepção da matriz teórica - *layout* dos atributos que deveriam ser levados em consideração para a operacionalização do construto em itens. Os instrumentos utilizados como referência foram selecionados por diferentes razões, trazendo contribuições importantes (conceituais, operacionais e/ou estruturais) para a concepção do instrumento para o contexto do voleibol. O *Golf Self-Efficacy Scale* (HAYSLIP JR *et al.*, 2010) por apresentar evidências de validade adequadas, o *Self-*

Efficacy to Regulate Exercise (BANDURA, 2006), por mensurar a regulação da autoeficácia no exercício e o *Cuestionario de Eficacia de Rol en boloncesto adaptada al fútbol* (BRAY et al., 2004), por propor escalas e formatos diferenciados de avaliação.

Após a aprovação do estudo no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, sob o parecer nº1.574.185, foram realizadas as entrevistas com 16 especialistas, sendo 75% do sexo masculino e 25% do sexo feminino. Para constituir o grupo de especialistas, os entrevistados deveriam atender a pelo menos um dos seguintes critérios: (1) serem treinadores e/ou integrantes de comissões técnicas de equipes adultas masculinas e femininas, com experiência, nacional e/ou internacional; (2) treinadores que dispunham de experiência com equipes de categorias de base, infantil, infanto-juvenil e juvenil; (3) treinadores com experiência em cargos de coordenação e supervisão de equipes e projetos de voleibol, tanto em categorias de base como no alto rendimento; e (4) professores mestres e doutores, com conhecimento nas áreas do voleibol, da psicometria e da psicologia do esporte (sete entrevistados). Todos os especialistas foram convidados a participar da pesquisa devido ao seu *know-how* e carreiras de sucesso na área, tendo, alguns deles, experiências vitoriosas em mundiais e olimpíadas. Vale ressaltar que alguns dos entrevistados enquadravam-se em mais de uma dos critérios descritos, podendo um mesmo entrevistado estar representado em mais de uma classificação. O grupo apresentou idade entre 32 a 59 anos, média de idade $46 \pm 8,12$ anos, experiência com o voleibol entre 15 a 49 anos, média de $25,2 \pm 7,88$ anos.

O Quadro 2 apresenta as características dos 16 entrevistados quanto à idade e ao tempo de prática com a modalidade em suas respectivas atividades, considerando os critérios descritos (atividades e experiências).

Quadro 2. Entrevistados, idade, tempo de prática e características dos especialistas

Entrevistado	Idade Tempo de Prática	Atividade					Experiência	
		Treinador	Professor		Auxiliar Técnico	Coordenador de Projetos de Voleibol	Experiência	
			Mestre	Doutor			Nacional	Inter- nacional
1	Idade: 59 anos TP: 29 anos	X				X		X
2	Idade: 53 anos TP: 33 anos				X	X		X
3	Idade: 52 anos TP: 31 anos				X			X
4	Idade: 49 anos TP: 25 anos	X				x		X
5	Idade: 42 anos TP: 19 anos	X			X	x		X
6	Idade: 38 anos TP: 19 anos					x		X
7	Idade: 43 anos TP: 20 anos	x				x		X
8	Idade: 44 anos TP: 25 anos	x				x	x	
9	Idade: 32 anos TP: 19 anos		x				x	
10	Idade: 38 anos TP: 19 anos		x			x	x	

11	Idade: 55 anos TP: 40 anos		x					X
12	Idade: 55 anos TP: 31 anos	x		x		x		X
13	Idade: 42 anos TP: 15 anos			x				x
14	Idade: 36 anos TP: 16 anos			x				X
15	Idade: 54 anos TP: 36 anos			x				X
16	Idade: 46 anos TP: 25 anos	x				x	x	

TP: Tempo de prática

Nesta etapa, para a definição do número de entrevistas, foram seguidos os procedimentos propostos por Ghiglione e Matalon (1993), contemplando-se o maior número possível de sujeitos entrevistados, até o momento em que as informações começaram a se repetir, de modo que nenhum outro indicador, que já não tivesse sido contemplado nas entrevistas precedentes, fosse mencionado pelos entrevistados. Segundo os autores, é raro, em estudos exploratórios que utilizam métodos não estandardizados, ver surgir novas informações após a vigésima ou trigésima entrevista, sendo preferível tomar conhecimento dos inquéritos, na medida em que estes forem sendo realizados e parar quando a sua utilidade decrescer visivelmente (GHIGLIONE; MATALON, 1993).

Para a realização das entrevistas, foi feito, primeiramente, o contato com o entrevistado, via telefone, email ou pessoalmente, a fim de convidá-lo a participar da entrevista. Neste contato, foram feitos os esclarecimentos quanto à importância da sua colaboração para a pesquisa, aos motivos pelos quais ele foi escolhido e como a entrevista seria realizada. Após o aceite do entrevistado,

foram agendados local e horário que fossem convenientes para o entrevistado e a entrevistadora. Algumas entrevistas foram realizadas na Universidade Federal do Paraná (nos escritórios dos professores doutores), na sala de reuniões ou quadras dos ginásios, quando não se dispunha de outro espaço para a entrevistas com treinadores e equipe técnica. Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o intuito de formalizar a participação de todos os entrevistados.

As entrevistas foram de caráter livre ou não diretivo, conduzidas pela própria pesquisadora, que introduziu o tema a ser tratado (autoeficácia no voleibol), definindo-o do ponto de vista conceitual (BANDURA, 1997) e permitindo ao entrevistado interpretá-lo a partir do seu próprio conhecimento acerca do assunto abordado (GHIGLIONE; MATALON, 1993). As questões que compuseram a entrevista foram elaboradas pela própria pesquisadora e pela professora orientadora do estudo, com base no conhecimento de ambas sobre as características da modalidade (voleibol) e da Teoria da Autoeficácia (BANDURA, 1997). As entrevistas foram compostas por três grupos de perguntas: (1) “Quais habilidades do jogo (técnicas, táticas e psicológicas) são importantes para um atleta de voleibol? Essas habilidades são as mesmas para todos os atletas, considerando a posição em que atuam?”; (2) “Quais qualidades/competências você considera importante para representar um atleta autoeficaz na modalidade voleibol? Essas habilidades são as mesmas para todos os atletas, considerando a posição em que atuam?”; (3) “Para as habilidades citadas, quais aspectos psicológicos/ações que um atleta deve apresentar para um bom desempenho”? Também foi perguntado aos entrevistados sua data de nascimento e tempo de experiência com o voleibol.

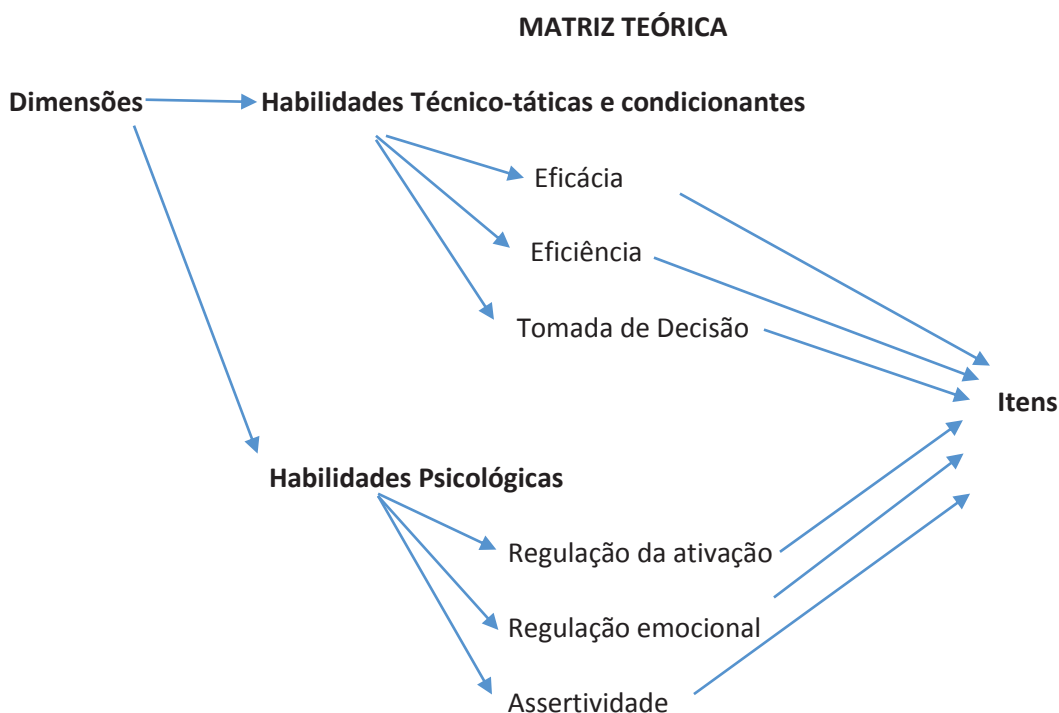
As entrevistas foram gravadas em áudio por um equipamento especializado da marca *Powerpack* – DVR 576/1076. Todos os procedimentos éticos foram tomados, a fim de garantir a confidencialidade e anonimato dos entrevistados. As entrevistas foram transcritas em *verbatim* e novamente confirmadas por meio da gravação, antes de passar para a seguinte. O tempo médio de cada entrevista foi de 20 a 30 minutos. As entrevistas pessoais ficaram à disposição dos entrevistados a todo momento, caso quisessem

modificar alguma fala, bem como acrescentar informações não fornecidas anteriormente (CAREGNATO, 2013).

Após concluídas as entrevistas, procedeu-se à análise de conteúdo dos inquéritos, tal como propõem Giglione e Matalon (1993). Para tal, foi realizada, pela própria pesquisadora, a transcrição das entrevistas, preservando a fala na íntegra de cada entrevistado. Na sequência, foi feita a listagem de todos os indicadores, tal como mencionados pelos entrevistados, sem modificar, excluir ou agrupar nenhum indicador, para assegurar que todos fossem contemplados nessa primeira listagem. Após este procedimento, foi realizada a depuração da lista obtida, procurando-se agrupar os dados individuais que apresentaram significados comuns (proposições idênticas, proposições contendo o mesmo complemento e eliminação de proposições consequentes implicadas numa proposição antecedente), conforme preconizam Ghiglione e Matalon (1993). Para assegurar a objetividade da codificação das respostas dos entrevistados, recorreu-se à discussão dos indicadores encontrados com a análise de conteúdo, por um painel de peritos, formado por quatro pesquisadoras – comissão de especialistas, com conhecimento das áreas em estudo (psicometria, psicologia e voleibol). Com a obtenção de um juízo idêntico acerca dos indicadores estabelecidos pela pesquisadora e peritos, conseguiu-se confirmar a objetividade da codificação das respostas dos entrevistados. As gravações, transcrições das entrevistas, listagem dos indicadores, depuração da lista obtida e agrupamento dos dados encontram-se em arquivo digital pessoal da pesquisadora, a fim de manter o sigilo e anonimato dos entrevistados.

A partir da listagem dos indicadores, montou-se, com a participação da comissão de especialistas, a matriz teórica com os aspectos que poderiam compor o *layout* guia para a concepção do instrumento pretendido (Figura 3).

Figura 3. Matriz teórica para concepção dos itens.



Fonte: Própria Autora.

A dimensão habilidades técnico-táticas e condicionantes contempla itens acerca da eficiência, eficácia e tomada de decisão. A eficácia está relacionada ao alcance do resultado de acordo com os objetivos da ação. A eficiência diz respeito a execução correta das habilidades (MESQUITA *et al.*, 2001). A tomada de decisão pode ser compreendida como a habilidade do atleta em observar diversas alternativas de resposta e selecionar um curso de ação ideal (AFONSO *et al.*, 2012), correspondendo à adaptação momentânea da estratégia prévia às configurações do jogo e a movimentação da bola em relação à oposição, em que o atleta necessita transformar a decisão em ação (GREGHAIGNE; GODBOUT, 1998; DE ROSE JR.; SILVA, 2006).

A dimensão habilidades psicológicas abrange itens relacionados à regulação da ativação, regulação emocional e assertividade. A regulação da ativação diz respeito à capacidade do atleta em identificar as reações de ativação mais importantes para si mesmo e compreender qual seu estado ideal de execução, automatizando estratégias que o possibilitem alcançá-lo (STEFANELLO, 2007a). A regulação emocional é vista como a habilidade de manter, aumentar ou diminuir um ou mais componentes da resposta emocional,

que estão ligados aos sentimentos, comportamentos e respostas fisiológicas que compõem as emoções, a fim de manejar as emoções quando necessário (GROSS, 2002). No contexto da Psicologia, assertividade é uma das seis habilidades sociais de enfrentamento de situações que abrange chances de reação indesejável do interlocutor, envolvendo o controle da ansiedade e manifestação adequada de sentimentos, desejos e opiniões. Resulta tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e outras reações não habilidosas (PRETTE, DEL; PRETTE, DEL, 2005).

Operacionalização dos itens

Concebida a matriz teórica, procedeu-se às definições operacionais do construto. Para tal, os indicadores encontrados nas entrevistas com os especialistas, na fase anterior, foram especificados e elencados em categorias de comportamentos, constituindo-se na representação comportamental do construto. Nesta etapa, tal como preconiza Pasquali (1998), foi possível determinar se a representação empírica e comportamental da autoeficácia no voleibol, considerada um construto multidimensional, era operacional, quando o construto passou a ser definido em termos de operações concretas, ou seja, comportamentos físicos dos quais o construto se manifesta.

A operacionalização do construto permitiu encontrar 50 itens, que foram submetidos a um grupo de especialistas, que procedeu à análise teórica dos indicadores comportamentais.

Análise teórica dos itens – comissão de especialistas

Os 50 itens encontrados com a operacionalização do construto foram submetidos à comissão de especialistas, composto por quatro especialistas experientes (duas doutoras e duas doutorandas), com conhecimento na área da Psicologia, Psicometria e Voleibol, a fim de avaliarem a compreensão

(análise semântica) e a pertinência (análise teórica) dos itens em relação ao construto autoeficácia esportiva. A comissão de especialistas refinou os 50 itens e procedeu a nova depuração da lista de indicadores, seguindo o mesmo princípio realizado na etapa anterior (identificação de proposições semelhantes, proposições contendo o mesmo complemento e eliminação de proposições consequentes implicadas numa proposição antecedente), chegando à proposta de 32 itens.

Concepção da escala de resposta

Cada item, expresso em categorias, tarefas unitárias e específicas, representam, comportalmente, o construto autoeficácia esportiva, ou seja, as tarefas para as quais os atletas deveriam se autoavaliar quanto à magnitude de presença do construto (atributo). Assim, a escala de resposta proposta para o instrumento de avaliação da autoeficácia de atletas de voleibol (0% a 100%) foi baseada em Bandura (2006), considerando sua recomendação metodológica padrão para mensurar as crenças de autoeficácia. Nesta escala de resposta, os indivíduos são apresentados a itens que retratam diferentes níveis de demanda de tarefas e devem avaliar a força de sua crença em sua capacidade de desempenhar as atividades necessárias. Os respondentes deveriam registrar a força de suas crenças de eficácia esportiva (expectativas de eficácia esportiva), em uma escala de 100 pontos, com intervalos de 10 unidades: 0 "Nada"; apontando não acreditar na sua capacidade de realizar 50 "Moderadamente", indicando grau intermediário de crença na sua capacidade); e 100 "Completamente", quando o indivíduo está completamente convicido que pode fazer. Esse formato de resposta mais simples mantém a mesma estrutura da escala e dos descritores, utilizando intervalos unitários únicos que variam de 0 a 10.

Outra justificativa para a utilização da escala de resposta para o presente estudo de 0% a 100% e não do tipo *Likert* 1 ao 5, se deve ao fato de que o próprio Bandura salienta, que uma escala do tipo *Likert* é apropriada para fenômenos que têm valências positivas e negativas, como atitudes,

opiniões e gostos e desgostos, mas não para a autoeficácia, porque um julgamento de incapacidade total (0) não tem gradação negativa mais baixa. Um indivíduo não pode ser menos que completamente ineficaz (BANDURA, 2012). Escalas que usam apenas algumas opções de resposta são menos sensíveis e menos confiáveis porque omitem a diferenciação de informações (STREINER; NORMAN, 1989). Assim, uma escala de eficácia com múltiplas graduações de força de autoeficácia é um preditor de desempenho mais forte do que um com apenas algumas escolhas (PAJARES et al., 2001).

As possibilidades de resposta foram colocadas no final da frase, ao lado direito de cada um dos 32 itens que compunham a primeira versão do instrumento, solicitando ao atleta reportar a magnitude da sua percepção de eficácia no voleibol em relação a cada indicador comportamental, em uma escala de 0% a 100% (0% nada, 50% moderadamente e 100% completamente).

Com a concepção da escala de resposta, o instrumento com 32 itens foi submetido a um grupo de atletas para análise semântica dos indicadores comportamentais. A partir deste momento, o instrumento passou a se chamar Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB).

Análise semântica dos itens - atletas

Esta etapa teve o intuito de averiguar se os itens eram passíveis de entendimento da população a que o instrumento se destinava (atletas de voleibol, de ambos os sexos, de alto rendimento), bem como identificar possíveis vieses na redação dos 32 itens que compuseram esta primeira versão do instrumento. Os atletas foram abordados, de forma aleatória, ao término do treinamento, após consentimento do clube, do treinador e da assinatura do TCLE pelo atleta. O instrumento foi aplicado a uma amostra reduzida, com 12 atletas de voleibol, seis do sexo masculino e seis do sexo feminino, que participam de competições de alto rendimento. A idade dos atletas variou entre 17 a 26 anos, média de idade de $24,05 \pm 3,42$ anos e tempo de prática de 8,15 anos de experiência no voleibol. Foi pedido para que os

atletas respondessem ao instrumento, apontassem expressões que não compreendessem e, caso necessário, sugerissem alterações na redação dos itens. Os atletas responderam ao instrumento e sugeriram algumas modificações nos itens, que foram analisados e ajustados pelas especialistas para comporem o instrumento piloto (preliminar).

Vale destacar que a análise semântica se restringiu a atletas de alto rendimento, não contemplando atletas com características distintas dessa população, como, por exemplo, atletas que não competem em alto rendimento, sejam adultos, juvenis, infanto-juvenis, infantis, visto que o linguajar de atletas de alto rendimento nem sempre é compreendido e utilizado em categorias que antecedem o voleibol de alto rendimento, resguardando-se, assim o objetivo do instrumento proposto – avaliação da autoeficácia no voleibol de atletas de alto rendimento.

Análise da comissão de especialistas

Após a análise semântica dos itens pelos atletas, as quatro especialistas reuniram-se, novamente, com intuito de avaliar a representação comportamental do atributo latente – evidências baseadas no conteúdo do instrumento piloto. As especialistas avaliaram os itens do instrumento quanto à clareza de linguagem, relevância teórica e pertinência prática. Nesta análise, as especialistas consideraram os comentários realizados pelos atletas que participaram da análise semântica dos itens e fizeram as adequações pertinentes para a fase seguinte dos procedimentos experimentais, o estudo piloto.

2º Polo - Procedimentos Experimentais – Estudo piloto

No segundo polo (procedimentos empíricos – experimentais), após a autorização do clube e da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) pelos atletas, foi realizado o estudo piloto. Participaram

desta etapa, duas equipes adultas de voleibol de alto rendimento, totalizando 24 atletas, 12 atletas do sexo masculino, idade entre 18 e 28 anos (média de idade $26,09 \pm 8,02$ e tempo de prática de $10,03 \pm 4,05$ anos) e 12 atletas do sexo feminino, idade entre 17 e 28 anos (média de idade $26,05 \pm 4,65$ e tempo de prática de $10,05 \pm 4,12$ anos). A finalidade do estudo piloto foi verificar se os atletas apresentariam algum tipo de dificuldade, compreensão ou quaisquer outras dúvidas para responderem ao instrumento, além de observar o tempo médio de resposta que os atletas levariam para preencher o instrumento.

A pesquisadora explicou, detalhadamente, o modo como os atletas deveriam proceder para preencher o instrumento, esclarecendo as dúvidas iniciais dos atletas. A principal dúvida consistiu em saber se todos precisariam responder a todos os itens que compunham o instrumento, mesmo se o item contemplasse tarefas/ações que não competiam à sua especialidade (posição em que atuavam). Os atletas foram, então, orientados a responderem a todos os itens do instrumento, indicando o quanto acreditavam em si para executar os comportamentos representados em cada afirmação (item), numa escala de 0% a 100%, sendo 0% correspondente a nada, 50% a moderadamente e 100% a completamente. O tempo médio que os atletas levaram para responder ao instrumento, com 32 itens, foi de 15 a 20 minutos. Após a análise das respostas dos atletas, não foram necessárias modificações no instrumento, possibilitando o prosseguimento do estudo para etapa seguinte, avaliar as evidências de validade do instrumento.

2º Polo - Procedimentos Experimentais

Para proceder à análise das evidências de validade do instrumento foi necessário obter a autorização da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde/SCS, da Universidade Federal do Paraná, CAAE: 51694315.0.0000.0102, parecer: 1.574.185.

Após a autorização dos clubes participantes do estudo, foi pedido aos atletas que lessem e assinassem o TCLE, caso concordassem em participar da pesquisa. Esta etapa do estudo foi realizada com atletas de alto rendimento, participantes da Superliga A (70 masculino e 73 feminino), temporada 2016/2017 e Superliga B (63 masculino e 94 feminino) temporada 2017, totalizando 300 atletas, idade entre 16 e 41 anos, sendo 133 do naipe masculino (idade entre 18 e 41 anos, com média de idade $24,95 \pm 5,20$ e tempo de prática $10,65 \pm 5,36$) e de 167 do naipe feminino (idade entre 16 a 41 anos, com média de idade $24,31 \pm 5,77$ e tempo de prática $11,49 \pm 5,13$). A amostra foi composta por atletas campeões olímpicos (três atletas e duas atletas), bicampeões olímpicos (um atleta e duas atletas), campeões mundiais (dois atletas), bicampeões mundiais (dois atletas) e tricampeão mundial (um atleta), atletas com experiência em campeonatos mundiais e olimpíadas, além de atletas com experiência nacional e que estavam iniciando sua carreira no alto rendimento.

Para a composição da amostra, procurou-se contemplar as regiões do País que dispunham de equipes participantes das Superligas A e B (Sul, Sudeste e Centro-Oeste). Destaca-se, contudo, que a maioria das equipes do cenário nacional, historicamente, se concentram nos estados de São Paulo e Minas Gerais (CBV, 2017). Para temporada 2016/2017 da Superliga A, havia 211 atletas no naipe masculino (12 equipes participantes) e 203 no naipe feminino (12 equipes participantes). Na Superliga B, constavam 172 atletas no naipe masculino (9 equipes participantes) e 129 no naipe feminino (7 equipes participantes), inscritos na Confederação Brasileira de Voleibol (CBV, 2017). No total, em se tratando de valores percentuais, 56% eram atletas do sexo masculino e 44% do sexo feminino.

Todos os clubes foram convidados a participar do estudo via email, telefone ou pessoalmente. Devido ao número total de atletas de alto rendimento inscritos na competição, à logística geográfica e ao fato de nem todas as equipes participantes da Superliga autorizarem a participação dos atletas na pesquisa, buscou-se contemplar atletas participantes tanto da Superliga A, principal competição a nível nacional da modalidade, quanto da Superliga B, competição que, nesta temporada, deu acesso ao campeão da

competição à Superliga A. A Superliga B era composta por atletas iniciantes na Superliga, bem como por atletas experientes, que já competiram na Superliga A, nos naipes masculino e feminino. Desta forma, utilizou-se o recomendado pela literatura (GOLDBERG; VELICER, 2006; PASQUALI, 2012), de, no mínimo, 300 atletas para as análises das evidências de validade do instrumento em construção, principalmente no que diz respeito às evidências baseadas na estrutura interna (análise fatorial e consistência interna). Considerando que os atletas são de alto rendimento e o total de inscritos tanto na Superliga A (70 masculino e 73 feminino) como na Superliga B (63 masculino e 94 feminino), o presente estudo representa, em termos percentuais, 36% feminino e 33% masculino dos atletas da Superliga A e 73% feminino e 37% masculino dos atletas da Superliga B, nos naipes feminino e masculino, respectivamente. Desta forma, justifica-se o mínimo de 300 sujeitos para o estudo.

Todos os atletas treinavam mais de 5 vezes na semana, sendo que os treinos eram realizados, na maioria das vezes, separadamente, em dois períodos do dia, divididos em preparação física e treinamento técnico pela manhã e treinamento tático (volume) à tarde, com duração de, em média, 2 horas por treinamento e musculação, além de fisioterapia. As equipes, em ambos os naipes, competiam na Superliga A duas vezes na semana, durante o período de, aproximadamente, 6 meses, tempo que compreendia a competição. Já na Superliga B, os atletas competiam uma vez na semana, sendo que no naipe masculino a competição teve duração de, aproximadamente, quatro meses e no naipe feminino, em torno de três meses (CBV, 2017).

3º Polo – Procedimentos Analíticos (Estatísticos) – Evidências de validade

Evidências baseadas na estrutura interna

Após a recolha das respostas dos 300 atletas, os dados foram tabulados em planilha do Excel 2013 e analisados por meio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*, Version 22), EQS (*Structural Equation Modeling Software*, Version .6.3) e FACTOR 8 (LORENZO-SEVA; FERRANDO, 2006).

Para testar a normalidade dos dados foi utilizado o teste *Kolmogorov-Smirnov* (MARSAGLIA *et al.*, 2003). Por não demonstrarem distribuição normal, foi utilizada, quando cabível, a estatística não paramétrica.

As propriedades dos itens que compuseram a Escala de Autoeficácia no Voleibol foram analisadas usando coeficientes de correlação item-total e as variações dos Coeficientes *Alpha de Cronbach*, se itens fossem eliminados, além da confiabilidade do instrumento. A avaliação das evidências baseadas na estrutura interna da Escala de Autoeficácia do Voleibol contemplou a análise fatorial exploratória e confirmatória, a confiabilidade (*Alpha de Cronbach*, confiabilidade composta (CR), a média da variância extraída (AVE) (FORNELL; LARCKER, 1981).

As evidências baseadas na estrutura interna foram avaliadas após a aplicação da Análise Fatorial Exploratória, foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória, a fim de confirmar a estrutura fatorial do instrumento, utilizando-se da estimativa de máxima verossimilhança, *robust* (MVR), com o objetivo de corrigir a ausência de normalidade multivariada. A ausência de normalidade foi analisada usando coeficiente de Mardia's (MARDIA, 1970). A adequação da análise fatorial confirmatória foi testada usando a significância do chi-quadrado e a correção robusta *Satorra-Bentler* (S-B χ^2) (SATORRA; BENTLER, 1994; BENTLER, 2004).

Adicionais coeficientes, como a relação χ^2 e os graus de liberdade (χ^2/df), assim como a correção robusta *Satorra-Bentler* (S-B χ^2) e os graus de

liberdade, com valores menores que cinco sendo aceitáveis (CARMINES; MCIVER, 1981; BYRNE, 2009), foram calculados, quando possíveis, para testar a adequação dos modelos propostos. A Análise Paralela foi utilizada com intuito de diminuir a probabilidade de retenção equivocada de itens, considerando o erro amostral e minimizando a influência do tamanho da amostra e das cargas fatoriais dos itens, a fim de auxiliar na escolha do modelo fatorial (DAMÁSIO, 2012; PASQUALI, 2012).

Os coeficientes de índices robustos da qualidade de ajuste dos modelos propostos foram testados com *Non-Normed Fit Index* (NNFI), o *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Incremental Fit Fix* (IFI). Para esses indicadores, valores maiores que .90 foram considerados como bom ajuste (MACCALLUM; AUSTIN, 2000). O *Root Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) foi amostrado, considerando o valor inferior a .08 um bom ajuste (BROWNE; CUDECK, 1993). A invariância fatorial entre os sexos foi testada utilizando-se o EQS 6.3.

As evidências baseadas na relação com outras variáveis foram testadas por meio da validade convergente, usando os resultados da Análise Fatorial Confirmatória e correlação com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP)(TEIXEIRA; DIAS, 2005), enquanto que para validade discriminante, a Variância Média Extraída (AVE) teste foi utilizado (FORNELL; LARCKER, 1981). Além dessas, Correlações de *Pearson* entre o instrumento concebido e o tempo de prática, a idade e o sexo dos participantes foram realizadas.

ANOVA one way foi realizada para evidenciar possíveis diferenças entre as respostas dos atletas nos itens do instrumento em relação às posições (atacante de ponta, atacante central, atacante oposto, levantador e líbero). Por fim, foram realizadas correlações de *Spearman* entre a autoeficácia, tempo de prática e idade dos atletas para ambos os sexos.

3.3 RESULTADOS

Primeiramente, serão apresentados os resultados referentes as evidências baseadas na estrutura interna do instrumento concebido, análises dos itens e sua confiabilidade. Na sequência, as estatísticas descritivas dos itens por posições dos atletas e as correlações entre tempo de prática, idade e sexo e, por fim, Análise Fatorial Confirmatória e Invariância do instrumento.

Análises dos itens e confiabilidade

O instrumento piloto, com 32 itens, contemplou aspectos técnicos, táticos e psicológicos considerados importantes para o voleibol de alto rendimento (Figura 3, pág.55) e foi aplicado a uma amostra de 300 atletas participantes da Superliga A e B de Voleibol (♀133 e ♂167). Foram calculadas as estatísticas descritivas mais importantes para cada item e analisadas as evidências de validade do instrumento e a estrutura fatorial.

A confiabilidade geral do instrumento mostrou um coeficiente $\alpha = .92$, considerado preciso e confiável.

A Tabela 1 mostra a média de todos os itens, o desvio-padrão, a correlação total do item e o valor *Alpha de Cronbach* se os itens fossem eliminados.

Tabela 1. Análise descritiva dos 32 itens: média (M), desvio-padrão (SD), correlação item total, (r_{jx}), Alpha de Cronbach, se os itens fossem eliminados ($\alpha-x$).

Questionário completo ($\alpha = .92$)	M	SD	r_{jx}	$\alpha-x$
Item 1	71,23	23.14	.43	.92
Item 2	72.63	57.86	.26	.94
Item 3	62.7	30.48	.31	.92
Item 4	68.3	33.43	.34	.92
Item 5	79.73	15.64	.65	.92
Item 6	76.2	19.24	.66	.92
Item 7	78.8	18.38	.66	.92
Item 8	66.93	33.56	.32	.92
Item 9	65.4	28.85	.53	.92
Item 10	80.03	16.95	.56	.92
Item 11	66.13	28.37	.39	.92
Item 12	71.09	24.12	.50	.92
Item 13	74.23	18.43	.62	.92
Item 14	76.57	18.06	.70	.92
Item 15	73.1	22.43	.54	.92
Item 16	79.7	15.55	.72	.92
Item 17	82.7	18.70	.60	.92
Item 18	83.9	18.26	.61	.92
Item 19	73.6	19.74	.54	.92
Item 20	78.3	16.42	.74	.92
Item 21	76.73	18.52	.61	.92
Item 22	80.87	15.43	.70	.92
Item 23	77.9	15.96	.65	.92
Item 24	78.33	17.02	.70	.92
Item 25	84.53	14.38	.64	.92
Item 26	86.07	15.38	.55	.92
Item 27	75.43	26.82	.55	.92
Item 28	77.03	26.09	.60	.92
Item 29	82.9	19.39	.54	.92
Item 30	81.53	18.37	.69	.92
Item 31	79.63	17.04	.79	.92
Item 32	84.3	18.77	.69	.92

Depois de analisar as propriedades psicométricas dos itens, foram testadas as evidências baseadas na estrutura interna do Escala de Autoeficácia no Voleibol pela Análise Fatorial Exploratória (AFE), de acordo

com o recomendado por Lloret-Segura *et al.* (2014). A AFE foi conduzida, utilizando-se do método de rotação dos componentes principais (LLORET-SEGURA *et al.*, 2014) usando-se o *FACTOR* (LORENZO-SEVA; FERRANDO, 2006) com os 32 itens. Pela AFE, os itens foram, inicialmente, agrupados em seis dimensões comuns. Contudo, considerando-se a literatura e o conhecimento prévio da comissão de especialistas acerca do construto autoeficácia e da modalidade voleibol, esta não foi a melhor versão para a análise da autoeficácia no voleibol. Testou-se, então, outras alocações, encontrando-se três dimensões como o melhor modelo apresentado, corroborando com o sugerido pelo método de análise paralela (PASQUALI, 2012). A variância explicada por essas três dimensões foi de 56.38%, sendo que por cada dimensão foi de 40.18% para a primeira, 10.43% para a segunda e 5.77% para a terceira.

O índice *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) de adequação da amostragem apresentou um valor ótimo (KMO = .93) e o teste de esfericidade de *Bartlett* foi significativo ($\chi^2 = 6514.446$; $df = 496$; $p \leq .000$), portanto, nova AFE e um conjunto de AFC foram realizadas.

Depois de aplicar a AFE fixa nos três fatores, foi necessário eliminar alguns itens cujas saturações eram inferiores a .40 ou superiores a este valor em mais de um fator, restando 19 itens. Seguindo as recomendações sugeridas pelo método de análise paralela (DAMÁSIO, 2012; PASQUALI, 2012), foram realizadas várias AFCs para verificar a estrutura do fator extraído pela AFE (19 itens agrupados, em três dimensões), considerando as correlações entre pares de dimensões, incluindo a falta de correlações. A partir desse momento o instrumento passou a ter 19 itens. Além disso, para verificar possíveis diferenças nas respostas dos atletas entre as posições (atacante de meio, atacante oposto, atacante de ponta, levantador e líbero) foi realizada Anova *One Way* e o teste de *pós hoc de Tukey*.

A confiabilidade geral do instrumento mostrou um coeficiente $\alpha = 0.92$ e um CR de 0.96 considerado preciso e confiável. Os coeficientes de confiabilidade do *Alpha de Cronbach* e Confiabilidade Composta (RC) para cada dimensão variaram entre .87 e .94, dentro dos valores mínimos recomendados ($> .70$) na literatura (NUNNALLY, 1978). O fator 1 apresentou

valor de $\alpha = .94$ e $CR = .57$, o Fator 2, $\alpha = .87$ $CR = .64$ e o Fator 3, $\alpha = .88$, $CR = .71$, apresentando evidências de confiabilidade para um modelo de três fatores/dimensões. Os indicadores de variância média extraída (AVE), que variaram de $.57$ a $.71$, também apresentaram valores superiores aos recomendados ($> .50$) (FORNELL; LARCKER, 1981).

A dimensão 1, denominada Autoeficácia Esportiva no Voleibol, agrupou 12 itens referentes a aspectos gerais da autoeficácia no voleibol (itens 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 19). A dimensão 2, denominada Autoeficácia Defensiva no Voleibol, agrupou 4 itens relacionados a aspectos defensivos da modalidade (itens 5, 6, 8, 18). A dimensão 3, denominada Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, agrupou 3 itens relacionados a aspectos ofensivos do voleibol (itens 1, 16, 17). Considera-se tais dimensões representativas da autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento, por apresentarem aspectos técnicos, táticos e psicológicos relevantes para a autoeficácia de atletas de voleibol, estando relacionados a aspectos gerais da autoeficácia no voleibol ou aspectos ofensivos e defensivos da modalidade.

Os coeficientes de confiabilidade do *Alpha de Cronbach* e da Confiabilidade Composta (CR) para cada dimensão variaram entre $.87$ e $.94$, dentro dos valores mínimos recomendados ($>.70$) na literatura (NUNNALLY, 1978). Os indicadores da Variância Média Extraída (AVE), que variaram entre $.57$ e $.71$, também apresentaram valores superiores aos recomendados ($>.50$) por Fornell e Larcker (1981).

A Tabela 2 apresenta os resultados da Anova *One Way* com número de atletas por posição, média, desvio padrão, pós hoc de *Tukey*, F-ratio e p-valor, bem como a média e o desvio-padrão do modelo definitivo com 19 itens (APÊNDICE pág 156) no instrumento, a correlação item total, o valor de *Alpha de Cronbach*, se o item fosse excluído, Confiabilidade Composta para cada dimensão, valores de Variância Média Extraída e a alocação dos itens nas 3 dimensões propostas pela AFC.

Tabela 2. ANOVA (one way) Escala de Autoeficácia no Voleibol: Número de jogadores por posições, Média (M), Desvio-Padrão (DP), pós-hoc Tukey, F-ratio e p-valor (p). Análise dos 19 itens: Média (M), Desvio-Padrão (DP), Correlação Item Total, (r_{ix}), Alpha de Cronbach se itens forem eliminados ($\alpha-x$), Carga Fatorial, Confiabilidade Composta (CR) e Variância Média Extraída (AVE).

Questionário Completo ($\alpha = .92$)													
Dimensão 1. Autoeficácia Esportiva no Voleibol ($\alpha = .94$)													
	N	M	DP/ Tukey	F	P	M	DP	r _{ix}	$\alpha-x$	Factor loading	IC of Cronbach's Alpha	CR	AVE
	75	78.27	13.69	2.08	.08	79.73	15.64	.69	.93	.682	.94 (.92-.95)	.94	.57
Q2 Manter o controle e a estabilidade da sua função em diferentes momentos do jogo.													
	45	81.11	14.65										
	92	77.28	16.52										
	50	84.60	15.15										
	38	80.53	17.85										
Total	300	79.73	15.64										
Model Fixed Effects			15.53										
	75	70.53	20.85 ^d	6.42	.00	76.20	19.23	.68	.93	.661			
	45	76.89	18.81										
	92	73.70	18.97 ^d										
	50	86.80	15.71 ^{a,c}										
	38	78.68	15.80										
Total	300	76.20	19.24										
Model Fixed Effects			18.58										
Q4 Ter convicção nas													
	75	76.13	18.45	1.92	.11	78.80	18.37	.66	.93	.635			

decisões para executar ações em momentos difíceis.	Oposto ^(b)	45	78.44	21.42									
	Ponteiro ^(c)	92	78.37	15.99									
	Levantador ^(d)	50	85.00	17.17									
	Libero ^(e)	38	77.37	20.36									
	Total	300	78.80	18.38									
Model Fixed Effects													
Q7 Perceber o que está acontecendo na sua equipe e na equipe adversária durante o jogo.	Central ^(a)	75	71.47	18.14 ^d	3.10	.02	76.57	18.06	.69	.93	.685		
	Oposto ^(b)	45	77.78	19.41									
	Ponteiro ^(c)	92	75.76	16.32									
	Levantador ^(d)	50	81.60	18.45 ^a									
	Libero ^(e)	38	80.53	17.85									
Total	300	76.57	18.06										
Model Fixed Effects													
Q9 Conseguir ajustar sua concentração em função das exigências da partida.	Central ^(a)	75	77.87	14.36	1.61	.17	79.70	15.54	.76	.93	.759		
	Oposto ^(b)	45	78.67	17.66									
	Ponteiro ^(c)	92	79.46	15.00									
	Levantador ^(d)	50	84.60	16.69									
	Libero ^(e)	38	78.68	14.36									
Total	300	79.70	15.55										
Model Fixed Effects													

Q10 Controlar-se emocionalmente para lidar com a pressão e tomar decisões rápidas.	Central ^(a)	75	76.40	15.21	0.64	.63	78.30	16.42	.82	.93	.810
	Oposto ^(b)	45	78.67	16.87							
	Ponteiro ^(c)	92	77.72	17.30							
	Levantador ^(d)	50	80.80	17.48							
	Libero ^(e)	38	79.74	14.79							
	Total	300	78.30	16.42							
Model Fixed Effects											
Q11 Recuperar-se rapidamente de um erro (não dar bola para o erro).	Central ^(a)	75	74.40	20.02	0.43	.78	76.73	18.52	.69	.93	.700
	Oposto ^(b)	45	77.11	17.40							
	Ponteiro ^(c)	92	77.39	17.28							
	Levantador ^(d)	50	78.40	19.52							
	Libero ^(e)	38	77.11	18.87							
	Total	300	76.73	18.52							
Model Fixed Effects											
Q12 Controlar seus pensamentos, concentrando-se na próxima jogada.	Central ^(a)	75	81.47	14.95	0.26	.90	80.87	15.42	.75	.93	.754
	Oposto ^(b)	45	80.22	15.88							
	Ponteiro ^(c)	92	79.78	15.97							
	Levantador ^(d)	50	82.20	14.47							
	Libero ^(e)	38	81.32	16.30							
	Total	300	80.87	15.43							

Model Fixed Effects		15.51							
Q13 Ter paciência para lidar com diferentes momentos do jogo.									
Central ^(a)	75	78.00	13.66	0.43	.79	77.90	15.96	.72	.93
Oposto ^(b)	45	76.89	17.69						
Ponteiro ^(c)	92	76.96	16.62						
Levantador ^(d)	50	80.40	17.02						
Libero ^(e)	38	77.89	15.45						
Total	300	77.90	15.96						
Model Fixed Effects			16.02						
Q14 Ter frieza para distinguir o que fazer, em momentos específicos do jogo.									
Central ^(a)	75	75.60	17.42 ^d	3.48	.01	17.01	17.01	.80	.93
Oposto ^(b)	45	73.78	17.36 ^d						
Ponteiro ^(c)	92	78.26	17.70			78.33			
Levantador ^(d)	50	85.00	14.32						
Libero ^(e)	38	80.53	15.06 ^{a,b}						
Total	300	78.33	17.02						
Model Fixed Effects			16.74						
Q15 Superar dificuldades do jogo e acreditar que é possível.									
Central ^(a)	75	80.40	14.09 ^d	2.47	.04	84.53	14.38	.64	.93
Oposto ^(b)	45	84.44	15.75						
Ponteiro ^(c)	92	86.20	12.57						
Levantador ^(d)	50	87.60	15.06 ^a						
Libero ^(e)	38	84.74	15.38						

	Total	300	84.53	14.38							
Model Fixed Effects											
	Central ^(a)	75	75.87	17.64	1.84	.12	79.63	17.04	.76	.93	.752
	Oposto ^(b)	45	78.89	19.57							
	Ponteiro ^(c)	92	80.00	14.68							
	Levantador ^(d)	50	83.80	16.77							
	Libero ^(e)	38	81.58	17.63							
	Total	300	79.63	17.04							
Model Fixed Effects											
				16.94921							

Dimensão 2 Autoeficácia Defensiva no Voleibol
($\alpha = .87$)

	Total	300	84.53	14.38							
Model Fixed Effects											
	Central ^(a)	75	41.07	29.71 ^{b,c,d,e}	28.95	.00	65.40	28.84	.76	.82	.600
	Oposto ^(b)	45	67.33	25.88 ^{a,e}							
	Ponteiro ^(c)	92	75.00	21.36 ^a							
	Levantador ^(d)	50	66.40	26.32 ^{a,e}							
	Libero ^(e)	38	86.58	15.12 ^{a,b,d}							
	Total	300	65.40	28.85							
Model Fixed Effects											
				24.61							

	Total	300	84.53	14.38							
Model Fixed Effects											
	Central ^(a)	75	52.40	24.65 ^{b,c,d,e}	23.81	.00	71.09	24.11	.79	.80	.616
	Oposto ^(b)	45	68.67	25.46 ^{a,e}							
	Ponteiro ^(c)	92	78.45	17.48 ^a							

.87 (.84-.89) .87 .64

	Levantador ^(d)	50	75.40	21.97 ^a										
	Libero ^(e)	38	87.37	13.29 ^{ab}										
	Total	300	71.09	24.12										
	Model Fixed Effects		21.11											
Q8 Salvar uma bola largada.	Central ^(a)	75	55.73	24.28 ^{bcdde}	25.73	.00	73.10	22.42	.71	.83	.566			
	Oposto ^(b)	45	73.56	21.23 ^{ade}										
	Ponteiro ^(c)	92	74.24	17.80 ^{ade}										
	Levantador ^(d)	50	84.60	16.81 ^{abc}										
	Libero ^(e)	38	88.95	12.03 ^{abc}										
	Total	300	73.10	22.43										
	Model Fixed Effects		19.44											
Q18 Demonstrar coragem para se posicionar e defender.	Central ^(a)	75	74.53	24.07 ^{cde}	.98	.00	82.90	19.38	.65	.85	.512			
	Oposto ^(b)	45	80.67	19.12 ^e										
	Ponteiro ^(c)	92	84.78	16.54 ^a										
	Levantador ^(d)	50	85.40	16.81 ^a										
	Libero ^(e)	38	94.21	10.04 ^{ab}										
	Total	300	82.90	19.39										
	Model Fixed Effects		18.54											
Dimensão 3. Autoeficácia Ofensiva no Voleibol														
$(\alpha = .86)$														
Q1 Chamar a	Central ^(a)	75	82.80	17.60 ^{de}	81.80	.00	68.30	33.43	.66	.90	.450			
	.88 (.85-.90) .88 .71													

responsabilidade do ataque para decidir o jogo.

Oposto ^(b)	45	87.33	15.43 ^{de}
Ponteiro ^(c)	92	82.93	17.82 ^{de}
Levantador ^(d)	50	33.60	29.47 ^{abc}
Libero ^(e)	38	27.34	38.05 ^{abc}
Total	300	68.30	33.43

Model Fixed Effects

23.17

.589

.75

.79

26.81

75.43

.00

22.85

16.51^e

80.53

75

Central^(a)

17.82^e

14.31^{de}

28.32^{ce}

44.14^{abcd}

43.68

75.43

26.82

300

Total

300

Total

Q16 Definir um ponto difícil.

Oposto ^(b)	45	82.22	17.82 ^e
Ponteiro ^(c)	92	84.13	14.31 ^{de}
Levantador ^(d)	50	69.80	28.32 ^{ce}
Libero ^(e)	38	43.68	44.14 ^{abcd}
Total	300	75.43	26.82

Model Fixed Effects

23.59

.606

.76

.78

26.08

77.03

.00

19.32

19.71^e

79.20

75

Central^(a)

16.87^{de}

15.44^{de}

28.56^{bce}

39.70^{abcd}

48.42

77.03

26.09

300

Total

300

Total

Q17 Ser capaz de decidir o jogo.

Oposto ^(b)	45	87.11	16.87 ^{de}
Ponteiro ^(c)	92	84.57	15.44 ^{de}
Levantador ^(d)	50	72.60	28.56 ^{bce}
Libero ^(e)	38	48.42	39.70 ^{abcd}
Total	300	77.03	26.09

Model Fixed Effects

23.38

Legenda: jogadores: (a) central, (b) oposto, (c) ponteiro, (d) levantador, (e) líbero.

Os resultados da *ANOVA One Way* apresentaram diferenças nas respostas entre as posições dos atletas, para os itens 1, 3, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17 e 18. Os itens que apresentaram diferenças entre as posições estão identificados pelas letras ^a (central), ^b (oposto), ^c (ponteiro), ^d (levantador) e ^e (líbero) no pós hoc de *Tukey*.

A Tabela 3 apresenta os principais indicadores de qualidade para o modelo com três dimensões apontado pela Análise Fatorial Confirmatória e a invariância entre os sexos.

Tabela 3. Principais indicadores de qualidade para o modelo com três dimensões apontado pela Análise Fatorial Confirmatória e invariância entre os sexos.

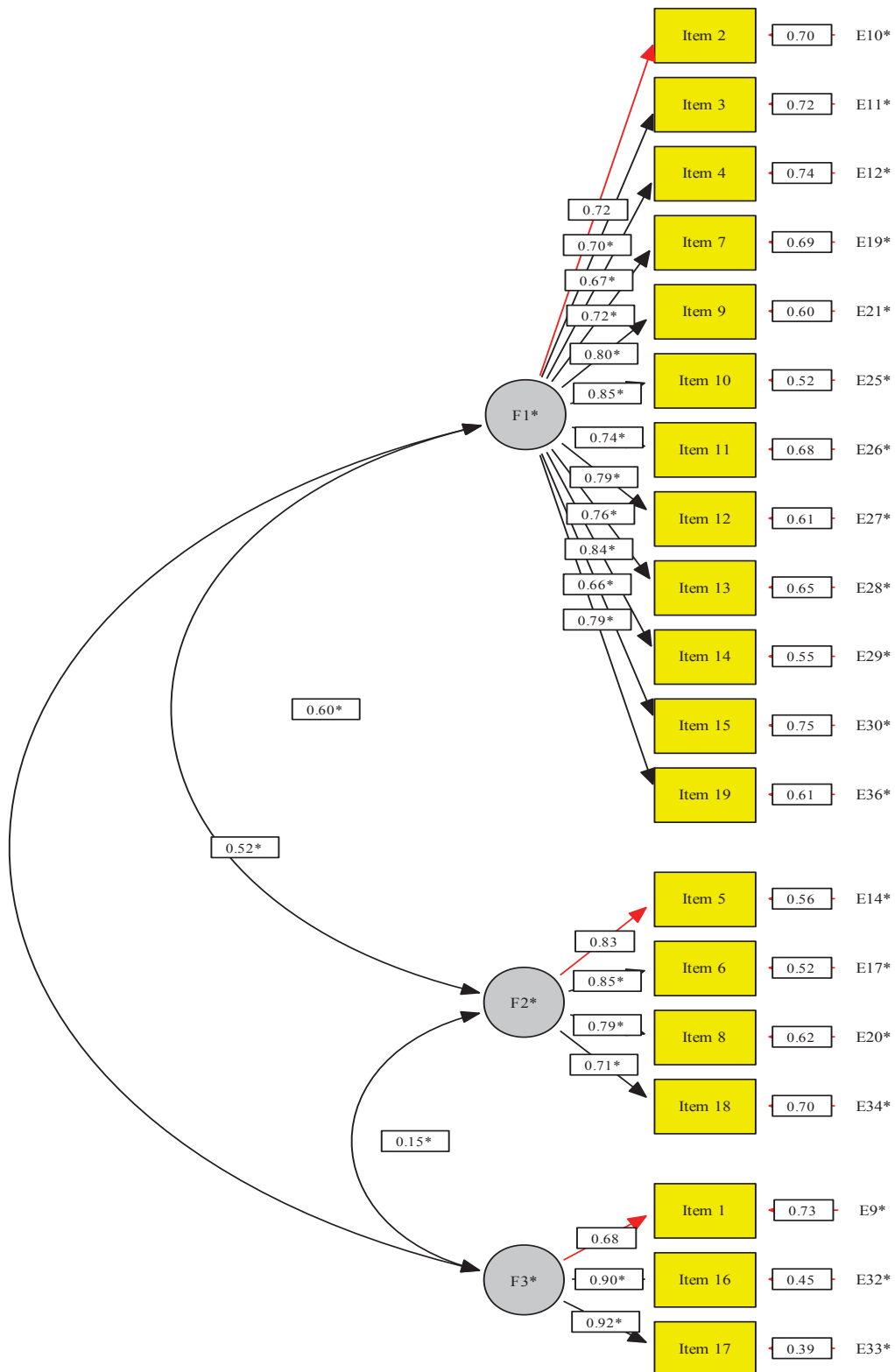
Model	χ^2 (df)	S-B χ^2 (df)	NNFI	CFI	IFI	RMSEA (95% CI)	$\Delta \chi^2$ (Δ gl)	p
Men	324.06 (150)	272.86 (150)	.88	.90	.90	.08 (.063-.093)		
Women	287.03 (150)	236.34 (150)	.94	.95	.95	.06 (.044-.073)		
Whole sample (n=300)	447.78 (148)	354.20 (148)	.91	.92	.92	.07 (.059-.077)		
Multi-group Equal Form	611.52 (301)	509.56 (301)	.92	.93	.93	.07 (.058-.078)		
Multi-group Equal Loading	635.07 (317)	529.51 (317)	.92	.92	.93	.07 (.057-.077)	23.55 (16)	.10

Nota. S-B=Satorra Bentler; df= graus de liberdade; RMSEA = *Root Mean-Square Error of Approximation* ($\leq 0,080$); IC= Intervalo de Confiança RMSEA; CFI = *Comparative Fit Index*; NNFI = *Non-Normed Fit Index*; IFI = *Incremental Fit Index*; CFI, NNFI, IFI ($\geq 0,90$); χ^2/df ($\leq 5,0$); RMSEA $\leq 0,80$.

O modelo definitivo, composto por 19 itens agrupados em três dimensões, teoricamente, apresentou bom ajuste, com um valor qui-quadrado significativo (S-B χ^2 = 447.78; df = 148; S-B χ^2 = 354.20; df = 148; p < .05), e a razão entre o valor do qui-quadrado e seus graus de liberdade (χ^2 / df = 3,03) sugeriu um bom ajuste, pois exibiu um valor inferior a cinco. O RMSEA apresentou um valor de 0.08, o que concorda com os critérios mínimos de

ajuste aceitável (≤ 0.8) (BROWNE; CUDECK, 1993). Da mesma forma, os demais índices mostraram um bom ajuste de modelo: NNFI = .90; CFI = .92; e IFI = .92, conforme apresentado na Figura 4.

Figura 4. Estrutura Fatorial e correlação interfatorial das três dimensões do modelo de 19 itens da Escala de Autoeficácia no Voleibol



A invariância fatorial e mudanças no ajuste do modelo, com a inclusão de contrastes, foram verificadas por um teste de significância entre as diferenças do qui-quadrado, usando a correção robusta de *Satorra-Bentler* (S-B χ^2) SBDIFF (SATORRA; BENTLER, 1994, 2001). Os resultados na diferença do qui-quadrado ($\chi^2 = 23.55$, $df = 16$; $p=.10$) ($p < 0.001$) nos permitem assumir a invariância de formas iguais, mas não a invariância de cargas fatoriais iguais.

Baseado nas evidências baseadas na relação com outras variáveis a validade convergente e a validade discriminante foram contrastadas. A validade convergente pareceu adequada porque os itens da escala que foram significativamente correlacionados com as variáveis latentes que se espera que sejam medidas. Em todos os casos, os valores t para as variáveis oscilavam de 7.68 a 24.47 ($t > 1.96$) e eram significativos no nível $p > .05$.

Para avaliar a validade discriminante, foram testadas todas as correlações entre as dimensões que foram inferiores a 0.85 (KLINE, 2005). Verificou-se que a raiz quadrada da AVE é maior que a correlação entre os pares de dimensões Fornell e Larcker (1981), cumprindo este critério para todas as dimensões. Além disso, A Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) foi também relacionada com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP), a fim de verificar a relação entre os dois construtos, tendo em vista que a autoeficácia geral pode estar ou não relacionada com a autoeficácia esportiva (TEIXEIRA; DIAS, 2005).

A Tabela 4 apresenta a matriz de correlações entre as dimensões da EAVB e entre as dimensões da EAVB e a EAEGP.

Tabela 4. Matriz de correlações entre as três dimensões da EAVB e entre as dimensões da EAVB e a EAEGP.

	D1	D2	D3
Dimensão 1. Autoeficácia Esportiva no Vôlei	(.75)		
Dimensão 2. Autoeficácia Defensiva no Vôlei	.57**	(.80)	
Dimensão 3. Autoeficácia Ofensiva no Vôlei	.41**	.08	(.84)
Escala de Autoeficácia Geral Percebida	.54**	.35**	.29**

Nota. ** Correlações significantes ($p < .01$); na diagonal são apresentados os valores da raiz quadrada de AVE para cada fator. D1= Dimensão 1, D2=Dimensão 2, D3= Dimensão 3.

As correlações encontradas entre as dimensões da EAVB foram significativas entre as dimensões autoeficácia esportiva e autoeficácia defensiva (.57), apontando correlação moderada, assim como entre as dimensões Autoeficácia Esportiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol (.41), indicando também correlação moderada. Já entre as dimensões Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol não houve correlação.

A dimensão Autoeficácia Esportiva no Voleibol da EAVB correlacionou-se positivamente com a autoeficácia geral (EAEGP), apresentando correlação moderada (.54). As dimensões Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol foram pouco correlacionadas com a EAEGP (.35 e .29, respectivamente), levando em consideração a classificação adotada por (MITRA; LANFORKD, 1999).

Para avaliar a relação entre Autoeficácia Global no voleibol, idade, tempo de prática e sexo dos atletas, foram realizadas correlações de *Spearman*, apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5. Correlações entre autoeficácia, idade, tempo de prática e sexo dos atletas.

Autoeficácia Global no voleibol	Idade M/DP	r	ρ	Tempo de Prática M/DP	r	ρ
Homens e Mulheres	24.59±5.53	.33	.00*	11.12±5.24	.29	.00*
Homens	24.95±5.20	.24	.00*	10.65±5.36	.19	.02*
Mulheres	24.31±5.77	.37	.00*	11.49±5.13	.36	.00*

Nota. * Associações estatisticamente significativas ($p < .01$);

Foram encontradas correlações significativas para todas as análises, embora fracas (MITRA; LANFORKD, 1999).

3.4 DISCUSSÃO

A discussão dos dados obedecerá a ordem dos resultados apresentados, com intuito de responder aos objetivos estabelecidos para o presente capítulo - construir e testar psicometricamente um instrumento para avaliar a autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento.

Vale destacar que a instrumentalização para mensurar a autoeficácia no contexto esportivo é escassa (Machado et al., 2014), ainda mais quando são considerados instrumentos específicos para o voleibol. Em uma revisão sistemática dos instrumentos propostos para mensurar a autoeficácia de voleibolistas, encontrou-se sete estudos que procuraram avaliar a autoeficácia de atletas de voleibol, embora apenas um (GUICCIARDI; et al., 2016) tenha apresentado as propriedades psicométricas do instrumento (MACHADO et al., 2018, no prelo). O estudo de Guicciardi et al., (2016) verificou a validade estrutural de um instrumento destinado a avaliar a autoeficácia de atletas de elite e não elites no voleibol italiano. No entanto, em tal instrumento o número de sujeitos contemplados para as análises psicométricas foi insuficiente para obter maiores evidências de validade, como propõe a literatura psicométrica (GOLDBERG; VELICER, 2006; WARNICK; WARNICK, 2009; PASQUALI, 2012; TABACHNICK; LINDA S. FIDELL, 2013). Além disso, a falta de clareza em relação às características psicométricas dos instrumentos utilizados, bem como a ausência de convicção de que os instrumentos apresentados mediam o que os autores pretenderam mensurar, dificultam a discussão dos resultados do presente estudo e exigem cautela na interpretação dos achados.

Os resultados do presente estudo sugerem que a Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) é uma medida útil para avaliar a autoeficácia esportiva de atletas de voleibol de alto rendimento. Os resultados obtidos são satisfatórios e a análise descritiva dos itens apresenta contribuição adequada para escala global.

Os coeficientes de confiabilidade do *Alpha de Cronbach* e Confiabilidade Composta para cada fator variaram de .87 a .94, valores acima dos mínimos recomendados (> .70) pela literatura (NUNNALLY, 1978). Os indicadores AVE,

que ficaram entre .57 e .71, também apresentaram valores superiores aos recomendados ($> .50$) (FORNELL; LARCKER, 1981).

As evidências de validade da EAVB, considerando o modelo com três dimensões, explicam 56.38% da variância e apresentam altas correlações entre elas. O modelo, composto por 19 itens agrupados em três dimensões, mostrou bom ajuste, apresentando valor qui-quadrado significativo ($S-B\chi^2 = 2864.193$; $df = 171$; $p < .05$).

Na relação da EAVB com outras variáveis, constatou-se que, em geral, a validade convergente e discriminante foi satisfatória, quando o instrumento foi comparado com a EAEGP. Em relação à validade discriminante da EAVB, todas as correlações entre dimensões foram inferiores a .85, apresentando bons níveis (KLINE, 2005). Da mesma forma, a raiz quadrada da AVE foi maior que a correlação entre os pares de dimensões (FORNELL; LARCKER, 1981), cumprindo esse critério para todas as dimensões. As correlações entre autoeficácia esportiva, autoeficácia defensiva e autoeficácia ofensiva tiveram o mesmo valor que a raiz quadrada da AVE. A EAVB também apresentou invariância segundo o sexo.

Foram encontradas correlações significativas e moderadas entre as dimensões Autoeficácia Esportiva no Voleibol e Autoeficácia Defensiva no Voleibol (.57) e entre Autoeficácia Esportiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol (.41) (MITRA; LANFORKD, 1999). Entre as dimensões de Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol não houve correlação.

A Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) também foi correlacionada com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP), a fim de verificar a validade convergente. A dimensão de autoeficácia esportiva da EAVB correlacionou-se positivamente com a percepção da autoeficácia geral (EAEGP), apresentando correlação moderada (.54). As dimensões de autoeficácia defensiva e autoeficácia ofensiva apresentaram correlação fraca (.35 e .29, respectivamente) com a EAEGP, considerando a classificação adotada por Mitra; Lanforkd (1999), que estabelece valores de correlação entre .20 e .40 fraca, entre .40 e .60, moderada e acima de .60 forte. Esses

resultados vão ao encontro da Teoria da Autoeficácia (BANDURA, 1986), que recomenda especificidade na avaliação deste construto, devido ao fato de o indivíduo poder julgar-se autoeficaz em uma determinada situação e ambiente, mas não ter a mesma percepção em outros contextos. Muitas vezes, até mesmo dentro de um mesmo ambiente, mas em circunstâncias diferentes, a autoeficácia pode oscilar. Por se tratar de um instrumento multidimensional, este aspecto sugere que existem outras variáveis que também podem influenciar na autoeficácia esportiva de voleibolistas após estudar a validade e a confiabilidade do instrumento, pode-se considerar que a EAVB é adequada e confiável para avaliar a autoeficácia de atletas brasileiros de voleibol de alto rendimento de ambos os sexos.

Os resultados da ANOVA *One Way* mostraram diferenças nas respostas dos atletas aos itens das dimensões Autoeficácia Esportiva no Voleibol (itens 3, 7, 14, 15), Autoeficácia Defensiva no Voleibol (itens 5, 6, 8, 18) e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol (itens 1, 16, 17). Post hoc de Tukey apontou para quais posições cada um desses itens apresentou diferenças.

Analisando os itens de cada dimensão, individualmente, constata-se que na dimensão Autoeficácia Esportiva no Voleibol, o item 3 “Tomar decisões rápidas para definir uma estratégia de ação”, houve diferenças nas respostas dos jogadores centrais em relação aos jogadores levantadores, dos jogadores ponteiros em relação aos levantadores, e dos levantadores em relação aos ponteiros e aos centrais. Neste caso, percebe-se que a média mais alta, ($M=86.80\pm 15.71$) foi encontrada para os levantadores e a mais baixa para os centrais ($M=70.53\pm 20.85$). Essa diferença na percepção dos atletas pode ser devido ao fato de os levantadores serem, constantemente, exigidos devido às demandas da sua função em quadra e das demandas do jogo, levando-os a tomarem decisões rápidas. Por serem considerados os jogadores essenciais no desenvolvimento tático-estratégico ofensivo do jogo, são considerados o “cérebro da equipe” (RESENDE, 1995; PALAO et al., 2004, 2005; MATIAS; GRECO, 2009). Além disso, precisam processar quantidade e variedade de informações de maneira rápida, tendo que tomar decisões ofensivas mais críticas e importantes para o desenvolvimento do jogo (MESQUITA; GRAÇA, 2002a, 2002b).

No item 7, “Perceber o que está acontecendo na sua equipe e na equipe adversária durante o jogo”, houve diferença nas respostas dos centrais em relação aos levantadores e dos levantadores em relação aos centrais. Neste item, a média dos centrais foi de ($M= 71.47\pm 18.14$) e dos levantadores foi de ($M= 81.60\pm 18.45$). Percebe-se que os levantadores têm maiores responsabilidades na condução das estratégias táticas da equipe, tendo que decidir a quantidade de atacantes que utilizará no sistema de ataque da equipe, o percurso de movimentação destes jogadores, a velocidade que empregará no deslocamento de cada um destes atacantes, observar como o bloqueio e o sistema defensivo dos adversários estão posicionados (MATIAS; GRECO, 2011). Já o jogador central, embora seja mais exigido em funções de ataques rápidos e bloqueios, requisitando leitura de jogo da sua equipe e da equipe adversária mais desenvolvida, não pareceu ser o caso na presente amostra. Tais resultados contrariam o que se espera de jogadores centrais, principalmente pelo fato de executarem bloqueios a todo momento e terem que tomar decisões rápidas constantemente, em especial na tomada de decisão em queimar um bloqueio em uma primeira bola (saltar com o atacante de meio adversário antes da definição do levantamento do adversário) e define para qual local da quadra irá efetuar o ataque (seja o ataque na paralela ou na diagonal).

No item 14 “Ter frieza para distinguir o que fazer, em momentos específicos do jogo”, houve diferença nas respostas dos centrais em relação aos levantadores, dos jogadores opostos em relação aos levantadores e dos jogadores líberos em relação aos centrais e aos opostos. A média dos levantadores, mais uma vez, foi mais alta ($M= 85.00\pm 14.32$), enquanto os opostos obtiveram a menor média, ($M=73.18\pm 17.36$). Mais uma vez, percebe-se que devido ao fato de os levantadores terem maiores responsabilidades na condução das estratégias táticas da equipe, na presente amostra, esse discernimento para ter frieza e saber o que fazer em momentos específicos do jogo, foi uma característica mais presente nos levantadores. No entanto, essa frieza em momentos específicos do jogo pode variar. É comum identificar jogadores com diferentes crenças sobre sua capacidade técnico-tática e/ou psicológica, que resultarão em condutas e rendimentos também diferenciados,

que influenciarão sua atuação esportiva. Devido ao fato dos jogadores poderem ser divididos em fases no set (de 0 a 8 pontos, fase um; de 9 a 19, fase dois; e de 20 a 25, fase 3), nem sempre o mesmo jogador apresentará essa frieza em diferentes momentos do set, sendo possível identificar os diferentes comportamentos dos atletas, relacionados a qualidade da jogada, concentração, obediência técnica e tática em decorrência de aumento do estresse emocional do final do set (MARQUES et al., 2008).

No item 15 “Superar dificuldades do jogo e acreditar que é possível”, houve diferença nas respostas dos jogadores centrais em relação aos levantadores, dos levantadores em relação aos centrais. A média dos centrais foi de ($M= 80.40 \pm 14.09$) e dos levantadores ($M=87.60 \pm 15.06$). Embora ambos apresentem médias altas, percebe-se que o levantador parece apresentar maior crença de que é possível superar dificuldades do que os centrais, visto que os centrais são jogadores que não atuam a todo momento dentro de quadra (trocando de posição com o jogador líbero no momento de defesa após o saque, participando do jogo ora dentro de quadra, ora fora de quadra).

De forma geral, os itens que apresentaram diferenças na dimensão Autoeficácia Esportiva no Voleibol demonstram um aspecto em comum, em todos esses itens, sendo as médias mais elevadas encontradas para os levantadores. Como distribuidores das jogadas da equipe, são eles quem definem a movimentação ofensiva da sua equipe e são incumbidos da armação do ataque (MESQUITA; GRAÇA, 2002a, 2002b; PALAO et al., 2004; MATIAS; GRECO, 2009). Além disso, a tomada de decisão do levantador em relação à estrutura ofensiva da sua equipe requer o conhecimento acerca das características, condições, técnicas, táticas e psicológicas dos atacantes com quem o levantador distribui (MATIAS; GRECO, 2016).

Na dimensão Autoeficácia Defensiva no Voleibol, todos os itens apresentaram diferenças. No item 5 “Ser capaz de orientar a sua equipe e comandar o fundo de quadra” apresentou diferenças dos jogadores centrais em relação aos jogadores de todas as posições (opostos, ponteiros, levantadores e líberos). Diferenças dos jogadores opostos em relação aos jogadores meios e líberos; dos jogadores opostos em relação aos líberos; dos jogadores ponteiros em relação aos centrais; dos levantadores em relação aos centrais e líberos;

dos líberos em relação aos centrais, opostos e levantadores. A média mais alta foi ($M= 86.58 \pm 15.12$) dos jogadores líberos e a média mais baixa foi ($M= 41.07 \pm 29.71$) dos centrais. Devido à peculiaridade da posição líbero, a qual tem como funções principais passe e defesa e, eventualmente o levantamento, as médias mais altas foram respectivas a essa função. Como o jogador central troca de posição justamente com o atleta líbero e exerce o papel de defesa apenas quando está no saque (ou, mesmo que por questão tática, não faça a troca com o líbero, o que é muito difícil) acaba executando muito pouco esta função, justificando assim as diferenças encontradas.

No item 6 “Ter capacidade de leitura de fundo de quadra” os centrais diferiram no pensamento em relação a todas as posições (opostos, ponteiros, levantadores e líberos); os opostos em relação aos centrais e aos líberos; os ponteiros em relação aos centrais; os levantadores em relação aos centrais; os líberos em relação aos centrais e aos opostos. As médias mais altas encontradas foram ($M= 87.37 \pm 13.29$) para os jogadores líberos e as médias mais baixas foram ($M= 52.40 \pm 24.65$) para os centrais. Novamente, como o jogador central participa pouco das ações no fundo de quadra, especialmente do passe (o qual apenas executa em alguma situação tática particular da partida e/ou adversário ou quando está no setor ofensivo da quadra, quando executa o passe em situações de saques curtos, antes da linha dos três metros), a participação deste jogador na situação de fundo de quadra é reduzida, tornando a exigência de leitura de fundo de quadra também reduzida. Já o jogador líbero, com a intervenção na defesa, provoca a possibilidade do aumento do uso de ataques de bolas de segundo tempo em contra ataque e, conseqüentemente, provoca mais dificuldades para o oponente (MESQUITA et al., 2007).

No item 8 “Salvar uma bola largada”, os centrais diferiram em relação a todas as posições (opostos, ponteiros, levantadores e líberos); o oposto diferiu em relação aos centrais, levantadores e líberos; os ponteiros apresentaram diferenças em relação aos centrais, levantadores e líberos; os levantadores em relação aos centrais, opostos e ponteiros; os líberos em relação aos centrais, opostos e ponteiros; os valores das médias ($M= 88.95 \pm 12.03$) foram mais altas para posição dos líberos e mais baixas ($M= 55.73 \pm 24.28$) para posição

dos centrais. Tais diferenças podem ser devido às peculiaridades de cada posição. Embora algumas situações sejam as mesmas para todos os atletas, ao considerar as características específicas de cada posição, as respostas dos atletas a cada uma das situações operacionalizadas nos itens podem ser diferentes, considerando as especificidades das ações do jogo, as funções que precisam exercer e suas posições na quadra durante a partida (COLLET *et al.*, 2011). Além disso, percebe-se que quando uma equipe recupera a bola de uma largada, aumenta a motivação da equipe, podendo, muitas vezes, mudar a situação desfavorável de um set e encorajando a equipe a crescer dentro da partida.

No item 18 “Demonstrar coragem para se posicionar e defender” os centrais diferem em relação aos ponteiros, levantadores e líberos; os jogadores opostos em relação aos líberos; os ponteiros em relação aos centrais; os levantadores em relação aos centrais; os levantadores em relação aos centrais; os líberos em relação aos centrais e opostos. Os valores das médias ($M=94.21\pm 10.04$) foram mais altas para posição dos líberos e mais baixas ($M=74.53\pm 24.07$) para posição dos centrais. A defesa é considerada o único fundamento comum a todas posições, embora algumas posições a exerçam mais ou menos vezes dentro de uma situação de jogo. Neste caso, corrobora as discussões já referidas anteriormente, levando-se em consideração a peculiaridade da posição (COLLET *et al.*, 2011) e características dos atletas (MESQUITA *et al.*, 2007).

De modo geral, todos os itens apresentaram diferenças na dimensão Autoeficácia Defensiva no Voleibol, com médias altas (todas acima de $M=86.58$) para posição do líbero, devido às suas funções específicas na composição do jogo de voleibol de alto rendimento.

Na dimensão Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, também todos os itens apresentaram diferenças. No item 1 “Chamar a responsabilidade do ataque para decidir o jogo” os jogadores centrais apresentaram respostas diferentes em relação aos jogadores levantadores e líberos; os opostos em relação aos levantadores e líberos; os ponteiros em relação aos levantadores e líberos; os levantadores em relação aos centrais, opostos e ponteiros; os líberos em relação aos centrais, opostos e ponteiros. A média mais alta correspondeu a

($M= 87.33\pm 15.43$) para a posição dos atacantes opostos e a média mais baixa foi ($M= 27.34\pm 38.05$) para os líberos. Para os atacantes centrais e os atacantes ponteiros as médias foram similares ($M= 82.80\pm 17.60$ e $M= 82.93\pm 17.82$), respectivamente), apresentando médias altas. Percebe-se que os jogadores atacantes opostos tem ciência da sua função e papel dentro de uma equipe de alto rendimento, visto que com a constante atualização das regras do voleibol mundial, as características dos opostos evoluíram, denotando características de um jogador com funções ofensivas em diferentes zonas de ataque, essencialmente a função de atacante no *side out* (MESQUITA; CÉSAR, 2007; COSTA; et al., 2016). Tal papel torna o oposto um jogador elementar nas operações ofensivas das equipes com elevado nível de rendimento competitivo, tanto no masculino quanto no feminino, embora no feminino as ações ofensivas pela posição 1 ainda sejam pouco ofensivas em relação ao masculino (MESQUITA; CÉSAR, 2007).

No item 16 “Definir um ponto difícil”, os jogadores centrais apresentaram diferenças nas respostas em relação aos líberos; os opostos em relação aos líberos; os ponteiros em relação aos levantadores e líberos; os levantadores em relação aos ponteiros e líberos; os líberos em relação a todas as posições (centrais, opostos, ponteiros e levantadores). A média mais alta foi ($M= 84.13\pm 14.31$) para os jogadores ponteiros e a média mais baixa foi ($M= 43.68\pm 44.14$) para os jogadores líberos. Os jogadores centrais e os jogadores opostos apresentaram médias ($M= 80.53\pm 16.51$ e $M= 82.22\pm 17.82$), respectivamente. Os levantadores apresentaram médias ($M= 69.80\pm 28.32$). Os líberos apresentaram diferenças em relação a todas as posições possivelmente devido à peculiaridade da sua posição em não realizar ações de ataque durante o jogo. Em relação aos levantadores, vale ressaltar que embora não executem com frequência ações de ataque, em momentos inerentes, essa situação pode ocorrer, seja em uma bola de *check* na rede, uma bola em que o levantamento não tenha sido executado por ele e a bola tenha sobrado próximo a sua região na quadra ou, até mesmo, numa situação de ataque de segunda bola. Além disso, por ser o distribuidor das jogadas, é ele quem decide para quem fará o levantamento na maioria das situações (salvo quando o passe não chega até suas mãos ou não há tempo dele chegar até a bola), portanto, ele é

responsável por quem poderá definir um ponto difícil. Em relação aos ponteiros, são caracterizados por grande habilidade relacionada à modalidade, são jogadores mais completos e exercem funções mais diversificadas em quadra. Além do mais, exercem a função de definidores de jogadas, corroborando com os valores médios mais altos encontrados para este item.

No item 17 “Ser capaz de decidir o jogo” os jogadores centrais apresentaram diferenças em relação aos jogadores líberos; os opostos em relação aos jogadores levantadores e líberos; os ponteiros em relação aos levantadores e líberos; os levantadores em relação aos opostos, ponteiros e líberos; os líberos em relação a todas as posições (centrais, opostos, ponteiros e levantadores). A média mais alta foi ($M= 87.11\pm 16.87$) para os jogadores opostos e a média mais baixa foi ($M= 48.42\pm 39.70$) para os líberos. Embora essas diferenças tenham sido encontradas, percebe-se que entre os jogadores atacantes, as médias não apontaram diferenças estatísticas (centrais $M= 79.20\pm 19.71$, opostos $M= 87.11\pm 16.87$ e ponteiros $M= 84.57\pm 15.44$). Os líberos apresentaram diferenças em relação a todas as posições devido a não executarem ações ofensivas no jogo.

De maneira geral, a dimensão Autoeficácia Ofensiva no Voleibol apresentou diferenças em todos os itens da dimensão, com médias altas (todas acima de $M= 79.20\pm 19.71$) para os atacantes, seja nas posições dos centrais, opostos ou ponteiros. Os atacantes opostos foram os que apresentaram as maiores médias nos itens 1 e 17. Já no item 16 os atacantes ponteiros demonstraram as maiores médias. Para os líberos a média mais baixa em um dos itens (item 1) apresentou valor de ($M= 27.34\pm 38.05$), o que demonstra que a dimensão Autoeficácia Ofensiva não é útil e necessária para avaliação dos jogadores desta posição.

As correlações entre autoeficácia e idade, para ambos os sexos, foi de ($r= .33$) e entre sexo e tempo de prática foi ($r= .29$). A correlação entre sexo masculino e idade foi de ($r=.24$), sexo masculino e tempo de prática ($r=.19$). A correlação entre sexo feminino e idade foi de ($r=.37$) e sexo feminino e tempo de prática, ($r=.36$). Para ambos os sexos, assim como para homens e mulheres, separadamente, embora tenham-se encontrado correlações fracas, foram significativas. O tempo de prática e a idade são fatores importantes para

autoeficácia, como já é visto na literatura (BANDURA, 1986; FELTZ et al., 2008), pela formação das crenças de eficácia pessoal que se dão pelas experiências pessoais e experiências vicárias. Porém não podem ser considerados os únicos fatores que determinam a autoeficácia esportiva, pois existem outras variáveis que podem influenciar na autoeficácia. Por exemplo, os eventos de influências pessoais, como a regulação da própria motivação, processos de pensamento, nível de desempenho, estados emocionais ou alteração das condições ambientais (BANDURA, 2012).

Em síntese, o modelo multidimensional encontrado no presente estudo, que explica 56.38% da variância do instrumento, em três dimensões (Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol), demonstrou-se adequado para representar a autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento. Acredita-se, ainda, que os resultados das correlações encontradas entre idade e tempo de prática também influenciam neste modelo. Além disso, o processamento cognitivo, que compreende processos referentes à atenção, memória e integração de informações, e ser interpretados de maneira variada, a habilidade de discernir, dar peso e integrar fontes relevantes de informação de eficácia aumenta com o desenvolvimento das habilidades cognitivas para o processamento de informação, o que requer um conhecimento dos tipos de habilidades exigidas para as diferentes atividades e o autoconhecimento das capacidades. Pode ocorrer de maneira imprecisa, assim como ocorre em situações novas, nas quais as pessoas têm informação insuficiente sobre sua performance e, então, precisam fazer inferências sobre sua capacidade baseando-se em outras situações (PAJARES; OLAZ, 2008)

3.5 CONCLUSÃO

Os resultados do processo de construção e testagem psicométrica da Escala de Autoeficácia no Voleibol para atletas brasileiros de alto rendimento apresenta aplicações potenciais, pois está devidamente fundamentada de

acordo com a Teoria da Autoeficácia e a linguagem de voleibol de alto rendimento.

Em relação às propriedades psicométricas do instrumento, a confiabilidade geral do instrumento apresentou evidências de confiabilidade. As evidências baseadas em outras variáveis são satisfatórias. Os resultados da *ANOVA One Way* apresentaram diferenças nas respostas dos atletas para os itens do instrumento, conseguindo discriminar os jogadores de acordo com às peculiaridades de suas posições. Além disso, os baixos valores médios apresentados na dimensão Autoeficácia Ofensiva para os jogadores líberos apontam para a não necessidade de aplicação desta dimensão na versão final do instrumento em jogadores dessa posição. Os indicadores de AVE também apresentaram valores superiores aos recomendados.

A análise da estrutura interna do instrumento foi confirmada pelo modelo com três dimensões. Os principais indicadores de qualidade para o modelo apontam para a invariância do instrumento entre os sexos. O tempo de prática e a idade são fatores importantes para autoeficácia, como apontados pelas correlações entre autoeficácia e idade, para ambos os sexos.

Assim, a EAVB pode ser considerada um instrumento útil e prático para avaliar a autoeficácia de atletas brasileiros de voleibol de alto rendimento, de ambos os sexos. No entanto, considerando-se a complexidade do processo de construção e validação de um instrumento de medida e de suas implicações para a pesquisa científica, destacam-se algumas limitações durante este processo, tais como a maneira como a amostra foi obtida, utilizando-se de métodos não probabilísticos, e o uso de medidas de autorrelato. Como sugestões finais, recomenda-se que a Escala de Autoeficácia no Voleibol seja testada para outras categorias, para atletas de vôlei de praia de alto rendimento e seja aplicado a outros países, a fim de saber como essa variável se comporta em outros contextos do voleibol e outras culturas, Pretende-se considerar as limitações apontadas neste estudo em pesquisas futuras.

CAPÍTULO 4

AVALIAÇÃO DA AUTOEFICÁCIA DE ATLETAS DE VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO

4.1 INTRODUÇÃO

O voleibol brasileiro, nos últimos 34 anos, tem evoluído e se consolidado como uma das maiores potências mundiais na modalidade, tendo em vista os inúmeros títulos conquistados, sejam com equipes masculinas ou femininas, tanto na modalidade quadra como praia. Recentemente, foi constatado que a Seleção Brasileira Masculina de Voleibol da Era Bernardinho (2001 a 2016) foi a melhor equipe e Seleção de Voleibol nas primeiras décadas do século XXI, dentre os esportes coletivos (LANCE, 2017; TERRA, 2017; CBV, 2018a; GLOBO, 2018).

Neste panorama, o que as ciências do esporte enfatizam é que toda a evolução das técnicas de preparação física, técnica e tática dos atletas não demonstram ser suficientes para garantir o êxito esportivo esperado (CRUZ, 1996; CRUZ et al., 1996; BECKER JÚNIOR; SAMULSKI, 2002). É necessário também compreender como os fatores psicológicos interferem no desempenho e sucesso esportivos, visto que ocorrerem variações na performance dos atletas durante os jogos, que podem estar ligadas a flutuações cognitivas durante a prática, relacionadas a diversos aspectos fisiológicos, mecânicos, motores e em particular ao controle mental do atleta, influenciando o equilíbrio da sua atuação (STEFANELLO, 2007b)

Entre os fatores psicológicos relevantes para uma boa atuação atlética, a autoeficácia, entendida como a crença do atleta a respeito da sua capacidade em executar cursos de ações necessárias para alcançar determinados objetivos (BANDURA, 1997), tem se constituído em um importante recurso para auxiliar o atleta a alcançar respostas mais eficazes e consistentes diante das diversas exigências competitivas. Tais crenças, por determinarem a regulação dos padrões do pensamento dos atletas e como estes se comportarão para atingir seus objetivos frente às adversidades, influenciam suas reações afetivas e motivação (BANDURA, 1986) e ajuda o esportista a manter o controle de fatores cognitivos, mentais e psicológicos, muitas vezes responsáveis pelo resultado de uma competição (STEFANELLO, 2007).

Quando positiva, a autoeficácia atua como um acionador chave para a boa performance esportiva (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008), uma vez que mobiliza no atleta a confiança necessária na sua capacidade de adquirir destrezas e competências que lhes permitam alcançar seu máximo potencial; por outro lado, quando negativa, fazem com que os atletas duvidem de suas competências ou capacidades para alcançar o êxito desejado (STEFANELLO, 2007), especialmente se as crenças positivas ainda não estiverem estabelecidas no indivíduo (BANDURA, 1994).

Relações significativas entre o nível de autoeficácia e performance esportiva foram evidenciadas em atletas de ginástica rítmica (DAROGLU, 2011) taekwondo (ESTEVAN et al., 2016), tênis (HERNÁNDEZ, 2017), golf (IRAZUSTA; ARRUZA, 2006; RODRÍGUEZ SALAZAR et al., 2015), futebol (LEO MARCOS et al., 2008, 2011; GARCÍA NAVEIRA, 2018) basquetebol (TORO et al., 2007; ORTEGA et al., 2009), assim como relação positiva foi encontrada entre níveis de autoeficácia e outras variáveis de performance, como score de pontos e participação de minutos jogados na competição (LÁZARO; VILLAMARÍN, 1993).

No voleibol, em um estudo com trinta atletas universitárias do sexo feminino, experientes, não experientes e novatas na modalidade voleibol, foram encontradas diferenças na efetividade da execução do saque em diferentes locais da quadra, na autoeficácia e na autorregulação dos atletas em todos os níveis de desempenho das atletas investigadas (KITSANTAS; ZIMMERMAN, 2002). Outro estudo identificou que houve uma melhora na autoeficácia no saque e o desempenho desse fundamento em atletas no final de um programa de habilidades mentais (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008). Muito embora, os instrumentos utilizados não tenham sido específicos para a modalidade e tampouco tenha-se encontrado referências sobre suas propriedades psicométricas.

Outro aspecto de relevância na avaliação da autoeficácia são os momentos em que este construto é avaliado. Conforme preconiza Bandura (1997) é importante a avaliação da autoeficácia não apenas em momentos que antecedem determinadas atividades, mas também o pós atividade. O que não se tem observado nos estudos revisados (MACHADO et al., 2014, 2018).

Considerando os possíveis efeitos das expectativas de autoeficácia nos padrões de pensamento e comportamento dos atletas durante a competição (FELTZ *et al.*, 2008; BARKER *et al.*, 2013), especialmente em momentos cruciais de uma partida, como, por exemplo, uma situação de *match point*, a avaliação deste construto e a investigação do seu impacto sobre a performance e atuação esportiva tornam-se fundamentais para atletas brasileiros de voleibol de alto rendimento. Até o presente momento, não se tem conhecimento de estudos com essas características. Destaca-se, ainda, como relevância do estudo, que a Superliga é um dos campeonatos nacionais com nível técnico mais elevado no cenário mundial, com a participação de campeões, bicampeões olímpicos, campeões e tri-campeões mundiais, atletas estrangeiros e atletas com alto nível técnico (CBV, 2018).

4.1.1 Objetivos

4.1.1.1 Objetivo Geral

- Avaliar a relação entre autoeficácia no voleibol e eficácia do desempenho de atletas de equipes de voleibol de alto rendimento, durante uma temporada da Superliga Brasileira de Voleibol Masculina e Feminina 2017/2018.

4.1.1.2 Objetivos Específicos

- Avaliar a autoeficácia no voleibol dos atletas de quatro equipes, em três momentos: antes do início da competição (turno); antes do início do retorno e logo após a competição.

- Verificar se há diferenças na autoeficácia no voleibol dos atletas entre os três momentos de avaliação.

- Correlacionar a autoeficácia no voleibol com a autoeficácia geral dos atletas (evidências baseadas em outras variáveis) em diferentes momentos da Superliga de Voleibol Masculina e Feminina 2017/2018.
- Correlacionar a autoeficácia no voleibol dos atletas das quatro equipes com a eficácia do desempenho, voleibol e a eficácia de desempenho dos atletas em diferentes momentos da Superliga de Voleibol Masculina e Feminina 2017/2018.
- Correlacionar a autoeficácia no voleibol dos atletas das quatro equipes com a eficácia do desempenho de toda a temporada da Superliga 2017/2018 por meio de indicadores de desempenho (escala técnica).

4.2 MÉTODOS

4.2.1 Caracterização do estudo

O presente estudo visou mensurar a autoeficácia no voleibol de atletas de alto rendimento, de ambos os sexos, sendo caracterizado como um estudo de campo, do tipo descritivo correlacional, com intuito de apresentar de forma organizada informações sobre os indivíduos (NELSON; THOMAS, 2012). Além disso, caracteriza-se como análise notacional do desempenho esportivo com intuito de identificar situações críticas que apontam indicadores de performance (NEVILL et al., 2002) por meio da análise do movimento, avaliação técnica e tática e compilação estatística (HUGHES; JAMES, 2008).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde/SCS, da Universidade Federal do Paraná, CAAE: 51694315.0.0000.0102, parecer: 1.574.185, autorizado pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e pelos Clubes participantes.

4.2.2. Participantes

Quatro clubes foram convidados a participar do estudo, duas equipes masculinas e duas femininas, participantes das Superligas Masculina e Feminina 2017/2018, divisão A. Os critérios para escolha das equipes foram: (1) aceite dos clubes para fazerem parte do estudo; (2) enfrentamento dos clubes nos dois primeiros momentos de coleta de dados (início da competição – turno, e no meio da competição – retorno). Para tal, levou-se em consideração o histórico das equipes em termos de investimento financeiro (dois clubes com maior investimento - um masculino e um feminino - e outros dois clubes com menor investimento - um masculino e um feminino para temporada 2017/2018) e a classificação final na temporada anterior (dois clubes com classificação final na competição entre os quatro primeiros colocados - um masculino e um feminino e outros dois clubes com classificação final na competição entre os quatro últimos colocados - um masculino e um feminino).

Vale destacar que dentre as 4 equipes selecionadas para a investigação encontravam-se alguns atletas com passagens em Seleções Brasileiras tanto de categorias de base como adulta. No total, havia 12 equipes participantes da Superliga Masculina e 12 equipes participantes da Superliga Feminina, temporada 2017/2018, divisão A. Ao final da competição, as duas equipes últimas colocadas de cada naipe seriam rebaixadas para Superliga B, em ambos os naves, masculino e feminino.

Os dados das quatro equipes incluídas na pesquisa encontram-se na Tabela 6. O tempo de escolaridade dos atletas foi calculado pela classificação em anos de estudo, para os 65 atletas que correspondem ao número total de atletas das quatro equipes investigadas (Ensino Fundamental 8 anos, Ensino Médio 11 anos, Ensino Superior Incompleto 13 anos, Ensino Superior Completo 15 anos e Especialização 16 anos de estudo). Além disso, foi calculada, em termos percentuais, a frequência da escolaridade de todos os atletas: com Ensino Fundamental (1.53%), com Ensino Médio (52.30%), com Ensino Superior Incompleto (29.23%), com Ensino Superior Completo (15.34%) e com especialização (1.53%). Devido ao fato de em jogos fora de casa as

equipes não viajarem com seu plantel completo (apenas 14 atletas são relacionados para partida, dois atletas a mais do que era permitido nas temporadas anteriores), nas coletas dos jogos em que o mando de ginásio era do adversário, não foram realizadas coletas com os atletas que não viajaram, conveniente com as circunstâncias destes atletas não terem sido relacionados para as partidas e a particularidade da sistemática da competição.

A Tabela 6 apresenta as equipes, classificação final na competição, número de atletas por equipe, média de idade, tempo de prática, tempo na equipe, escolaridade dos atletas e quantidade de jogos realizados e número de vitórias.

Tabela 6. Características das equipes participantes.

Equipes / Classificação final na Competição	N	Média de Idade (anos)	Tempo de Prática (anos)	Tempo na Equipe (meses)	Escolaridade (anos)	Jogos (Total / Vitórias)
Equipe Masculina A 10º Colocado	18	25.00 ± 3.86	9.63 ± 4.22	17.00 ± 14.17	11,71 ± 0,99	22/ 05
Equipe Masculina B 7º Colocado	15	27.80 ± 7.89	14.58 ± 7.75	18.67 ± 20.90	13.08 ± 1.62	24/ 10
Equipe Feminina C 2ª Colocada	15	28.00 ± 5.14	15.85 ± 4.06	33.42 ± 47.29	12.00 ± 1.81	30/ 27
Equipe Feminina D 12ª Colocada	17	24.00 ± 4.28	10.13 ± 4.49	11.64 ± 10.90	12.06 ± 1.60	22/ 01
Total	65	26.20 ± 1.73	12.54 ± 2.71	20.18 ± 8.07	12.21 ± 0.51	

4.2.3 Procedimentos

Após a autorização dos clubes participantes do estudo, foi pedido aos atletas que lessem e assinassem o TCLE, caso concordassem em participar da pesquisa. A pesquisadora explicou, detalhadamente, o modo como os atletas deveriam proceder para preencher os instrumentos utilizados para a coleta de dados (descritos, a seguir, no item 4.2.4) e manteve-se à disposição dos atletas, caso tivessem dúvidas.

As coletas foram realizadas pela própria pesquisadora, um dia antes das partidas, antes ou após os treinos, nos ginásios e/ou nos hotéis em que o(a)s atletas estavam hospedado(a)s, em três momentos: antes do início da competição (primeiro jogo do turno), antes do início da segunda etapa da competição (primeiro jogo do retorno) e após o último jogo da equipe na competição.

Tanto no masculino como no feminino, como o formato da Superliga engloba jogos de ida e volta (turno e retorno) após o retorno iniciam-se os *play-offs*, quartas de final. As 8 melhores equipes classificadas na tabela passam para essa fase. Iniciam-se os cruzamentos do 1 x 8, 2 x 7, 3 x 6, 4 x 5 entre os colocados. Esses confrontos são disputados em série de melhor de três partidas. A fase semifinal, é realizada em melhor de cinco jogos. Nesta temporada, o formato da final foi modificado, sendo disputado em melhor de dois jogos, com cada finalista tendo o mando de um jogo. A segunda partida, decisiva, teve mando do finalista mais bem posicionado na fase de classificação. Em caso de cada finalista ganhar um duelo, o desempate foi feito no *golden set*, em que o vencedor ficou com o troféu de campeão, independentemente dos placares dos dois jogos (CBV, 2018b).

Para melhor compreensão dos resultados e discussão, os momentos de avaliação de cada uma das equipes (jogo em casa e jogo fora de casa) foram: Equipe A: primeiro jogo em casa, segundo jogo fora de casa, terceiro e último jogo em casa; Equipe B: primeiro jogo fora de casa, segundo jogo em casa e terceiro jogo em casa; Equipe C: primeiro jogo fora de casa, segundo jogo em casa e terceiro e último jogo fora de casa; Equipe D: primeiro jogo em casa, segundo jogo fora de casa e terceiro e último jogo em casa.

4.2.4 Instrumentos

Para a avaliação da autoeficácia esportiva foi utilizada a Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB), desenvolvida e validada no Capítulo 3 da presente tese. A EAVB avalia as expectativas de eficácia pela força da crença do atleta em sua capacidade para desempenhar as atividades requeridas. Os

respondentes deveriam reportar a força da sua crença de eficácia (expectativas de eficácia) em uma escala de resposta 0 a 100 pontos, com intervalos unitários de 10, onde 0 (zero) corresponde a “Nada”, o atleta não acredita na sua capacidade; 50% “Moderadamente” (indicando moderado grau de crença na sua capacidade); e 100% “Completamente” (quando o indivíduo é completamente convicto na sua capacidade de realização). O instrumento é composto por três dimensões denominadas: 1) Autoeficácia Esportiva no Voleibol; 2) Autoeficácia Defensiva no Voleibol; 3) Autoeficácia Ofensiva no Voleibol. A média das três dimensões representam a Autoeficácia Global no Voleibol.

Para o jogador líbero, a Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol é excluída do instrumento, utilizando-se apenas duas Dimensões 1) Autoeficácia Esportiva no Voleibol, 2) Autoeficácia Defensiva no Voleibol e a média das duas dimensões, que corresponde a Autoeficácia Global no Voleibol, neste caso.

Para avaliar a autoeficácia geral foi utilizada a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP), cuja tradução e adaptação foi validada do original (SCHWARZER; JERUSALEM, 1995) para a língua portuguesa por (TEIXEIRA; DIAS, 2005). A EAEGP é um instrumento unidimensional, de autorrelato, composto por 10 itens, agrupados em uma única dimensão, referente ao sentimento geral de competência pessoal para lidar efetivamente em várias situações estressantes, com quatro possibilidades de resposta (1, não é verdade para mim, 2, dificilmente é verdade para mim, 3, é moderadamente verdadeiro para mim, e 4, é totalmente verdadeiro para mim). A somatória da escala corresponde a avaliação da Autoeficácia geral. A EAEGP validada para a população brasileira apresentou boas propriedades psicométricas (consistência interna $\alpha = 0,81$).

Para avaliação da eficácia do desempenho das equipes foram utilizados os Escaltes Técnicos da Competição (análise notacional), fornecidos pelos próprios analistas de desempenho dos clubes. Três deles utilizavam o *software* “Data Volley” 2007 (software italiano) e um utilizava o software brasileiro desenvolvido por Bernardo Rezende e Roberta Giglio.

Para análise da eficácia por meio do software *Data Volley*, utilizou-se o valores obtidos no *Match Report*, que apresentou os valores da eficácia acerca das ações dos atletas nos fundamentos saque, recepção, ataque e bloqueio. O *Match Report* apresenta a eficácia dos fundamentos por meio de fórmulas pré-estabelecidas no programa que geram os valores de eficácia dos respectivos fundamentos. A fórmula utilizada para o cálculo da eficácia é apresentada na Figura 5.

Figura 5. Fórmula para o cálculo da eficácia.

$$\text{Fórmula} = \frac{\begin{aligned} & \text{Ações} = * \text{Valor} =) + (\text{Ações} / * \text{Valor} /) \\ & \text{Ações} - * \text{Valor} -) + (\text{Ações} ! * \text{Valor} !) + \\ & \text{Ações} + * \text{Valor} +) + (\text{Ações} \# * \text{Valor} \#) \end{aligned}}{\text{Total de Ações}} * \text{Fator}$$

Fonte: Manual SPSS (“Data Volley,” 2007).

Na formula, # é usado para ações que foram realizadas com sucesso. Saque: ace; passe: A; Ataque: ponto direto; Bloqueio: ponto direto; Defesa: excelente (pouco usado no adulto); Levantamento: para os levantadores mostra quantas bolas houve chamada com o central. Aos demais, levantamento perfeito.

± é usado para ações de boa qualidade e que dão maiores oportunidade de ponto para a equipe analisada. Saque: gera passe b- ou c do adversário; Passe: b; Ataque: defendido pelo adversário, mas impediu contra-ataque efetivo. Proxima oportunidade de ataque é da equipe que efetuou o fundamento positivo; Bloqueio: amorteceu o ataque adversário, permitindo defesa # ou +; Defesa: defesa positiva; levantamento: positivo, é possível o ataque, porém a bola não está em perfeitas condições;

! usado apenas na relação saque-passe. Saque: gera passe B do adversário; Passe: passe B-; Ataque: -----não usado-----; Bloqueio: -----não usado-----; Defesa: -----não usado-----; Levantamento: -----não usado-----;

- usado para ações negativas/ineficientes. Saque: gera passe A do adversário; Passe: passe C; Ataque: ataque defendido ou amortecido, com o contra-ataque a favor da equipe adversária; Bloqueio: bloqueio foi ineficiente: a bola foi trabalhada pela coberura adversária ou não colaborou com uma defesa # ou +; Defesa: a defesa não gerou contra-ataque e a bola volta de graça para o adversário; Levantamento: ruim, possibilitando apenas que a bola seja trabalhada sem potencia.

∟ favorece a definição do ponto para o adversário (exceto saque) ou dá ponto direto. Saque: gera bola de xeque do adversário (favorável à equipe que sacou); Passe: não há passe efetivo e a bola volta de xeque para o adversário; Ataque: ataque bloqueado pelo adversário (toco tomado); Bloqueio: onde há somente o desvio e o ponto é do adversário (explorado); Defesa: não há defesa eficiente (ocorre desvio, tentativa) ou seja, ataque perfeito do adversário; Levantamento: ação em que o levantamento é negativo porém não há a chance de se passar a bola com ataque, ou o levantamento vai direto pra quadra adversária.

≡ ação errada que gera ponto para o adversário. Saque: saque errado; passe: passe errado; Ataque: ataque pra fora, rede ou com infração; Bloqueio: usado para infração (toque na rede, antena ou invasão); Defesa: erro em defesa considerada fácil; Levantamento: infração ou sem continuidade (ponto pro adversário).

No saque, a coluna Pts (pontos) no *macth report* refere-se a pontos de saque na partida. Na recepção, a coluna POS% refere-se a quantidade de passes A (passe na mão do levantador) e passe B (realizado próximo a 1m50 da rede, entre a linha central dos três metros). Os valores da eficácia da recepção encontravam-se em números percentuais. Desta forma, foi necessário transformar esses valores percentuais em números naturais, por meio de uma regra de três simples, pois os mesmos eram os únicos que se encontravam em percentual. No ataque, coluna Pts (pontos) refere-se a quantidade de pontos de ataque na partida. No bloqueio, a coluna Bk diz respeito a quantidade de pontos de bloqueio na partida (“Data Volley,” 2007).

No software desenvolvido por Bernardo Rezende e Roberta Giglio, foram utilizados os mesmos fundamentos para avaliação. Embora o instrumento de Roberta e Bernardo apresentem o fundamento contra-ataque, para a presente pesquisa, o contra-ataque foi excluído, uma vez que tal fundamento não está contemplado no *Data Volley*. Não existe um manual do programa disponível, visto que o mesmo é de domínio particular. Em anexo (ANEXOS págs 153 e 154) encontram-se um modelo do *Match Report* e um modelo do Escalate de Bernardo Rezende e Roberta Giglio.

Para o cálculo da eficácia, os fundamentos foram divididos em ofensivos (saque + ataque) e defensivos (passe + bloqueio), com intuito de melhor agrupar os dados para análise. Assim, foram correlacionadas as dimensões Autoeficácia Defensiva (D2) com a fundamentos defensivos, Autoeficácia Ofensiva (D3) com fundamentos ofensivos e a Autoeficácia no Voleibol com a Eficácia total no jogo (saque + ataque + passe + bloqueio).

Por fim, após o último jogo da equipe na competição, com intuito melhor compreender a relação entre a autoeficácia e eficácia das ações das equipes durante toda a temporada esportiva, e de auxiliar na análise, interpretação e discussão dos resultados encontrados, pediu-se aos treinadores e capitães das equipes, após o último jogo da temporada, que respondessem à seguinte questão: “Qual é o balanço final do desempenho da sua equipe durante toda a competição”?

4.2.5 Tratamento e interpretação dos resultados da EAVB

A Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) permite obter um escore médio para cada dimensão (Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol e Autoeficácia Defensiva no Voleibol) e um escore total do instrumento (Autoeficácia Global no Voleibol), obtidos pela média das respostas dos atletas para as três dimensões que compõem a EAVB.

4.2.6 Procedimentos Estatísticos

Após o levantamento de dados dos 65 atletas, os dados foram tabulados em planilha do Excel 2013 e analisados por meio do software *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences, Version 22)*.

Para testar a normalidade dos dados foi utilizado o teste *Shapiro Wilk* (SHAPIRO; WILK, 1965). Alguns dados não demonstraram distribuição normal, sendo, então, utilizada, quando cabível, a estatística não paramétrica.

Para avaliar a Autoeficácia no Voleibol foram calculadas a média das três dimensões e a média de cada dimensão EAVB.

ANOVA *One Way* de medidas repetidas foi realizada para evidenciar possíveis diferenças nos três momentos de avaliação da autoeficácia no voleibol nos atletas. O Teste de *Kruskal Wallis* foi utilizado para a amostra que não apresentou normalidade. Para os atletas que tinham apenas duas avaliações, foi realizado o Teste *t* de *Student*, a fim de verificar diferenças entre os momentos de aplicação da escala (primeiro momento, segundo momento ou terceiro momento) quando o atleta tinha apenas dois momentos de avaliação (BUSSAB; MORETTIN, 2013)

A evidência baseada em outras variáveis foi analisada usando os resultados da Correlação de *Pearson* (BUSSAB; MORETTIN, 2013) da Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP) e Correlação de *Spearman* entre a EAVB e a eficácia do desempenho.

5. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados seguindo os objetivos propostos para o estudo. Primeiramente, os resultados referentes à avaliação da autoeficácia no voleibol dos atletas nos três momentos da competição. Na sequência, serão expostos os resultados referente à correlação entre EAVB e a EAEGP e, por fim, a correlação entre autoeficácia no voleibol e eficácia do desempenho

técnico de atletas (evidências baseadas em relações com outras variáveis). As análises da autoeficácia no voleibol dos atletas das quatro equipes serão apresentadas apontando as médias da equipe nas três aplicações.

A Equipe A apresentou para a Dimensão 1, Autoeficácia Esportiva no Voleibol, médias de 90.89; 85.32; 85.16, nos três momentos, respectivamente. Para Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, médias de 83.28; 75.58; 80.56, respectivamente. Na Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, médias de 90.95; 87.88; 87.38, respectivamente. A Autoeficácia Global no Voleibol, média das três dimensões, apresentou valores médios de $M= 89.36$; $M= 83.75$; $M= 84.38$, respectivamente, nos três momentos de aplicação do instrumento. De acordo com a classificação proposta para o presente estudo, a equipe A apresentou, em todos os momentos e em todas as dimensões do instrumento, muito forte Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol e Autoeficácia Global no Voleibol.

A Equipe B apresentou para a Dimensão 1, Autoeficácia Esportiva no Voleibol, médias de $M= 82.85$; $M= 80.00$; $M= 74.29$, nos três momentos, respectivamente. Na Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, médias de $M= 77.71$; $M= 77.83$; $M= 74.64$, nos três momentos, respectivamente. Para Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, médias de $M= 90.61$; $M= 87.18$; $M= 81.43$ nos três momentos, respectivamente. A Autoeficácia Global no Voleibol apresentou médias de $M= 82.97$; $M= 80.78$; $M= 75.49$ nos três momentos, respectivamente. A equipe B apresentou, nos dois primeiros momentos de avaliação da Dimensão A, Autoeficácia Esportiva no Voleibol, muito forte autoeficácia e no terceiro momento forte autoeficácia. Na dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, nos três momentos de avaliação apresentou forte autoeficácia. Na Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, nos três momentos de avaliação os atletas apresentaram muito forte autoeficácia. Vale destacar que o terceiro e último momento de avaliação da Equipe B, pós-competição, apenas sete atletas responderam ao instrumento. Desta forma, as médias da terceira avaliação não correspondem a todos os atletas avaliados nos demais momentos da equipe (no primeiro momento, jogo fora de casa, foram avaliados 12 atletas, no segundo momento, jogo em casa,

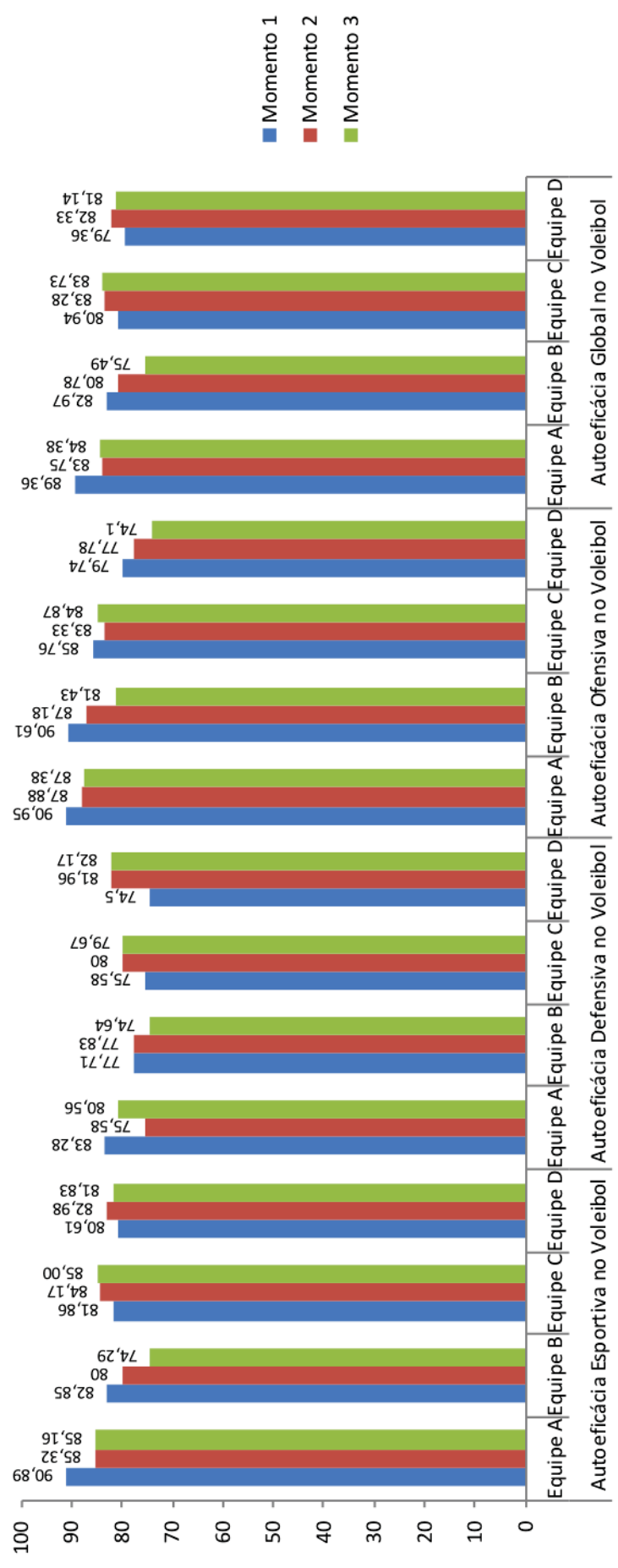
15 atletas responderam ao instrumento). Mesmo assim, a Equipe B apresentou muito forte Autoeficácia Global no Voleibol.

A Equipe C demonstrou para a Dimensão 1, Autoeficácia Esportiva no Voleibol, médias $M= 81.86$; $M= 84.17$; $M= 85.00$, nos três momentos, respectivamente. Na Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, médias de $M= 75.58$; $M= 80.00$; $M= 79.67$, nos três momentos, respectivamente. Para dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, médias de $M= 85.76$; $M= 83.33$; $M= 85.00$, nos três momentos, respectivamente. A autoeficácia Global no Voleibol apresentou médias de $M= 80.94$; $M= 83.28$; $M= 83.73$, nos três momentos, respectivamente. As atletas apresentaram nas três dimensões e nos três momentos de avaliação muito forte Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol e Autoeficácia Global no Voleibol.

A Equipe D apresentou para a Dimensão 1, Autoeficácia Esportiva no Voleibol, médias $M= 80.61$; $M= 82.98$; $M= 81.83$, para os três momentos de avaliação, respectivamente. Para Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, médias $M= 74.50$; $M= 81.96$; $M= 82.17$ nos três momentos, respectivamente. Para Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, médias $M= 79.74$; $M= 77.78$; $M= 74.10$ nos três momentos, respectivamente. A Autoeficácia Global no Voleibol apresentou valores médios de $M= 79.36$; $M= 82.33$; $M= 81.14$, nos três momentos, respectivamente. Para dimensão Autoeficácia Esportiva no Voleibol, nos três momentos de avaliação as atletas apresentaram muito forte autoeficácia. Na Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, na primeira avaliação as atletas apresentaram forte autoeficácia e no segundo e terceiro momentos, muito forte autoeficácia. Para a Dimensão 3, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, apresentaram nos três momentos forte autoeficácia. Para Autoeficácia Global no Voleibol. Apresentaram forte autoeficácia na primeira avaliação e muito forte autoeficácia para os segundo e terceiro momentos.

A Figura 6 apresenta os valores médios nos três momentos de avaliação da Autoeficácia no Voleibol, das quatro equipes.

Figura 6. Valores médios da Autoeficácia no Voleibol das quatro equipes nos três momentos da competição.



Fonte: Própria autora.

A fim de verificar se há diferenças na autoeficácia no voleibol dos atletas entre os três momentos de avaliação das quatro equipes, utilizou-se o teste estatístico *ANOVA One Way* para as equipes A, C e D. Como o número de atletas da Equipe B não foi o suficiente para análise e os dados não apresentaram normalidade, utilizou-se a estatística não paramétrica, por meio do Teste de *Kruskal Wallis*. A Tabela 7 apresenta os resultados desta análise.

Tabela 7. Anova One Way para os três momentos de avaliação: Equipe, N= número de atletas, Média (DP), Soma dos Quadrados, Graus de Liberdade (GL), F-ratio (F), p-valor (p) e Teste de *Kruskal Wallis*, N= número de atletas e p-valor (p).

Equipe A	Média (DP)	Soma dos Quadrados	GL	F	p
D1 AE					
Esportiva N=11	88.71± 9.87	116.32	2	.49	.61
N=11	84.16±11.59	3517.22	30		
N=11	87.04±10.94	3633.54	32		
Total N=33	86.64±10.65				
D2 AE					
Defensiva N=11	80.90±12.46	687.74	2	2.16	.13
N=11	73.18±13.13	4756.77	30		
N=11	84.04±12.15	5444.51	32		
Total N=33	79.37±13.04				
D3 AE					
Ofensiva N=9	94.44±9.57	222.30	2	1.11	.34
N=11	87.87±9.10	2393.69	24		
N=7	89.52±11.77	2615.99	26		
Total N=27	90.49±10.03				
AE Voleibol					
N=11	87.96±9.07	186.29	2	.94	.40
N=11	82.43±10.28	2955.00	30		

N=11	86.78±10.36	3141.30	32		
Total N=	85.72±9.90				
Equipe B					
D1 AE					
Esportiva					.71
N=7					
D2 AE					
Defensiva					.91
N=7					
D3 AE					
Ofensiva					.77
N=7					
AE Voleibol					.71
N=7					
Equipe C					
D1 AE					
Esportiva	82.34±11.71	102.86	2	.39	.67
N=11					
N=11	84.31±11.54	3905.16	30		
N=11	86.66±10.94	4008.03	32		
Total N=33	84.44±11.19				
D2 AE					
Defensiva	76.81±19.90	179.92	2	.26	.76
N=11					
N=11	80.22±18.95	10044.31	30		
N=11	82.50±15.77	10224.24	32		
Total N=33	79.84±17.87				
D3 AE					
Ofensiva	84.33±12.17	20.04	2	.05	.94
N=10					
N=10	82.33±13.15	4807.41	27		
N=10	83.30±14.59	4827.46	29		
Total N=30	83.32±12.90				
AE Voleibol	81.56±12.09	79.89	2	.27	.75

N=11					
N=11	83.29±12.40	4291.86	30		
N=11	85.36±11.35	4371.75	32		
Total N=33	83.40±11.68				
Equipe D					
D1 AE					
Esportiva	83.26±10.20	.03	2	.00	1.00
N=12					
N=12	83.33±13.17	5714.16	33		
N=12	83.33±15.54	5714.20	35		
Total N=36	83.31±12.77				
D2 AE					
Defensiva	80.00±16.95	181.59	2	.30	.73
N=12					
N=12	81.87±18.83	9736.97	33		
N=12	85.41±15.58	9918.57	35	.49	.61
Total N=36	82.43±16.83				
D3 AE					
Ofensiva	83.66±11.90	526.58	2		
N=10					
N=10	76.66±19.24	14264.13	27		
N=10	73.66±32.75	14790.71	29		
Total N=30	77.99±22.58				
AE Voleibol					
N=12	82.75±10.25	564.72	2	.68	.51
N=12	82.45±13.49	12812.55	31		
N=10	73.66±32.75	13377.28	33		
Total N=34	79.97±20.13				

Os resultados da ANOVA One Way e o Teste de *Kruskal Wallis* não apresentaram diferenças nos três momentos de avaliação da autoeficácia no voleibol para as quatro equipes (A, B C e D).

Para os atletas que apresentavam apenas dois momentos de avaliação, foi realizado o Teste *t* de *Student*, a fim de verificar diferenças entre os momentos de avaliação da autoeficácia no voleibol. A Tabela 8 apresenta o número fictício do atleta, os momentos de avaliação, o valor de *t*, médias, desvio-padrão (DP) e p-valor (*p*).

Tabela 8. Diferenças entre as avaliações da autoeficácia no voleibol de atletas com apenas dois momentos de avaliação.

Atletas Equipe A	<i>t</i>	Médias (DP)	<i>p</i>
Atleta 1	5.14		.00*
Momento 1		88.42±13.44	
Momento 2		77.36±16.61	
Atleta 2	7.35		.00*
Momento 1		96.84±6.71	
Momento 3		68.94±18.82	
Atleta 3	1.45		.16
Momento 1		93.68±9.55	
Momento 3		89.47±13.11	
Atleta 4	-.69		.49
Momento 1		92.10±10.84	
Momento 3		93.15±8.20	
Atleta 5	1.88		.07
Momento 1		91.57±16.41	
Momento 3		85.26±8.41	
Atletas Equipe B			
Atleta 6	.36		.71
Momento 1		95.31±4.95	
Momento 2		95.78±6.06	
Atleta 7	-.76		.45
Momento 1		86.84±8.20	

Momento 2		88.42±7.64	
Atleta 8	-1.80		.08
Momento 1		81.05±11.00	
Momento 2		85.26±6.11	
Atleta 9	.80		.42
Momento 1		92.10±13.57	
Momento 2		91.05±11.96	
Atleta 10	1.46		.16
Momento 1		89.37±14.81	
Momento 2		83.12±10.78	
Atletas Equipe C			
Atleta 11	-1.55		.13
Momento 2		88.94±6.57	
Momento 3		92.10±7.13	
Atleta 12	-.49		.63
Momento 2		77.36±12.40	
Momento 3		78.42±12.13	
Atleta 13	3.17		.00*
Momento 1		89.47±18.40	
Momento 3		79.47±17.47	
Atleta 14	-.36		.71
Momento 1		65.62±12.09	
Momento 3		66.87±14.47	
Atletas Equipe D			
Atleta 15	-2.96		.00*
Momento 2		91.57±8.98	
Momento 3		96.31±4.95	
Atleta 16	2.25		.03*

Momento 2		71.57±11.67
Momento 3		65.78±10.70
Atleta 17	.00	1.00
Momento 1		2.80±.42
Momento 3		2.80±.42

*Diferenças significativas $p < .05$

O Atleta 1 da equipe A apresentou diferenças entre a primeira avaliação $M = 88.42 \pm 13.44$, jogo em casa, para segunda avaliação $M = 77.36 \pm 16.61$, jogo fora de casa, $t = 5.14$ e $p = 0.00$. A Autoeficácia no Voleibol foi muito forte no primeiro jogo, em casa, em relação ao segundo jogo, fora de casa, em que o atleta apresentou forte autoeficácia.

O Atleta 2 da equipe A também apresentou diferenças entre a primeira avaliação $M = 96.84 \pm 6.71$, jogo em casa, terceira e última avaliação $M = 68.94 \pm 18.82$, jogo em casa, $t = 7.35$ e $p = 0.00$. A Autoeficácia no Voleibol foi completa no primeiro jogo, em casa, em relação ao terceiro e último jogo da competição, em casa, em que o atleta apresentou forte Autoeficácia no Voleibol.

A Atleta 13 da equipe C também apresentou diferenças entre a primeira avaliação $M = 89.47 \pm 18.40$, jogo fora de casa, terceira e última avaliação $M = 79.47 \pm 17.47$, jogo em casa, $t = 3.17$ e $p = 0.00$. A Autoeficácia no Voleibol foi muito forte no primeiro jogo, fora de casa, em relação ao último jogo da final, fora de casa, em que a atleta apresentou forte Autoeficácia no Voleibol.

A Atleta 15 da equipe D também apresentou diferenças entre a segunda avaliação $M = 91.57 \pm 8.98$, jogo fora de casa, para terceira e última avaliação $M = 96.31 \pm 4.95$, jogo em casa, $t = -2.96$ e $p = 0.00$. A Autoeficácia no Voleibol da atleta foi muito forte na segunda avaliação em relação a última avaliação, jogo em casa, em que Autoeficácia no Voleibol foi completa.

A Atleta 16 da equipe D também apresentou diferenças entre a segunda avaliação $M = 71.57 \pm 11.67$, jogo fora de casa, para terceira e última avaliação $M = 65.78 \pm 10.70$, jogo em casa, $t = 2.25$ e $p = 0.03$. A atleta apresentou

Autoeficácia no Voleibol forte na segunda avaliação, jogo fora de casa, e na terceira avaliação, último jogo da competição, em casa, a Autoeficácia no Voleibol apresentada classificou-se como forte, embora tenha diminuído significativamente.

A evidência baseada em outras variáveis foi realizada por meio da Correlação de *Pearson* com as dimensões e de forma geral da Escala de Autoeficácia no Voleibol (EAVB) com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP), utilizando-se dos resultados do terceiro momento de avaliação. As Tabelas 9 a 12 apresentam os valores referentes a correlação das equipes A, B, C e D, respectivamente.

Tabela 9. Correlação da Escala de Autoeficácia do Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe A.

Equipe A	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	EA1	EA2	EA3			
Momento 1 D1	1													
D2	.56*	1												
D3	.24	.03	1											
AE NO VOLEIBOL	.94**	.71**	.45	1										
Momento 2 D1	.70*	.62*	.74*	.76**	1									
D2	.38	.78**	.36	.53**	.60*	1								
D3	.48	.84**	.66	.65	.64*	.70*	1							
AE NO VOLEIBOL	.62*	.72*	.68*	.73**	.95**	.79**	.78**	1						
Momento 3 D1	.46	.52*	.27	.54*	.82**	.84**	.70*	.87**	1					
D2	.30	.51*	-.00	.37	.49	.56	.12	.50	.71**	1				
D3	.31	.11	.47	.36	.71*	.53	.49	.68*	.81**	.60*	1			
AE NO VOLEIBOL	.41	.51	.23	.50	.77**	.79**	.56	.80**	.97**	.84**	.85**			
EAEGP Momento 1	.41	.09	.57*	.45	.19	-.09	-.01	.11	.26	.23	.14	.25		
EAEGP Momento 2	.29	.08	.66	.31	.63*	.11	.66*	.55*	.50	.02	.64*	.40	.43	
EAEGP Momento 3	.05	.16	.49	.21	.51	-.18	.11	.32	.24	.05	.28	.19	.49*	.65*

*Correlação Significativa $p < .01$; ** Correlação Significativa $p < .05$; D1= Dimensão 1 Autoeficácia Esportiva; D=2 Dimensão 2 Autoeficácia Defensiva; D3= Dimensão 3 Autoeficácia Ofensiva; AEV= Autoeficácia no Voleibol; AE No Voleibol= Autoeficácia no Voleibol; EAEGP= Escala de Autoeficácia Geral Percebida; EA: Autoeficácia Geral Percebida).

Para equipe A, no primeiro momento da avaliação da EAVB e da EAEGP, não houve correlação entre a Autoeficácia no Voleibol e a Autoeficácia Geral Percebida. No segundo momento, os resultados apresentaram correlação moderada ($r = .55$; $p = .05$) (MITRA; LANFORKD, 1999). No terceiro momento, a Autoeficácia no Voleibol não apresentou correlação com a Autoeficácia Geral Percebida.

Tabela 10. Correlação da Escala de Autoeficácia do Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe B.

Equipe B	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	EA1	EA2	EA3
Momento 1 D1	1														
D2	.29	1													
D3	.34	.45	1												
AE NO VOLEIBOL	.84*	.73	.59	1											
Momento 2 D1	.43	.01	.68	.39	1										
D2	.33	.87*	.58	.72	.38	1									
D3	-.22	-.13	.61	-.12	.70	.07	1								
AE NO VOLEIBOL	.31	.26	.81*	.45	.94**	.57	.76*	1							
Momento 3 D1	.76*	.10	.73	.65	.79*	.24	.42	.71	1						
D2	.42	.92**	.67	.82*	.17	.78*	.02	.39	.37	1					
D3	-.08	-.20	.65	-.05	.82*	.09	.96**	.83*	.53	.02	1				
AE NO VOLEIBOL	.58	.21	.87**	.61	.86*	.37	.63	.86*	.95**	.47	.70	1			
EAEGP Momento 1	.06	.88*	.48	.53	.05	.71	.17	.32	.10	.82*	.03	.26	1		
EAEGP Momento 2	.46	.04	.53	.40	.89**	.49	.44	.81*	.63	.08	.61	.66	-.03	1	
EAEGP Momento 3	.42	.79*	.73	.77*	.38	.86*	.17	.55	.45	.78*	.17	.54	.76*	.46	1

*Correlação Significativa $p < .01$; ** Correlação Significativa $p < .05$; D1= Dimensão 1 Autoeficácia Esportiva; D=2 Dimensão 2 Autoeficácia Defensiva; D3= Dimensão 3 Autoeficácia Ofensiva; AEV= Autoeficácia no Voleibol; AE No Voleibol= Autoeficácia no Voleibol; EAEGP= Escala de Autoeficácia Geral Percebida; EA: Autoeficácia Geral Percebida).

Para Equipe B, no primeiro momento de avaliação da EAVB e da EAEGP não houve correlação entre a Autoeficácia do Voleibol e a Autoeficácia Geral Percebida. No segundo momento, os resultados apresentaram correlação forte ($r = .81$; $p = .05$) (MITRA; LANFORKD, 1999). No terceiro momento, a Autoeficácia do Voleibol não apresentou correlação com a Autoeficácia Geral Percebida.

Tabela 11. Correlação da Escala de Autoeficácia do Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da Equipe C.

Equipe C	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	EA1	EA2	EA3
Momento 1 D1	1														
D2	.49	1													
D3	.69	.64	1												
AE NO VOLEIBOL	.84**	.83**	.80**	1											
Momento 2 D1	.80**	.68*	.78**	.93**	1										
D2	.64*	.94**	.74*	.92**	.82**	1									
D3	.34	.68*	.83**	.61	.53	.76*	1								
AE NO VOLEIBOL	.83**	.75**	.80**	.97**	.97**	.89**	.61	1							
Momento 3 D1	.68*	.49	.89**	.72*	.75**	.67*	.79**	.77**	1						
D2	.54	.94**	.75**	.85**	.73**	.94**	.77**	.81**	.63*	1					
D3	.27	.56	.77**	.50	.42	.67*	.97**	.50	.76**	.68*	1				
AE NO VOLEIBOL	.63*	.74**	.90**	.85**	.83**	.87**	.87**	.87**	.91**	.86**	.83**	1			
EAEGP Momento 1	.59	.79**	.62	.82**	.74**	.83**	.65*	.80**	.63*	.78**	.52	.71*	1		
EAEGP Momento 2	.64*	.60*	.42	.75**	.70*	.78**	.49	.77**	.59	.64*	.46	.65*	.80**	1	
EAEGP Momento 3	.59	.69**	.79**	.72*	.73*	.76**	.74*	.80**	.61*	.79**	.62	.74**	.69*	.60*	1

*Correlação Significativa $p < .01$; ** Correlação Significativa $p < .05$; D1= Dimensão 1 Autoeficácia Esportiva; D=2 Dimensão 2 Autoeficácia Defensiva; D3= Dimensão 3 Autoeficácia Ofensiva; AEV= Autoeficácia no Voleibol; AE No Voleibol= Autoeficácia no Voleibol; EAEGP= Escala de Autoeficácia Geral Percebida; EA: Autoeficácia Geral Percebida).

Para Equipe C, houve correlação forte (MITRA; LANFORKD, 1999) nos três momentos de avaliação entre EAVB e a EAEGP ($r = .82, p = .01$; $r = .77, p = .01$; $r = .74, p = .01$).

Tabela 12. Correlação da Escala de Autoeficácia do Voleibol com a Escala de Autoeficácia Geral Percebida, nos três momentos de avaliação da equipe D.

Equipe D	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	D1	D2	D3	AEV	EA1	EA2	EA3
Momento 1 D1	1														
D2	.77*	1													
D3	.38	.23	1												
AE NO VOLEIBOL	.96**	.88**	.49	1											
Momento 2 D1	.83**	.75**	.46	.87**	1										
D2	.78**	.89**	.23	.84**	.86*	1									
D3	.19	.03	.72*	.26	.40	.15	1								
AE NO VOLEIBOL	.79**	.77**	.53	.85**	.97**	.89**	.53	1							
Momento 3 D1	.71**	.63**	.62	.78**	.80**	.60*	.67*	.82**	1						
D2	.83**	.93**	.46	.92**	.88**	.89**	.25	.89**	.77*	1					
D3	.02	-.14	.75*	.09	.11	-.13	.89**	.23	.55	.03	1				
AE NO VOLEIBOL	.02	-.14	.75*	.09	.11	-.13	.89**	.23	.55	.03	.13	1			
EAE GP Momento 1	.47	.53	.53	.57	.44	.50	.20	.48	.25	.49	.13	.13	1		
EAE GP Momento 2	.34	.32	.42	.39	.38	.41	.59	.46	.28	.31	.32	.32	.66**	1	
EAE GP Momento 3	.43	.40	.63*	.51	.49	.48	.65*	.57*	.43	.42	.47	.47	.82**	.92**	1

*Correlação Significativa $p < .01$; ** Correlação Significativa $p < .05$; D1= Dimensão 1 Autoeficácia Esportiva; D=2 Dimensão 2 Autoeficácia Defensiva; D3= Dimensão 3 Autoeficácia Ofensiva; AEV= Autoeficácia no Voleibol; AE No Voleibol= Autoeficácia no Voleibol; EAE GP= Escala de Autoeficácia Geral Percebida; EA: Autoeficácia Geral Percebida).

Para Equipe D, não houve correlação entre os três momentos de avaliação entre Autoeficácia no Voleibol e Autoeficácia Geral Percebida.

Com intuito de correlacionar a autoeficácia no voleibol com a eficácia do desempenho técnico (saque, ataque, passe e bloqueio) dos atletas, por meio dos dados obtidos pelo escalte técnico, durante a temporada da Superliga 2017/2018, utilizou-se a Correlação de *Spearman*, devido ao fato dos dados não apresentarem normalidade para essa análise.

A Tabela 13 apresenta os valores da Correlação de *Spearman* para os três momentos de avaliação entre a EAVB e a eficácia das ações do jogos (eficácia defensiva, eficácia ofensiva e eficácia geral) para as quatro equipes.

Tabela 13. Correlação de *Spearman* entre as Dimensões Autoeficácia Defensiva, Eficácia Ofensiva e Autoeficácia no Voleibol com Eficácia Defensiva, Eficácia Ofensiva e Eficácia Geral.

EAVB / Escalte	Eficácia Defensiva		Eficácia Ofensiva		Eficácia Geral	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Equipe A						
Momento 1						
D 2. Autoeficácia Defensiva	.12	.63				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.31	.26		
Autoeficácia no Voleibol					-.13	.61
Momento 2						
D 2. Autoeficácia Defensiva	.40	.16				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.36	.26		
Autoeficácia no Voleibol					.22	.46
Momento 3						
D 2. Autoeficácia Defensiva	.48	.05*				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.20	.48		
Autoeficácia no Voleibol					-.00	.97
Equipe B						
Momento 1						
D 2. Autoeficácia Defensiva	.15	.58				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.07	.82		
Autoeficácia no Voleibol					.02	.93
Momento 2						
D 2. Autoeficácia Defensiva	-.13	.62				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			-.16	.59		
Autoeficácia no Voleibol					-.02	.92
Momento 3						
D 2. Autoeficácia Defensiva	-.10	.70				
D 3. Autoeficácia Ofensiva			-.25	.58		
Autoeficácia no Voleibol					-.33	.46

Equipe C			
Momento 1			
D 2. Autoeficácia Defensiva	.51	.05*	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.36 .27
Autoeficácia no Voleibol			.60 .02*
Momento 2			
D 2. Autoeficácia Defensiva	-.06	.83	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			-.01 .96
Autoeficácia no Voleibol			-.18 .05*
Momento 3			
D 2. Autoeficácia Defensiva	.14	.60	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.09 .76
Autoeficácia no Voleibol			.25 .35
Equipe D			
Momento 1			
D 2. Autoeficácia Defensiva	.36	.16	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.50 .09
Autoeficácia no Voleibol			.27 .35
Momento 2			
D 2. Autoeficácia Defensiva	.37	.15	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.49 .09
Autoeficácia no Voleibol			.29 .31
Momento 3			
D 2. Autoeficácia Defensiva	.25	.33	
D 3. Autoeficácia Ofensiva			.58 .03*
Autoeficácia no Voleibol			.41 .13

* Diferenças Significativas $p < .05$

A Equipe A apresentou moderada correlação ($r = .48$, $p = .05$) entre a Dimensão Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Eficácia Defensiva, no terceiro momento de avaliação.

A Equipe C demonstrou moderada correlação ($r = .51$, $p = .05$) entre a Dimensão Autoeficácia Defensiva no Voleibol e Eficácia Defensiva, no primeiro momento de avaliação. Também apresentou moderada correlação ($r = .60$, $p = .02$) entre Autoeficácia no Voleibol e Eficácia Geral. No segundo momento de avaliação, apresentou correlação bem fraca e negativa ($r = -.18$, $p = .05$) com a Autoeficácia no Voleibol e a Eficácia Geral.

Para a Equipe D, houve correlação moderada ($r = .58$, $p = .03$) entre a Dimensão Autoeficácia Ofensiva no Voleibol e Eficácia Ofensiva, no terceiro momento de avaliação.

A Tabela 14 apresenta os valores da Correlação de *Spearman* e *Pearson* entre as dimensões Autoeficácia Defensiva, Autoeficácia Ofensiva e Autoeficácia no Voleibol da EABV e a eficácia das ações ofensivas (saque + ataque), ações defensiva (recepção + bloqueio) e ações gerais (saque + ataque + recepção + bloqueio) de toda temporada para as quatro equipes.

Tabela 14. Correlação entre as dimensões da EABV e a eficácia das ações dos jogos de toda temporada para as equipes A, B C e D..

EABV / Escaltes	Ofensiva Temporada		Defensiva Temporada		Eficácia Temporada	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Equipe A						
D 2. Autoeficácia Defensiva			.35	.19		
D 3. Autoeficácia Ofensiva	.11	.72				
Autoeficácia no Voleibol					-.03	.88
Equipe B						
D 2. Autoeficácia Defensiva			-.57	.18		
D 3. Autoeficácia Ofensiva	-.11	.81				
Autoeficácia no Voleibol					-.12	.78
Equipe C						
D 2. Autoeficácia Defensiva			.21	.43		
D 3. Autoeficácia Ofensiva	.09	.75				
Autoeficácia no Voleibol					.34	.21
Equipe D						
D 2. Autoeficácia Defensiva			.47	.05*		
D 3. Autoeficácia Ofensiva	.50	.07				
Autoeficácia no Voleibol					.37	.17

Correlação de Pearson para as equipes A, B e D. Correlação de Spearman para equipe C.

Os resultados da análise não demonstraram correlações entre as dimensões Autoeficácia Defensiva no Voleibol, Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, Autoeficácia no Voleibol e a eficácia das ações do jogos, seja nas

ações ofensivas, defensivas ou eficácia das ações de toda temporada para as equipes A, B e C.

Para Equipe D, a Dimensão Autoeficácia Defensiva no Voleibol apresentou correlação moderada ($r= .47$, $p= .05$) com a eficácia das ações defensivas de toda a temporada.

6. DISCUSSÃO

A discussão será apresentada seguindo a ordem dos resultados do estudo, por equipes e geral. Para auxiliar na discussão dos resultados, serão utilizadas as entrevistas dos treinadores e dos capitães de cada equipe realizadas ao término da competição, respondendo a seguinte pergunta: “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”? (Apêndices, pág. 143).

Os resultados referentes a avaliação da Autoeficácia no Voleibol dos atletas nos três momentos da competição para as Equipes A, B, C e D apresentaram, em todos os momentos e em todas as dimensões do instrumento, forte a muito forte Autoeficácia Esportiva, Autoeficácia Defensiva, Autoeficácia Ofensiva e para Autoeficácia do Voleibol. Esses resultados podem estar relacionados ao fato de os atletas que competem em equipes de alto rendimento, especialmente no voleibol, um dos esportes mais dinâmicos e voláteis da atualidade, terem que treinar constantemente e se adaptarem às novas realidades muito rápido, tomando as experiências vicárias uma das fontes para manutenção da forte/alta autoeficácia na modalidade. Bandura (1986) reforça essa ideia de que a autoeficácia é forte preditor do comportamento apenas quando as pessoas são familiares com a tarefa. Desta forma, as experiências anteriores na tarefa, como por exemplo, quando o atleta passa pelas categorias de base até chegar a competir em alto rendimento, representa uma forte fonte de autoeficácia. O tempo médio de experiência das quatro equipes é de 12 anos de experiência na modalidade, o que reforça este argumento.

Os resultados da *ANOVA One Way* não apresentaram diferenças nos três momentos de avaliação da autoeficácia do voleibol para as três equipes (A, C e D). O Teste de *Kruskal Wallis* também não apresentou diferenças para os três momentos para a equipe B. Esses resultados contribuem para a compreensão das evidências baseadas nas consequências da testagem do instrumento, visto que os atletas mantiveram, de uma forma geral, o mesmo padrão de Autoeficácia do Voleibol durante toda a competição nos três momentos de avaliação, antes do início da competição (turno), antes do início dos jogos de volta (retorno) e antes do último jogo da equipe na competição. As evidências nas consequências da testagem tem como intuito examinar as consequências intencionais e não intencionais da aplicação do instrumento, a fim de saber se o mesmo está surtindo os efeitos desejados para os motivos pelo qual foi construído, trazendo informações acerca da interpretação dos escores quando esses passam a ocorrer no contexto aplicado (PRIMI et al., 2009).

Quando verificado diferenças entre os momentos de avaliação da Autoeficácia no Voleibol dos atletas que haviam participado apenas de dois momentos de avaliação, encontrou-se diferenças para os atletas 1 e 2 (Equipe A masculina), atleta 13 (Equipe C), atletas 15 e 16 (Equipe D). Embora tenham apresentado diferenças, essas diferenças foram entre forte a muito forte ou completa Autoeficácia no Voleibol, o que, mais uma vez, respalda-se no argumento da interpretação dos escores quando esses passam a ocorrer no contexto aplicado (PRIMI et al., 2009). Como a autoeficácia não é um traço de personalidade estável, pode mudar de situação para situação, é específica a certo tempo e ambiente, podendo oscilar muito (BANDURA, 1990). Na situação do presente estudo, o nível técnico do adversário, jogar em casa ou fora de casa, os anos de experiência na modalidade, ser um atleta com convocações constantes em Seleções (seja de base ou principal), como é o caso de vários jogadores da presente amostra, pode fazer com que o atleta tenha a sua autoeficácia modificada.

Os resultados da correlação entre a Autoeficácia no Voleibol e a Autoeficácia Geral para a Equipe A, apontou correlação moderada ($r = .55$; $p = .05$) no segundo momento de avaliação (jogo fora de casa). Para a Equipe B,

no segundo momento (jogo em casa), os instrumentos apresentaram correlação forte ($r = .81$; $p = .05$). Para Equipe C, houve correlação forte (MITRA; LANFORKD, 1999) nos três momentos de avaliação entre EAVB e a EAEGP ($r = .82$, $p = .01$; $r = .71$, $p = .01$; $r = .74$, $p = .01$). A utilização de um instrumento de avaliação da Autoeficácia Geral se deve ao fato da dificuldade e inexistência de instrumentos no contexto esportivo brasileiro que apresentem boas propriedades psicométricas para a confrontação de resultados (MACHADO et al., 2014, 2018). Embora a autoeficácia esteja preocupada com as crenças dos indivíduos em suas capacidades de produzir determinadas realizações, com muita frequência, esse sistema de crenças é tratado como se fosse um traço generalizado. De fato, as pessoas diferem em sua eficácia, não apenas em diferentes domínios de funcionamento, mas também em várias facetas dentro de um domínio de atividade. Conseqüentemente, não existe uma medida única de autoeficácia para todos os fins com um único coeficiente de validade (BANDURA, 2012).

Outra maneira de tentar sanar essas necessidades específicas no contexto esportivo do voleibol de alto rendimento foi a tentativa de relacionar a Autoeficácia no Voleibol com o desempenho por meio da eficácia das ações de jogo dos atletas. Correlacionou-se os resultados das análises da autoeficácia do voleibol dos atletas das quatro equipes nos três momentos de avaliação e com o desempenho durante toda a temporada.

Os resultados da Equipe A apresentaram moderada correlação ($r = .48$, $p = .05$) entre a Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva e Eficácia Defensiva, no terceiro momento de avaliação, evidenciando que para este grupo de atletas os aspectos psicológicos da autoeficácia estão relacionados com os aspectos operacionais da modalidade. Esse achado em apenas uma das dimensões pode estar relacionado ao fato de as pessoas diferirem em sua autoeficácia, em várias facetas dentro de um domínio de atividade (BANDURA, 2012), como é o caso do presente resultado, em que os atletas diferiram de pensamento mesmo dentro da própria modalidade. A Equipe A realizou 22 partidas na competição, tendo vencido 5 jogos. Historicamente, essa foi a segunda temporada da equipe na Superliga.

Em relação ao desempenho é importante destacar que a Equipe A tinha um investimento financeiro modesto para temporada, sendo sua segunda participação na competição (temporada anterior ficaram em último) e tendo ocorrido mudança de cidade sede da equipe. Segundo o capitão da equipe “Houve um crescimento e melhora da estrutura, em termos de quadra, alimentação, implementação de uma psicóloga, aumento da comissão técnica, melhora da fisioterapia, dosagem do tempo de descanso e melhora do desempenho dos atletas (..) “uma temporada foi muito produtiva”. Para o treinador da equipe o desempenho da equipe “faz jus ao seu investimento da temporada. Uma equipe modesta no seu investimento com atletas ainda desconhecidos no cenário nacional, com uma comissão técnica ainda desconhecida” (...) “De certa maneira estamos satisfeitos que objetivo era permanecer na elite para quem sabe numa terceira temporada um pouco mais experiente com algumas peças de maior experiência, para que possa fazer uma campanha um pouco melhor”.

Para Equipe B os resultados não apresentaram correlação para nenhuma das variáveis nos três momentos de avaliação e para toda a temporada. A Equipe B realizou 24 partidas na competição, venceu 10 jogos na temporada, terminando na 7^a Colocação (CBV, 2018b). Historicamente, a Equipe B nunca foi campeã da Superliga. Para o capitão da equipe, “a temporada até que foi boa, não conseguimos nosso objetivo que seria ficar entre os quatro, acho que fizemos uma boa quartas-de-final. O time foi bem, não tão bem durante a temporada inteira, mas nos últimos jogos foi muito bem. Então acho que o balanço é razoável para o time todo”. Para o treinador da equipe, “Foi uma temporada oscilante. Não tivemos regularidade e acabamos pagando um pouco caro por isso, um trabalho com muito comprometimento, muito bem feito, acabamos perdendo para um time com uma qualidade muito melhor que o nosso”.

Os resultados da Equipe C demonstraram moderada correlação ($r = .51$, $p = .05$) entre a Dimensão 2, Autoeficácia Defensiva e Eficácia Defensiva, no primeiro momento de avaliação. Também apresentou moderada correlação ($r = .60$, $p = .02$) entre a Autoeficácia do Voleibol e a Eficácia Geral. No segundo momento de avaliação, apresentou correlação bem fraca e negativa ($r = -.18$,

$p=.05$) com a Autoeficácia no Voleibol e a Eficácia Geral. Entre as quatro equipes, a Equipe C foi a que apresentou maiores relações da Autoeficácia no Voleibol com a Eficácia do desempenho. Uma possível explicação para essas relações está associada à qualidade técnica das atletas na eficácia das ações de jogo e à quantidade de vitórias da equipe dentro da competição, aumentando a quantidade de ações no escalte. A equipe C realizou 30 jogos na competição, sendo derrotada apenas em 3 partidas, sagrando-se vice-campeã da competição. Historicamente, a equipe C foi para 14 finais, sendo derrotada em apenas 3 edições de Superliga, considerada a maior vencedora da competição, com 12 títulos. Até o presente momento, nenhuma outra equipe desde a criação da competição conseguiu se manter tão vitoriosa quanto a Equipe C. A segunda equipe com mais títulos é detentora de 5 títulos (CBV, 2018b).

Para a capitã da equipe, “foi um ano atípico, em que a equipe se deparou com muitas lesões, grandes e pequenas lesões que tiveram que deixar algumas meninas de fora do campeonato, (...) foi um ano muito difícil. (...) foram três questões cirúrgicas, de pessoas importantes (...) em meio a tantas essas dificuldades, as situações atípicas que aconteceram a equipe pode se manter forte e focada num objetivo só. Nosso time cresceu e se formou mesmo, se moldou na hora que precisava que a gente entrou para as quartas-de-final muito bem e para semifinal também. A gente fechou uma série contra uma equipe que a gente não imaginava de três a zero e indo para final. Acho que a final realmente ganhou quem tava melhor no segundo jogo. A gente jogou muito bem o primeiro jogo, conseguimos matar as adversárias em pontos positivos que elas tem, mas infelizmente no segundo jogo elas jogaram muito melhor, com um ritmo muito bom. (...) Elas tiveram calma em todos os momentos, acho que a gente pode ter pecado pelo excesso de vontade e querer fazer. A gente sabe que jogou muito abaixo do que a gente podia, mas acho que a gente não pode ver esse segundo lugar como uma derrota. O brasileiro tem um pouco dessa mania, mas eu acho que a gente foi muito bem e chegamos a uma colocação boa do campeonato. Vendo a frio assim o time que a gente tinha. Então eu fico muito feliz, mais um ano de fazer parte disso, desse time que monta um time no papel que talvez não seja sempre o melhor,

mas ele sabe que vai ser o time que vai lutar, que vai brigar, enfim, então acho que é isso que pode ser a minha análise para esse ano”.

O técnico da Equipe C reforça o pensamento da capitã, destacando que “Eu acho que foi uma temporada bastante complicada. Tivemos muitas lesões, muitas questões físicas que condicionaram a atuação do time. Duas jogadoras de referência da equipe tiveram que ser operadas, então isso condicionou um pouco o desempenho do time durante a temporada. Tivemos que mudar muito o grupo durante a temporada. Apesar disso, das derrotas, a gente chegou, olhando a temporada como um todo, a gente chegou em segundo lugar na somatória, acabamos de certa forma um grupo mais consistente e estamos em mais uma final, sem sermos favoritos. Eu acho que fundamentalmente a questão física foi condicionante em muitos momentos esse ano, mas enfim eu acho que o grupo se fortaleceu no final, entendeu um pouco qual era a nossa filosofia, dedicação, entrega, acho que isso é o ponto mais importante, sobre isso que eu falei na reunião final, contra time mais forte você tem que ser um time, cada um tem que se doar. Então acho fundamentalmente é um pouco retrato da nossa temporada”.

Para a Equipe D, os resultados da equipe apresentaram correlação moderada ($r = .58$, $p = .03$) entre a Dimensão Autoeficácia Ofensiva e Eficácia Ofensiva, no terceiro momento de avaliação. Além disso, a Dimensão Autoeficácia Defensiva apresentou correlação moderada ($r = .47$, $p = .05$) com a eficácia das ações defensivas de toda a temporada. A Equipe D realizou 22 jogos durante a competição, tendo vencido apenas uma partida durante toda a temporada. Historicamente, a Equipe D nunca foi campeã em uma edição da Superliga (CBV, 2018b).

Para a capitã da Equipe D, “a temporada não foi como nós esperávamos. Nós conseguimos apenas uma vitória durante a competição. Mas o que eu levo de aprendizado pra mim é que foi uma equipe muito boa de lidar, um grupo muito bom e a maior dificuldade que eu encontrei assim foi tentar me manter bem e confiante e não desistir mesmo nas situações difíceis. Então, eu acho que você mesmo perdendo tá lá treinando, tentando melhorar e continuar tentando se apresentar bem mesmo nas dificuldades, é o que eu levo para mim e eu acho que a gente tentou buscar, mesmo não saindo a gente ia

lá e continuava brigando, treinando cada dia mais e mesmo com esse resultado foi uma temporada que eu consegui aprender mesmo assim com toda a equipe e a comissão também”.

O treinador da Equipe D também corrobora deste pensamento, reforçando a análise da capitã: “É nós não tivemos um desempenho esperado nessa temporada, mas acredito que a gente tenha desenvolvido o máximo do que a gente conseguiu durante a temporada. Infelizmente abaixaram os investimentos a gente passou por vários momentos de conturbação aqui dentro da estrutura para que essa equipe fosse formada. Infelizmente a gente perdeu a vaga ano passado, esse ano com a não certeza de disputar a Superliga não foi feito um primeiro investimento forte, precisávamos ter a vaga para que o investimento viesse. Conseguimos a vaga e quando veio esse investimento o mercado já estava mais fechado, já estava mais complicado, então a gente não conseguiu e as outras equipes conseguiram se reforçar principalmente com atletas estrangeiras e tudo e acabaram tendo um desempenho acima do que a gente esperava. A gente esperava brigar entre os dez, infelizmente não deu e é isso. Acho que o desempenho da equipe foi dentro do que a gente esperava, não foi acima da expectativa e da expectativa de todo mundo, mas acho que o que a gente conseguiu fazer a gente foi o nosso máximo. A equipe também não foi formada desde o começo, foi formada no começo da Superliga, foi um negócio que a gente apanhou um pouco né e aí a gente colhe os frutos disso. A equipe cresceu durante a temporada, tanto que a nossa vitória foi no segundo turno, mas infelizmente não tivemos tempo hábil para trabalhar a equipe durante toda a temporada também foi um dos fatores que fez a gente não ter o desempenho esperado”.

Para as quatro equipes, a autoeficácia no voleibol manteve-se entre forte a muito forte, oscilando muito pouco, o que pode ter ocorrido apenas em momentos específicos, com adversários em particular. Possivelmente, o fato de os atletas competirem em alto rendimento, para chegarem a esse patamar apresentassem crenças fortes de eficácia que foram construídas ao longo das suas trajetórias esportivas.

Quando se analisa a autoeficácia no voleibol das equipes e a relação com a eficácia durante toda a temporada, apenas a Equipe C apresentou

normalidade nestes dados. O que pode se perceber foi que devido a equipe C apresentar eficácia alta para todas ações de jogo, realizar mais jogos e apresentar maior número de vitórias, a quantidade de ações muitas vezes era superior aos valores encontrados na EAVB. Desta forma, pode-se evidenciar que quando uma equipe apresenta maior qualidade técnica, tática, física e psicológica, esta se diferencia substancialmente em relação as equipes com menor qualidade para estas variáveis.

Contudo, constata-se que a autoeficácia no voleibol é um bom preditor de performance esportiva para atletas de alto rendimento, reverenciando a relação de que quando atleta se autoavalia de forma realista, o seu desempenho real pode ser previsto.

7. CONCLUSÃO

Os resultados da avaliação da Autoeficácia no Voleibol para os atletas das quatro equipes de alto rendimento variaram de forte a muito forte, não diferindo significativamente entre os três momentos de avaliação, o que evidencia um padrão de julgamento dos atletas acerca das suas capacidades de realizar ações em situações de alto rendimento.

As evidências baseadas em outras variáveis apresentaram relações moderadas entre a autoeficácia no Voleibol e a Autoeficácia Geral. Embora não exista uma medida única de autoeficácia para todos os fins, as crenças de autoeficácia geral podem fortalecer nos atletas uma percepção mais positiva acerca de suas competências esportivas, uma vez que se diz que a eficácia específica constrói eficácia geral e medeia os efeitos da eficácia geral.

Quando relacionada a autoeficácia no voleibol com o desempenho, para Equipe A houve correlação entre Autoeficácia Defensiva e Eficácia Defensiva, no terceiro momento de avaliação. A Equipe C apresentou correlação entre Autoeficácia Defensiva e Eficácia Defensiva, no primeiro momento de avaliação e para Equipe D houve correlação entre Autoeficácia Ofensiva e Eficácia Ofensiva, no terceiro momento de avaliação, evidenciando que em determinados

momentos de avaliação, ambas as variáveis foram suscetíveis a questões circunstanciais inerentes ao contexto esportivo.

CAPÍTULO 5
CONCLUSÃO GERAL

5.1 CONCLUSÃO GERAL

O presente estudo teve como objetivo construir e validar um instrumento para avaliação da autoeficácia no voleibol de atletas brasileiros de alto rendimento e avaliar a autoeficácia de atletas de voleibol, de ambos os sexos, participantes da Superliga, durante uma temporada.

O instrumento, Escala de Autoeficácia no Voleibol, apresentou boas propriedades psicométricas, seja para as dimensões Autoeficácia Esportiva no Voleibol, Autoeficácia Defensiva no Voleibol Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, como de forma geral, Autoeficácia Global no Voleibol, considerado recomendado para o uso com a população para qual se destina.

A avaliação da autoeficácia dos atletas de alto rendimento demonstrou que os atletas avaliados têm crenças de autoeficácia fortes a muito fortes, sendo possível perceber pela aplicabilidade da Escala de Autoeficácia no Voleibol.

Como limitações do estudo, considerou-se a maneira como a amostra foi obtida, utilizando métodos não probabilísticos; a análise da eficácia das ações dos jogadores (análise notacional) ter sido realizada pelos analistas de desempenho das próprias equipes, por meio de softwares específicos, o que inviabilizou a avaliação da fidedignidade intra e interavaliador, bem como a comparação de desempenho entre as equipes avaliadas.

Não obstante as limitações apresentadas, a Escala de Autoeficácia no Voleibol apresenta potenciais aplicações, pois está devidamente fundamentada na Teoria da Autoeficácia e na linguagem do voleibol de alto rendimento, podendo ser considerado um instrumento útil e prático para avaliar a autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento. Como sugestões, este instrumento poderá ser testado com outras categorias, tais como para atletas jovens e atletas de vôlei de praia, analisando a sensibilidade do mesmo, bem como a análise psicométrica do instrumento em outros países/idiomas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. A tomada de decisão no desporto: o papel da atenção, da antecipação e da memória. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 14, n. 5, p. 592–601, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-00372012000500011&lang=pt>. .
- ALVES, I. C. B. **Considerações sobre a validade e precisão nas técnicas projetivas**. São Paulo: Vetor, 2006a.
- ALVES, I. C. B. Facetas do fazer em avaliação psicológica. **Considerações sobre a validade e precisão nas técnicas projetivas: In: A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos, & F. F. Sisto (Orgs)**. p.173–176, 2006b. São Paulo: Vetor.
- ANASTASI, A.; URBINA, S. **Testagem psicológica**. Porto Alegre, 2000.
- BANDURA, A. Self-efficacy mechanism in human agency. **American Psychologist**, v. 37, p. 122–147, 1982.
- BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Englewood Cliff, 1986.
- BANDURA, A. Social cognitive theory. **In R. Vasta (Ed.), Annals of child development**, 1989. Greenwich, CT: JAI Press.
- BANDURA, A. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 2, n. 2, p. 128–163, 1990.
- BANDURA, A. “Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning.” **Educational Psychologist**, v. 28, p. 117–148, 1993.
- BANDURA, A. Self-efficacy. **Self-efficacy. In V.S. Ramachaudran (Ed.) Encyclopedia of human behaviour**. 4th ed., p.71–81, 1994. New York: Academic Press.
- BANDURA, A. **Self-efficacy in changing societies**. New York:Cambridge University Press, 1995.

BANDURA, A. **Self-efficacy: The exercise of control**. New York: Freeman: W.H, 1997.

BANDURA, A. Social cognitive theory in cultural context. **Applied Psychology**, v. 51, n. 2, p. 269–290, 2002.

BANDURA, A. Guide for constructing self-efficacy scales. In **F. Pajares & T. Urdan (Eds.) Self-efficacy beliefs of adolescents**. 5th ed., p.307–337, 2006. Greenwich: CT: Information Age Publishing.

BANDURA, A. On the Functional Properties of Perceived Self-Efficacy Revisited. **Journal of Management**, v. 38, n. 1, p. 9–44, 2012. Disponível em: <<http://jom.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/0149206311410606>>. Acesso em: 21/5/2013.

BANDURA, A.; ADAMS, N. E.; BEYER, J. Cognitive processes mediating behavioral change. **Cognitive processes mediating behavioral change**, v. 1, p. 287–308, 1977.

BARKER, J. B.; JONES, M. V.; GREENLEES, I. Using hypnosis to enhance self-efficacy in sport performers. **Journal of Clinical Sport Psychology**, v. 7, n. 3, p. 228–247, 2013.

BARROS, M. B.; IAOCHITE, R. T. Autoeficácia para a prática de atividade física por indivíduos adultos. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 32–41, 2012.

BARROSO, M. L. C. **VALIDAÇÃO DO PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE ADAPTADO PARA DETERMINAR MOTIVOS DE PRÁTICA ESPORTIVA DE ADULTOS JOVENS BRASILEIROS**, 2007. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

BENTLER, P. M. EQS 6 structural equations modeling software. Encino, CA: Multivariate Software. , 2004.

BLECHARZ, J.; LUSZCZYNSKA, A.; TENENBAUM, G.; SCHOLZ, U.; CIESLAK, R. Self-efficacy moderates but collective efficacy mediates between motivational climate and athletes' well-being. **Applied Psychology: Health and Well-Being**, v. 6, n. 3, p. 280–299, 2014.

BRAY, S. R.; BALAGUER, I.; DUDA, J. L. The relationship of task self-efficacy

and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 22, n. 5, p. 429–437, 2004. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02640410410001675333>>.

Acesso em: 30/12/2012.

BROWNE, M. W.; CUDECK, R. **Alternative ways of assessing model fit**. In K. A, 1993.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. . **Estatística básica**. 8th ed. Saraiva, 2013.

BYRNE, B. M. **Structural equation modeling with amos: Basic concepts, applications, and programing**. 2nd ed. Nova York: Routledge, 2009.

CAMPELL, D. J. Task complexity: a review and analysis. **Academic Management Review.**, v. 1, n. 13, p. 40–52, 1988.

CAREGNATO, A. F. **Adesão , Aderência E Abandono No Cenário Da Iniciação Esportiva: Comparação Entre O Futsal Escolar E O Clubístico**, 2013. Universidade Federal do Paraná.

CARMINES, E.; MCIVER, J. In G. Bohrnstedt & E. Borgatta. **Analyzing models with unobserved variables: Analysis of covariance structures**. p.65–115, 1981. Beverly Hills, CA: Sage Publications.

CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. M. .; TEODORO, M. L. . Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In **L. Pasquali (Org.), Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática**. p.506–520, 2010. Porto Alegre: Artmed.

CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. .

CBV. Vôlei é destaque entre esportes coletivos. <http://2018.cbv.com.br/noticia/24446/volei-e-destaque-entre-esportes-coletivos>, 2018a.

CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. .

COELHO, P. S.; ESTEVES, S. P. **The choice between a 5-point and a 10-point scale in the framework of customer. satisfaction measurement**. Lisboa: ISEGI - Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação, 2007.

COLLET, C.; NASCIMENTO, J. V. DO; RAMOS, V.; STEFANELLO, J. M. F. Construção e validação do instrumento de avaliação do desempenho técnico-tático no voleibol. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n. 1, p. 43–51, 2011.

COSTA, G. D. C. T.; CECCATO, J. S.; OLIVEIRA, A. S. DE; et al. Voleibol Masculino de Alto Nível: Associação entre as ações de jogo no side-out. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. e2752, p. 1–15, 2016.

COSTA, A. R.; ARAÚJO, A. M.; ALMEIDA, L. S. Relação entre a percepção da autoeficácia acadêmica e o engagement de estudantes de engenharia. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, n. 1, p. 307–314, 2014.

COSTA, F. J. **Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

CUMMINS, R. A.; GULLONE, E. Why we should not use 5-point Likert scales: The case for subjective quality of life measurement. Proceedings Second International Conference on Quality of Life in Cities. **Anais...** . p.74–93, 2000. Disponível em: <<http://vhost47.hosted-sites.deakin.edu.au/iwbg/wellbeing-index/qol-in-cities-likert-scales-2000.doc>>. .

DAMÁSIO, B. F. Uso da Análise Fatorial em Psicologia. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 2, p. 213–228, 2012.

DAROGLOU, G. Coping Skills and Self-efficacy as Predictors of Gymnastic Performance. **The Sport Journal**, v. 14 Nbr. 1, 2011.

Data Volley. Disponível em: <<http://www.dataproject.com/>>. .

Data Volley. ., 2007. Disponível em: <<http://data-volley-2007.software.informer.com/Download-grátis/>>. .

ESTEVAN, I.; ÁLVAREZ, O.; CASTILLO, I. Autoeficácia percibida y rendimiento técnico-tático en taekwondistas universitarios. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 2, p. 51–64, 2016.

FACHEL, J. M. G.; CAMEY, S. **Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados**. Artes Médi ed. Porto Alegre: In:

CUNHA, J. A. et al.. Psicodiagnóstico, 2000.

FELTZ, D. L.; MAGYAR, M. T. Self-efficacy and adolescents in sport and physical activity. In F. Pajares & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents.* , 2006.

FELTZ, D. L.; SHORT, S. E.; SULLIVAN, P. J. Self-Efficacy in Sport: Reserch and strategies for working with athletes, teams, and coaches. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 3, n. 2, p. 293–295, 2008. Human Kinetics.

FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v. 18, n. 1, p. 38–50, 1981.

GARCÍA NAVEIRA, A. Autoeficacia y rendimiento en jugadores de fútbol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 2, p. 68–79, 2018.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: J. (Eds). O. ensino dos jogos coletivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA (Ed.); . 2nd ed., 1998. Lisboa: Universidade do Porto.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O inquérito: teoria e prática**. Portugal: Oeiras: Celta, 1993.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo, 2008.

GILSON, T. A.; REYES, G. F. C.; CURNOCK, L. E. An examination of athletes' self-efficacy and strength training effort during an entire off-season. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 26, n. 2, p. 443–451, 2012.

GLOBO. Números mostram que a seleção de vôlei é o melhor time do século entre os coletivos. .

GOLDBERG, L. R.; VELICER, W. F. Principles of Exploratory Factor Analysis. **Differentiating normal and abnormal personality**. 2nd ed., p.209–237, 2006. New York: Springer.

GOMES, S. S.; MIRANDA, R.; FILHO, M. G. B.; BRANDÃO, M. R. F. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e

orientação às metas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 3, p. 379–387, 2012.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: Aplicação no handebol.**, 1995. Tese (Doutorado) - FE/UNICAMP - Campinas.

GREGHAIGNE, J. .; GODBOUT, P. Formative assessment in team sports in a tactical approach context. **The Journal of Physical Education, Recreation & Dance - JOPERD**, v. 69, n. 1, p. 46–51, 1998.

GROSS, J. J. Emotion regulation: Affective, cognitive and social consequences. **Psychophysiology**, v. 39, n. 3281–291, 2002.

GUICCIARDI, M.; FADDA, D.; DELITALA, L. A new multidimensional scale for measuring self-efficacy beliefs in volleyball. **International Journal Sport Psychologic**, v. 47, p. 13–25, 2016.

HAIR, J.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analysis**. 6th ed. Upper Saddle River, NJ, 2006.

HALPIN, G., HALPIN, G., ARBET, S. Effects of number and type of response choices on internal consistency reliability. **Perceptual Motor Skills**, v. 79, n. 2, p. 928–930, 1994.

HAYSLIP JR, B.; RAAB, C.; BACZEWSKI, P. C.; PETRIE. The Development and Validation of the Golf Self-Efficacy Scale. **Journal of Sport Behavior**, v. 33, n. 4, p. 427–441, 2010.

HERNÁNDEZ, J. Diseño del entrenamiento mental del tenista. De lo científico a lo aplicado. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico**, v. 1, n. e5, p. 1–14, 2017.

HODGE, D. R. .; GILLESPIE, D. F. Phrase completion: an alternative to Likert scales. **Social Work Research**, v. 1, p. 45–55, 2003.

HUGHES, M.; JAMES, N. Notacional analysis of soccer. In F. Prot (Ed.), 5º International Scientific Conference on Kinesiology. . p.644–660, 2008.

IAOCHITE, R. T.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J.; WINTERSTEIN, P. J.

Autoeficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 33, n. 4, p. 825–839, 2011.

IRAZUSTA, S.; ARRUZA, J. Influencia de variables psicológicas en el rendimiento de jugadores amateurs de golf. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 1, p. 127–138, 2006. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/record/62953>>. .

JÚNIOR, S. D. DA S.; COSTA, F. J. Measurement and Verification Scales: a Comparative Analysis between the Likert and Phrase Completion Scales. **PMKT - Revista Brasileira de Pesquisa de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 15, p. 1–16, 2014. Disponível em: <www.revistapmkt.com.br>. .

KITSANTAS, A.; ZIMMERMAN, B. J. Comparing Self-Regulatory Processes Among Novice Non-Expert and Expert Volleyball Players A Microanalytic Study. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 91–105, 2002.

KLINE, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. New York: The Guilford Press, 2005.

LANCE. Era Bernardinho foi a mais vitoriosa da Seleção masculina na história. .

LÁZARO, I.; VILLAMARÍN, F. Capacidad predictiva de la autoeficacia individual y colectiva sobre el rendimiento en jugadores de baloncesto. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 4, p. 27–38, 1993.

LEO MARCOS, F. M.; GARCÍA-CALVO, T.; SÁNCHEZ MIGUEL, P. A.; PAREJO GONZÁLEZ, I. Importancia de la percepción de eficacia para la mejora de la cohesión en el fútbol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 8, n. 1, p. 47–60, 2008.

LEO MARCOS, F. M.; GARCÍA CALVO, T.; SÁNCHEZ MIGUEL, P. A.; LA VEGA MARCOS, R. DE. Relación entre la cohesón de equipo, la eficacia percebida y el rendimiento en equipos masculinos de jóvenes dutbolistas. **Revista de Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 6, n. 1, p. 47–62, 2011.

LIKERT, R. **Methods and techniques in business reserach**. Colorado: University of Northern Colorado, 1932.

LLEWELLYN, D. J.; SANCHEZ, X.; ASGHAR, A.; JONES, G. Self-efficacy, risk taking and performance in rock climbing. **Personality and Individual Differences**, v. 45, n. 1, p. 75–81, 2008. Disponível em: <<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0191886908000901>>. Acesso em: 7/11/2012.

LLORET-SEGURA, S.; FERRERES-TRAVER, A., HERNÁNDEZ-BAEZA, A.; TOMÁS-MARCO, I. El análisis factorial exploratorio de los ítems: una guía práctica, revisada y actualizada. **Anales de Psicología**, v. 30, n. 3, p. 1151–1169, 2014.

LORENZO-SEVA, U.; FERRANDO, P. J. A computer program to fit the exploratory Factor Analysis model. **Behavioral Research Methods, Instruments & Computers**, v. 38, n. 1, p. 88–91, 2006.

LOX, C. L. Perceived threat as a cognitive component of state anxiety and confidence. **Percept Mot Skills**, v. 75, n. 3 Pt 2, p. 1092–1094, 1992. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=1484771>. .

MACCALLUM, R.; AUSTIN, J. Applications of Structural Equation Modeling in Psychological Research. **Annual Review of Psychology**, v. 51, p. 201–226, 2000.

MACHADO, T. A.; VALENTIM, F. P.; STEFANELLO, J. M. F. Validade de critérios da escala de autoavaliação do saque do voleibol - Relação entre eficácia, efetividade e autoavaliação do saque de atletas brasileiros infantis. **Journal Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 1–9, 2016.

MACHADO, T. DO A.; BALAGUER, I.; PAES, M. J.; FERNANDES, G. J.; STEFANELLO, J. M. F. Self-efficacy in volleyball: What has been evaluated? A systematic review. **Cuadernos de Psicologia del Deporte**, v. no prelo, 2018.

MACHADO, T. DO A.; PAES, M. J.; BERBETZ, S. R.; STEFANELLO, J. M. F. Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida.

Revista da Educação Física/UEM, v. 25, n. 2, p. 323–333, 2014.

MARDIA, K. V. Applications., Measures of multivariate skewness and kurtosis with. **Biometrika**, v. 57, p. 519–530, 1970.

MARQUES, E. B.; ZAMBERLAM, A. DE O.; OLIVEIRA, R. F. DE; RAIMANN, L. H.; OLIVEIRA, L. V. DE. Projeto de módulo de Data Mining para Scout Voleibol. . v. 1, p.1–8, 2008. Torres - RS: In: Seminário de Informática - Seminfo.

MARSAGLIA, G.; TSANG, W. W.; WANG, J. Evaluating Kolmogorov's Distribution. **Journal of Statistical Software**, v. 8, n. 18, 2003.

MARTINS, G. A. Sobre Confiabilidade e Validade. **RBGN**, v. 8, n. 20, p. 1–12, 2006.

MATIAS, C. J. DA S.; GRECO, P. J. Análise de jogo nos esportes coletivos: a exemplo do voleibol. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, p. 1–15, 2009.

MATIAS, C. J. DA S.; GRECO, P. J. Conhecimento tático-estratégico dos levantadores brasileiros campeões de voleibol: da formação ao alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 3, p. 513–535, 2011.

MATIAS, C. J. DA S.; GRECO, P. J. Atribuição dada pelo levantador em sua organização ofensiva ao papel do treinador: da base ao alto nível do voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 392–399, 2016. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2016.02.010>>. .

MENÉNDEZ-GONZÁLEZ, L.; ORTS-CORTÉS, M. I. Psychosocial and behavioural factors in the regulation of weight: Self-regulation, self-efficacy and locus control. **Enfermeria clínica**, , n. xx, p. 1–8, 2018. Elsevier España, S.L.U. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2018.02.005>>. .

MESQUITA, I.; CÉSAR, B. Characterisation of the opposite player ' s attack from the opposition block characteristics . An applied study in the Athens Olympic games in female volleyball teams teams. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 7, n. 2, p. 13–27, 2007.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Conhecimento estratégico de um levantador de alto

nível. **Revista Treino Esportivo**, v. 17, p. 15–20, 2002a.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Probing the strategic knowledge of an elite volleyball setter: a case study. **International Journal of Volleyball Research**, v. 5, n. 1, p. 6–12, 2002b.

MESQUITA, I.; MANSO, F. D.; PALAO, J. M. Defensive participation and efficacy of the libero in volleyball. **Journal of Human Movement Studies**, v. 52, p. 95–107, 2007.

MESQUITA, I.; MARQUES, A.; MAIA, J. A relação entre a eficiência e a eficácia no domínio das habilidades técnicas em Voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 3, p. 33–39, 2001.

MESSICK, S. Meaning and values in test validation: the science and ethics of assessment. **Educational Researcher**, v. 18, n. 2, p. 5–11, 1989.

MITRA, A.; LANFORKD, S. **Research methods in park, recreation and leisure services**. Champaign: Sagamore Publishing, 1999.

MUELLER, R. **Basic principles of structural equation modeling: an introduction to LISREL and EQS**. New York: Springer Texts in Statistics, 1996.

MUNIZ, J. La validación de los tests. **Metodología de las Ciencias del Comportamiento**, v. 5, n. 2, p. 121–141, 2004.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. DO; VISSOCI, J. R. N.; BALBIM, G. M.; et al. Adaptação transcultural e análise das propriedades psicométricas da Sport Motivation Scale-II no contexto brasileiro. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 3, p. 441, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/24855>>. .

NELSON, J. K.; THOMAS, J. R. **Métodos de Pesquisa Em Atividade Física**. 6th ed. Porto Alegre, 2012.

NETEMEYER, R.; BEARDEN, W.; SHARMA, S. **Scaling procedures: issues and applications**. Thousand Oaks: Sage, 2003.

NEVILL, A. .; ATKINSON, G. .; HUDGHES, M. .; COOPER, S.-M. Statistical

methods for analysing discrete and categorical data recording in performance analysis. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, p. 829–844, 2002.

NUNNALLY, J. **Psychometric theory**. New York: McGraw-Hill, 1978.

OLIVEIRA, P. C. M. **Auto-eficácia específica nas competências do enfermeiro de cuidados gerais dos estudantes finalistas do curso de licenciatura em enfermagem.**, 2010. Universidade Portucalense Infante D. Henrique 2010.

ORTEGA, E.; OLMEDILLA, A.; SAINZ DE BARANDA, P.; GÓMEZ, M. Á. Relationship between the level of self-efficacy, performance indicators, and participation in youth basketball. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. suppl, p. 337–342, 2009.

PAJARES, F.; HARTLEY, J.; VALIANTE, G. Response format in writing self-efficacy assessment: Greater discrimination increases prediction. **Measurement and Evaluation in Counseling and Development**, v. 33, p. 214–221, 2001.

PAJARES, F.; OLAZ, F. **Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral** In A. Bandura, R. G. Azzi & S. Polydoro (Orgs.). **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. São Paulo: Artmed, 2008.

PALAO, J. M.; SANTOS, J. A.; UREÑA, A. The effect of the setter's position on the spike in volleyball. **Journal of Human Movement Studies**, v. 48, n. 1, p. 5–40, 2005.

PALAO, J. M.; SANTOS, J. A.; UREÑA, A. Efecto del tipo y eficacia del saque sobre el bloqueo y el rendimiento del equipo en defensa. **RendimientoDeportivo.com**, v. 8, 2004.

PASQUALI, L. Princípios de elaboração de escalas psicológicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 25, n. 5, p. 206–213, 1998.

PASQUALI, L. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PASQUALI, L. **Análise fatorial para pesquisadores**. Brasília, 2012.

PAWLOWSKI, J.; TRENTINI, C. M.; BANDEIRA, D. R. Discutindo procedimentos psicométricos a partir da análise de um instrumento de avaliação neuropsicológica breve. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 211–219, 2007.

PRETTE, Z. A. P. DEL; PRETTE, A. DEL. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PRIMI, R.; MUNIZ, M.; NUNES, C. H. S. S. Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. **Avanços e polêmicas em avaliação psicológica**. p.243–265, 2009. São Paulo: Casa do Psicólogo.

RAMOS, V.; KUHN, F.; BRASIL, V. Z.; et al. Fontes De Autoeficácia Docente De Universitários De Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 1–12, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/31893>>. .

REBUSTINI, F.; BALBINOTTI, M. A. A.; FERRETTI-REBUSTINI, R. E. DE L.; MACHADO, A. A. Psicometria Esportiva, Caracterização Dos Participantes E Invariância: Uma Revisão Crítica. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 1–14, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/30635/18004>>. .

RESENDE, B. Levantador, uma simples questão de personalidade. **Revista Vôlei Técnico**, v. 1, n. 3, p. 5–11, 1995.

RODRÍGUEZ SALAZAR, M. C.; LÓPEZ PÉREZ, E.; GÓMEZ ARDILA, P.; RODRIGUES GRANADA, L. M. Programa de entrenamiento en control de la activación, rendimiento y autoeficacia en golfista infantiles. Un estudio de caso. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 10, n. 1, p. 77–84, 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4926212>>. .

ROSE JR., D. .; SILVA, T. A. F. As Modalidades Esportivas Coletivas (MEC): História e Caracterização. In: **ROSE JR., D. Modalidades Esportivas Coletivas**. Guanabara ed., 2006. Rio de Janeiro: Koogan.

SATORRA, A.; BENTLER, P. M. Corrections to test statistics and standard errors in covariance structure analysis. In **A. von Eye, & C. C. Clogg (Eds.)**,

Latent variables analysis: Applications for developmental research. p.399–419, 1994. Newbury Park, CA: Sage.

SATORRA, A.; BENTLER, P. M. A scaled difference chi-square test statistic for moment structure analysis. **Psychometrika**, v. 66, p. 507–514., 2001.

SCHWARZER, R.; JERUSALEM, M. Generalized Self-Efficacy scale. In **J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs.** p.35–37, 1995. Windsor, UK: NFER-NELSON.

SHAPIRO, S. S.; WILK, M. B. An analysis of variance test for normality (complete sample). **Biometrika**, v. 52, n. 3, p. 591–611, 1965.

SHOENFELT, E. L.; GRIFFITH, A. U. Evaluation of a mental skills program for serving for an Intercollegiate volleyball team. **Perceptual Motor Skills**, v. 107, p. 293–306, 2008.

SILVA, M. C. S. DA.; LAUTERT, L. O senso de autoeficácia na manutenção de comportamentos promotores de saúde de idosos. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v. 44, n. 1, p. 61–67, 2010.

STANDARDS FOR EDUCATIONAL AND PSYCHOLOGICAL TESTING. Standards for educational and psychological testing. , 1999. American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education.

STANDARDS FOR EDUCATIONAL AND PSYCHOLOGICAL TESTING. Standards for educational and psychological testing. In: S. for educational and psychological Testing (Ed.); , 2014. Washington, DC: American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education.

STEFANELLO, J. M. F. **Treinamento de Competências Psicológicas em busca da excelência esportiva.** 1ª ed. Barueri - SP, 2007a.

STEFANELLO, J. M. F. Fatores perturbadores de concentração : um estudo de caso com campeões olímpicos no vôlei de praia. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte**, v. 21, n. 2, p. 121–133, 2007b.

STREINER, D. L.; NORMAN, G. R. **Health Measurement Scales: A practical guide to their development and use**. Oxford, UK, 1989.

TABACHNICK, B. G.; LINDA S. FIDELL. **Using Multivariate Statistics**. 6th ed. Northridge: California State University, 2013.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Propriedades psicométricas da versão traduzida para o português da Escala de Auto-eficácia Geral Percebida de Ralph Schwarzer. Em Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (Org.), Resumos do II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica (CD-ROM). **Anais...**, 2005. Gramado: IBAP.

TERRA. A Era Bernadinho foi a mais vitoriosa da história. .

THURSTONE, L. L. The measurement of social attitudes. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 26, n. 3, p. 249–269, 1931.

TORO, E. O.; ZAFRA, A. O.; VÉLEZ, D. C. La participación Activa como base fundamental para la mejora del lanzamiento en baloncesto de formación. **Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud®**, v. 5, n. 1, p. 1–8, 2007.

TOURANGEAU, R.; RASINSKI, K. A. Cognitive processes underlying context effects in attitude measurement. **Psychology Bull.**, v. 103, p. 299–314, 1988.

VIEIRA, D. A. **Transição do ensino superior para o trabalho: o poder da autoeficácia e dos objetivos profissionais**. Maio ed. Porto: Edições Politema, 2012.

VIEIRA, K. M.; DALMORO, M. Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: o Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados? **Revista Gestão Organizacional**, p. 1–16, 2008.

WARNICK, J. .; WARNICK, K. Specification of variables predictive of victories in the sport of boxing: II. Further characterization of previous success. **Perceptual and Motor Skills**, v. 108, n. 1, p. 137–138, 2009.

WEATHERS, D.; SHARMA, S.; NIEDRICH, R. W. The impact of the number of scale points, dispositional factors, and the status quo decision heuristic on scale reliability and response accuracy. **Journal of Business Research**, v. 58, n. 11 SPEC. ISS., p. 1516–1524, 2005.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos de Psicología del Deporte y el Ejercicio Físico**. Barcelona, 1996.

ZETOU, E.; KOURTESIS, T.; GETSIOU, K.; MICHALOPOULOU, M.; KIOUMOURTZOGLOU, E. The Effect of Self-Modeling on Skill Learning and Self-Efficacy of Novice Female Beach Volleyball Players. **The Online Journal of Sport Psychology**, 2008.

ZETOU, E.; VERNADAKIS, N.; BEBETSOS, E.; MAKRAKI, E. The effect of self-talk in learning the volleyball service skill and self-efficacy improvement. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 7, n. 4, p. 794–805, 2012.

ZIEGLER, S. G. The effects of attentional shift training on the execution of soccer skills: A preliminary investigation. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 27, p. 545–552, 1994.

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS

Entrevistas

Transcrição entrevista capitã da equipe feminina (Equipe D). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“É a temporada não foi como nós esperávamos. Nós conseguimos apenas uma vitória durante a competição. Mas o que eu levo de aprendizado pra mim é que foi uma equipe muito boa de lidar, um grupo muito bom e a maior dificuldade que eu encontrei assim foi tentar me manter bem e confiante e não desistir mesmo nas situações difíceis. Então eu acho que você mesmo perdendo tá lá treinando, tentando melhorar e continuar tentando se apresentar bem mesmo nas dificuldades, é o que eu levo para mim e eu acho que a gente tentou buscar, mesmo não saindo a gente ia lá e continuava brigando, treinando cada dia mais e mesmo com esse resultado foi uma temporada que eu consegui aprender mesmo assim com toda a equipe e a comissão também”.

Transcrição entrevista técnico da equipe feminina(Equipe D). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“É nós não tivemos um desempenho esperado nessa temporada, mas é acredito que a gente tenha desenvolvido o máximo do que a gente conseguiu durante a temporada. É infelizmente abaixaram os investimentos a gente passou por vários momentos de conturbação aqui dentro da estrutura para que essa equipe fosse formada. Infelizmente a gente perdeu a vaga ano passado, esse ano com a não certeza de disputar a Superliga não foi feito um primeiro investimento forte, precisávamos ter a vaga para que o investimento viesse. Conseguimos a vaga e quando veio esse investimento o mercado já estava mais fechado, já estava mais complicado, então a gente não conseguiu e as outras equipes conseguiram se reforçar principalmente com atletas estrangeiras e tudo e acabaram tendo um desempenho acima do que a gente esperava. A gente esperava brigar entre os dez, infelizmente não deu é e é isso. Acho que o desempenho da equipe foi dentro do que a gente esperava, não foi acima da expectativa e da expectativa de todo mundo, mas acho que o que a gente conseguiu fazer a gente foi o nosso máximo. A equipe também não foi formada desde o começo, foi formada no começo da Superliga, foi um negócio que a gente apanhou um pouco né e aí a gente colhe os frutos disso. A equipe cresceu durante a temporada, tanto que a nossa vitória foi no segundo turno, mas infelizmente não tivemos tempo hábil para trabalhar a equipe durante toda a temporada também foi um dos fatores que fez a gente não ter o desempenho esperado.

Transcrição entrevista capitão da equipe masculina (Equipe A) “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

”Bom, eu acho que a temporada em termos estruturais ela deu uma melhoria muito grande desde o começo que eu cheguei. Isso ofereceu para que dentro de quadra a gente pudesse ter um desempenho melhor. De XX para cá a estrutura cresceu muito, a fisioterapia melhorou muito que é uma coisa que o

atleta tem que ter 24 horas ao seu lado e isso o clube se preocupou bastante. A questão da quadra, a questão de estrutura assim, alimentação tudo foi melhorando aos poucos. A gente teve uma psicóloga que também teve uma melhora no nosso desempenho, uma ajuda. Em termos de treinamento a nossa CT foi aprimorando a maneira como se treinasse, dosando as formas de descanso, as formas que a gente conseguisse compreender as informações deles e que eles compreendessem o estilo de jogo que a gente queria fazer. A nossa equipe foi uma equipe muito homogênea, tanto que começou um time e terminou outro, a equipe conseguiu vitórias muito importantes com dois times de equipes, então a equipe foi entendida de uma maneira principal que nessas trocas que tiveram a equipe correspondeu muito bem a isso. Então acho que foi uma temporada muito boa, cumprindo alguns objetivos individuais, alguns objetivos coletivos porque a gente tinha o objetivo de não cair, já que ano passado caiu, mas eu acho que foi muito produtivo assim. Nós tivemos uma visibilidade muito grande, a equipe teve uma visibilidade muito grande e acho que isso para uma sequência de um projeto é muito importante para patrocinadores, para os próprios atletas serem valorizados. Ao meu ver essa temporada foi muito produtiva sim, devido a tudo isso.

Transcrição entrevista técnico da equipe masculina (Equipe A). Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“Eu acho que a campanha do Caramuru faz jus ao seu investimento da temporada. Uma equipe modesta no seu investimento com atletas ainda desconhecidos no cenário nacional, com uma comissão técnica ainda desconhecida estão alguns em uma primeira temporada de Superliga outros no máximo na segunda, adquirindo experiência, de certa maneira frustrado, porque alguns resultados que poderíamos ter conseguido em casa, como foram os jogos de Canoas e Corinthians em casa, o próprio Maringá em casa poderiam ter nos levado ao play off. Mas de certa maneira estamos satisfeitos que objetivo era permanecer na elite para quem sabe numa terceira temporada um pouco mais experiente com algumas peças de maior experiência, para que possa fazer uma campanha um pouco melhor. A essência desse projeto sempre foi passos curtos e passos firmes e é isso que vem acontecendo então a gente sai bastante satisfeito. Acredito que conseguimos tirar dos atletas o que eles tem de melhor nessa temporada, conseguimos extrair desses atletas sua melhor performance durante toda a temporada e isso é importante. Tivemos alguns problemas com lesões durante a temporada e conseguimos nas rodadas finais do turno ter todo elenco a disposição e isso é muito importante. Agora é rever alguns conceitos, fazer uma autoavaliação, uma autocrítica até a próxima temporada a gente possa entrar nesse play off”.

Transcrição entrevista capitã da equipe feminina (Equipe C). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“O que eu posso dizer sobre esse ano é que foi um ano atípico de todos. A gente teve, se deparou com muitas lesões, grandes e pequenas lesões que tiveram que deixar algumas meninas de fora do campeonato, mas eu acredito

que mais uma vez a gente mostrou que a gente pode ser e é um time. Então eu acho que isso que fez diferença esse ano, mas foi um ano muito difícil. Eu jogo em um time onde a gente treina muito e treinador teve que segurar muitas vezes essa questão do treino por conta das lesões e acho que foi uma questão que eu não gosto muito de usar a palavra superação, mas acho que a gente se superou e se fez time cada vez mais, cada dia que passava que a gente via as nossas dificuldades. A gente teve questões cirúrgicas, foram três questões cirúrgicas, de pessoas importantes, mas eu acho que todas puderam ter oportunidade de jogar, de mostrar seu valor seu voleibol e acho que na hora que mais precisou o time tava unido. Eu fico feliz de ver o crescimento. A gente começou com muita irregularidade durante a primeira fase do campeonato e mesmo assim terminamos em segundo e na segunda fase também. A gente começou a crescer e terminamos até a fase final, até as quartas de final em segundo. Então acho que em meio a tantas essas dificuldades as situações atípicas que aconteceram a gente pode se manter forte e focado num objetivo só. Nosso time cresceu e se formou mesmo, se moldou na hora que precisava que a gente entrou para as quartas-de-final muito bem e para semifinal também. A gente fechou uma série contra o Minas que a gente não imaginava de três a zero e indo para final. Acho que a final realmente ganhou quem tava melhor no segundo jogo. A gente jogou muito bem o primeiro jogo, conseguimos matar o Praia em pontos positivos que elas tem, mas infelizmente no segundo jogo elas jogaram muito melhor, com um ritmo muito bom. Acho que o time num todo do Praia jogou muito bem em todos os fundamentos. Elas tiveram calma em todos os momentos, acho que a gente pode ter pecado pelo excesso de vontade e querer fazer. A gente sabe que jogou muito abaixo do que a gente podia, mas acho que a gente não pode ver esse segundo lugar como uma derrota. O brasileiro tem um pouco dessa mania, mas eu acho que a gente foi muito bem e chegamos a uma colocação boa do campeonato. Vendo a frio assim o time que a gente tinha. Então eu fico muito feliz, mais um ano de fazer parte disso, desse time que monta um time no papel que talvez não seja sempre o melhor, mas ele sabe que vai ser o time que vai lutar, que vai brigar, enfim, então acho que é isso que pode ser a minha análise para esse ano”.

Transcrição entrevista técnico da equipe feminina (Equipe C). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição?”

“Eu acho que foi uma temporada bastante complicada. Tivemos muitas lesões, muitas questões físicas que condicionaram a atuação do time. Duas jogadoras de referência da equipe, exemplo que eu vou dar da Gabriela e da Juciely tiveram que ser operadas, então isso condicionou um pouco o desempenho do time durante a temporada. Tivemos que mudar muito o grupo durante a temporada. Apesar disso, apesar das derrotas, a gente chegou, olhando a temporada como um todo, a gente chegou em segundo lugar na somatória, acabamos de certa um grupo mais consistente e estamos em mais uma final, sem sermos favoritos. Eu acho que fundamentalmente a questão física ela foi condicionante em muitos momentos esse ano, mas enfim eu acho que o grupo se fortaleceu no final, entendeu um pouco qual era a nossa filosofia, dedicação, entrega, acho que isso é o ponto mais importante, sobre isso que eu falei agora

na reunião final, contra time mais forte você tem que ser um time, cada um tem que se doar. Então acho fundamentalmente é um pouco retrato da nossa temporada”.

Transcrição entrevista técnico da equipe masculina (Equipe B). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“Foi uma temporada oscilante. Não tivemos regularidade e acabamos pagando um pouco caro por isso, mas um trabalho feito por eles, um trabalho com muito comprometimento, muito bem feito, acabamos perdendo para um time com uma qualidade muito melhor que o nosso”.

Transcrição entrevista capitão da equipe masculina (Equipe B). “Qual seu balanço final do desempenho da sua equipe durante toda competição”?

“Bom, balanço final do nosso time é até que foi bom. Mesmo não conseguindo nosso objetivo que seria ficar entre os quatro, acho que fizemos uma boa quartas-de-final. O time foi bem, não tão bem durante a temporada inteira, mas nos últimos jogos foi muito bem. Então acho que o balanço é razoável e bacana para o time todo”

APÊNDICE 2 – ESCALA DE AUTOEFICÁCIA NO VOLEIBOL

Nome: _____ Sexo: () Fem () Masc

Data de nascimento: ____/____/____ Posição: _____ Nº da camisa: ____

Tempo de prática (meses, anos): _____ Tempo na quipe: _____

Escolaridade: () Ensino fundamental () Ensino médio () Ensino superior incompleto
() Ensino superior completo () Especialização () Mestrado () Doutorado

Considere o nível de jogo em que sua equipe compete. Indique o quanto você, em geral, acredita na sua habilidade individual, para realizar, com efetividade, cada habilidade durante as partidas.

Crença na MINHA HABILIDADE para realizar com êxito cada ação de jogo durante as partidas.										
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Nada			Moderadamente					Completamente		

Chamar a responsabilidade do ataque para decidir o jogo. _____ %

Manter o controle e a estabilidade da sua função em diferentes momentos do jogo. _____ %

Tomar decisões rápidas para definir uma estratégia de ação. _____ %

Ter convicção nas decisões para executar ações em momentos difíceis. _____ %

Ser capaz de orientar a sua equipe e comandar o fundo de quadra. _____ %

Ter capacidade de leitura de fundo de quadra. _____ %

Perceber o que está acontecendo na sua equipe e na equipe adversária durante o jogo. _____ %

Salvar uma bola largada. _____ %

Conseguir ajustar sua concentração em função das exigências da partida. _____ %

Controlar-se emocionalmente para lidar com a pressão e tomar decisões rápidas. _____ %

Recuperar-se rapidamente de um erro (não dar bola para o erro). _____ %

Controlar seus pensamentos, concentrando-se na próxima jogada. _____ %

Ter paciência para lidar com diferentes momentos do jogo. _____ %

Ter frieza para distinguir o que fazer, em momentos específicos do jogo. _____ %

Superar dificuldades do jogo e acreditar que é possível. _____ %

Definir um ponto difícil. _____ %

Ser capaz de decidir o jogo. _____ %

Demonstrar coragem para se posicionar e defender. _____ %

Ser audacioso para executar ações necessárias ao jogo. _____ %

Obrigada!!!

APÊNDICE 3 – INSTRUÇÕES DE USO

A Escala de Autoeficácia no Voleibol foi projetada para ser útil ao ambiente aplicado do esporte de alto rendimento. Pode ser testada e utilizada em diferentes momentos, seja em treinamentos como em competições, antes, durante ou após os treinamentos ou jogos.

O instrumento é composto por três dimensões denominadas Autoeficácia Esportiva no Voleibol, composta por 12 itens, Autoeficácia Defensiva no Voleibol, composta por quatro itens e Autoeficácia Ofensiva no Voleibol, composta por três itens. A composição do instrumento pelas três dimensões é denominado Autoeficácia Global no Voleibol. É calculada uma média para cada dimensão, sendo a Autoeficácia Global no Voleibol a média das três dimensões.

O instrumento é de autopreenchimento, em que o atleta deverá em uma escala de 0% a 100%, de 10% em 10%, exprimir a força da sua crença do quanto acredita em sua capacidade para executar as ações expressas em itens do instrumento, composto por questões técnicas, táticas e psicológicas da modalidade.

Quando aplicado o instrumento para o jogador líbero, a dimensão Autoeficácia Ofensiva deverá ser excluída, visto que a mesma não é compatível com as ações de jogo do atleta. No momento da tabulação dos resultados, apenas deve-se deixar em branco os valores para esta dimensão deste atleta.

Os resultados podem ser analisados tanto por dimensões como de forma geral. Além disso, para outras interpretações, é encorajado que os itens sejam observados de maneira individual, visto que os mesmos são ricos em informações para os profissionais que trabalham com os atletas de voleibol de alto rendimento.

ANEXO 1 – ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA

Responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave de respostas apresentada.

1	2	3	4	
Não é verdade a meu respeito	É dificilmente verdade a meu respeito	É moderadamente verdade a meu respeito	É totalmente verdade a meu respeito	
1. Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	1	2	3	4
2. Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	1	2	3	4
3. Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	1	2	3	4
4. Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	1	2	3	4
5. Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	1	2	3	4
6. Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	1	2	3	4
7. Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	1	2	3	4
8. Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	1	2	3	4
9. Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	1	2	3	4
10. Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	1	2	3	4

ANEXO 2- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Construção e validação de um instrumento para avaliação da autoeficácia em atletas de voleibol

Pesquisador: Thais do Amaral Machado

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 51694315.0.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.574.185

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa proveniente do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFPR, sob responsabilidade da professora Joice Mara Facco Stefanello, com a colaboração da doutoranda Thais do Amaral Machado e da psicóloga Sabrina Rebeca Berbetz. As pesquisadoras propõem uma pesquisa que permitirá a criação do instrumento para avaliar o construto autoeficácia no contexto do voleibol brasileiro. De acordo com os aspectos psicológicos, a autoeficácia tem sido considerada a crença que o atleta tem na sua capacidade de realizar cursos de ações necessárias para alcançar determinado objetivo. Tem sido estudada internacionalmente em distintas modalidades e apontada como um importante preditor da performance atlética. No segundo momento da pesquisa será a utilização do instrumento, concebido e validado, em situação real, em que duas equipes de alto rendimento, uma do naipe feminino e uma do naipe masculino

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3380-7250

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.574.185

serão acompanhadas durante uma temporada do campeonato brasileiro (Superliga), para avaliação da autoeficácia em três momentos pré determinados: antes do início da temporada; no meio da temporada e no fim da temporada. Para tal, as pesquisadoras realizarão entrevistas, com duração aproximada de 30 minutos, que serão gravadas, no local de treinamento dos atletas de vôlei. Serão entrevistados atletas experientes na área do voleibol, técnicos e integrantes de comissões técnicas de distintas categorias (infantil, infanto-juvenil e adulto), psicólogos do esporte que tenham experiência com atletas de voleibol e professores mestres e doutores especialistas na área do voleibol, da psicometria e psicologia do esporte.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

- Construir e validar um instrumento para avaliar a autoeficácia esportiva em atletas de voleibol adultos.

Objetivos Específicos:

- Estabelecer os indicadores e os critérios de pontuação do instrumento de avaliação da autoeficácia esportiva para atletas de voleibol.
- Verificar as validades de conteúdo, de construto e de critério do instrumento.
- Averiguar a fidedignidade do instrumento, considerando os seus índices de consistência interna e estabilidade.
- Verificar o nível de sensibilidade do instrumento para atletas brasileiros do sexo masculino e feminino de distintas categorias (infantil, infanto-juvenil e adulto).
- Avaliar a autoeficácia esportiva de duas equipes de voleibol adultas (feminino e masculino) de alto rendimento durante uma temporada do campeonato brasileiro (Superliga).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos de constrangimento e perda de confidencialidade foram previstos e as medidas para

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo	CEP: 80.080-240
Bairro: Alto da Glória	
UF: PR	Município: CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259	E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.574.185

minimizá-los

descritas. Como benefícios as pesquisadoras descrevem que o estudo permitirá a construção de um instrumento para avaliação da autoeficácia de atletas de voleibol e a utilização do instrumento possibilitará futuras intervenções para melhora da autoeficácia dos atletas de voleibol.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com relevância científica atestada pelo professor Juarez Vieira do Nascimento, da área de psicologia do esporte.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Recomendações:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

- É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7250

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO 3 - AUTORIZAÇÃO CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL

Senhor Coordenador

Declaramos que nós da Confederação Brasileira de Voleibol, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Construção e validação de um instrumento para avaliação da auto eficácia em atletas de voleibol" sob a responsabilidade de **THAIS DO AMARAL MACHADO**, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, até o seu final em 01/07//2018.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão atletas e técnicos de voleibol, bem como de que o presente trabalho deve seguir a resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Outrossim, informamos que, uma vez cientes do parecer exarado pelo Comitê de Ética, emitiremos outro documento em conformidade com as exigências da CONEP, autorizando a execução do projeto em tela.

Sendo o que se nos apresenta para o momento, enviamos nossas cordiais saudações.

Atenciosamente,

Radamés Lattari Filho
Diretor de Competições de Quadra

ANEXO 4 - ESCALTE ROBERTA GIGLIO E BERNARDO REZENDE

Set
*

Competição: Supertliga 2017/18
 No_Jogo: 216
 Jogo: Praia x Sesc
 Data: 27/02/2018

Local: Uberlândia
 Horário: 21:30
 Televisão: SPORTV
 Placar: 2 x 3

Fundamentos	J o g o	S A QUE				BLOQ				P A S S E				C O N T R A				A T A Q U E				C + A		D E F		E	Apv	Pto												
		SP	SD	SE	S	Tot	%	BP	BC	B	PA	PB	PC	PD	PP	Tot	%	CP	C	CE	CB	Tot	%	AP	AD				A	AB	AE	Tot	%	Tot	%	D	DE	Pto		
1 Gabi	5	1	6	2	8	17	41	1	2	1	10	1	5	2	1	19	53	7	5	2	1	15	47	8	1	7	1	17	47	32	47	2	1			10	17			
2 Mayhara	5	3	1	9	13	23	5	5	2								3	1			4	75	3	2	5	2	12	25	18	38			1	1	7	11				
4 Natiele		3			3	100																			2			2	zero	2	zero									
5 Carol Leite																																								
6 Juciely	5	1	6	1	7	15	47	3	5	6							3	2	1		6	50	7	3	1	2	13	54	19	53						9	14			
7 Vivian																																								
9 Vitória		3	1		4	75																															-1			
12 Roberta	5	4	6	1	8	16	56	1	2								1			1	zero			1			1	zero	2	zero	3	2	1	3	5					
13 Kasiely										2		1	1		4	50																								
14 Fabi	5									13	3	1	2		19	68																			2					
15 Monique																																								
16 Yonkaira	5	1	4	4	2	11	45	1		1							6	7	2	2	17	35	6	5	5	1	2	19	32	36	33	3			3	14				
17 Drussyla	5	1	9	1	9	20	50		2		21	7	9	3	1	41	51	8	6	5	1	20	40	6	2	1	3	1	13	46	33	42	3	1		3	15			
19 Linda																																								
E q u i p e		8	39	11	41	99	47	11	14	12	46	11	18	8	2	83	55	27	22	10	4	63	43	30	10	24	5	8	77	39	140	41	13	5	2	34	76			
																	12,0																							

Pontuação

	PS	PB	Atq	ER	ES	CA	TOT
Sesc	8	11	30	12	11	27	99
Praia	2	9	32	20	11	24	98

Média por Set

SE/SP	SP	ET	ER	E
1,4	1,6	6,2	4,0	0,4
ET	BP	BP+BC	D	DE
31	2,2	5,0	2,6	1,0

Adversário

EA	AT	ES	CA
12	32	11	24

Rodizio

	1	2	3	4	5	6
P	4	5	7	3	6	8
N	8	7	10	3	3	4
PI						
NI						

ANEXO 5 - MATCH REPORT – DATA VOLLEY



Superliga 2017/2018
Retorno

Match report

Volei Renata Campinas 3
SESC RJ 1

Match 122 **Spectators** 2430
Date 10/03/2018 **Receipts**
Time 15.00.00 **Hall** Taquaral

Set	Time	Partial score		Score
1	0:30	8-6	16-15	25-22
2	0:25	4-8	10-16	16-25
3	0:28	8-5	16-13	25-18
4	0:29	7-8	15-16	25-21

Referees Gustavo Costa, Gilberto Cotrim

1:52 91-86

Volei Renata C.	Set	Vote	Points			Serve			Reception			Attack			BK		
			Tot	BP	W-L	Tot	Err	Pts	Tot	Err	Pct%	Tot	Err	Pts		Pct%	
3 Mathias	1 2 3 4	6.3	21	9	+13	18	4	2	23	1	65% (43%)	26	3	18	69%	1	
7 Diogo	1 2 3 4	5.5	13	4	-2	12	3	2	-	-	-	28	3	9	36%	1	
8 Vissotto	1 2 3 4	6.8	1	1	+1	17	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	
9 C. Rodrigues	1 2 3 4	6.9	17	6	+12	12	4	1	-	-	-	17	1	12	71%	4	
11 Vini	1 2 3 4	-	3	-	+2	2	-	-	-	-	-	4	1	3	75%	-	
12 Dani	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
13 Melqui	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
14 Willian	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
15 Mito	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	3	-	67%	-	-	-	-	-	
16 Junior	1 2 3 4	-	5	2	+3	12	2	-	-	-	-	5	-	4	80%	1	
17 Salsa	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
18 L. Santucci	1 2 3 4	-	-	-	-2	-	-	-	12	2	75% (58%)	-	-	-	-	-	
19 Renan	1 2 3 4	5.8	7	3	-1	17	4	1	30	2	57% (30%)	10	-	2	5	50%	1
20 Krauchuk	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Team total			67	28	+76	90	17	7	89	5	62% (38%)	90	4	15	52%	8	
	Set 1	3	15	2	5	24	2	3	18	-	67% (33%)	25	-	4	15	60%	2
	Set 2	-	11	-	5	17	6	-	21	2	43% (19%)	21	3	3	11	52%	-
	Set 3	1	12	4	8	24	4	1	14	-	75% (57%)	23	1	4	12	52%	4
	Set 4	3	14	2	6	25	5	3	16	3	69% (50%)	21	-	4	14	67%	2
Head coach	Horácio Dileo																
Assistant	Wellington Guerra																

SESC RJ	Set	Vote	Points			Serve			Reception			Attack			BK		
			Tot	BP	W-L	Tot	Err	Pts	Tot	Err	Pct%	Tot	Err	Pts		Pct%	
5 Mauricio B.	1 2 3 4	6.5	12	4	+9	19	3	-	27	-	59% (30%)	17	-	10	59%	2	
6 L. Brenildo	1 2 3 4	-	-	-	-5	-	-	-	24	5	38% (29%)	-	-	-	-	-	
7 Everaldo	1 2 3 4	-	1	1	-	4	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	
8 Jape	1 2 3 4	-	1	-	-1	1	1	-	1	-	100% (100%)	3	-	1	33%	-	
10 Joao Rafael	1 2 3 4	5.9	10	5	-	12	4	1	17	2	65% (29%)	19	1	3	7	37%	2
11 Thiagozinho	1 2 3 4	6.6	1	1	+1	15	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	
12 L. Ale	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
13 Barth	1 2 3 4	7	10	4	+6	14	4	1	2	-	100% (50%)	7	-	5	71%	4	
14 Renan	1 2 3 4	6.4	15	5	+9	8	3	1	-	-	-	18	1	2	9	50%	5
15 Iv	1 2 3 4	-	4	1	-	4	1	1	-	-	-	7	2	1	3	43%	-
16 Levi	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
17 Mauricio S.	1 2 3 4	6.3	7	1	+5	10	1	-	1	-	100%	12	-	1	6	50%	1
18 Renato	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
20 Barreto	1 2 3 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Team total			61	22	+24	87	18	5	73	7	55% (30%)	83	4	8	41	49%	15
	Set 1	-	15	4	3	23	5	-	22	3	59% (27%)	28	-	2	15	54%	4
	Set 2	2	9	3	11	24	3	2	11	-	73% (48%)	16	1	-	9	56%	3
	Set 3	-	9	4	5	19	5	-	20	1	45% (30%)	23	2	4	9	39%	4
	Set 4	3	8	4	6	21	5	3	20	3	50% (25%)	16	1	2	8	50%	4
Head coach	Governor Gavio																
Assistant	Pedro Uehara																

Volei Renata Campinas			SESC RJ		
Points 5 in Diff	Receptions 69 Points 50 42	KILL ON RECEPTION	Receptions 73 Points 50 39	Points 5 in Diff	
6 +1	Each 1.64 Recept 1 Point	1st ATTACK AFTER POSITIVE RECEPTION (+#)	Each 1.87 Recept 1 Point	6 -1	
5 -3		Errors Blo Pct% Tot Tot Pct% Blo Errors		5 -1	
4 +2		2 5 65% 43 39 51% 4 1		4 -3	
3 +4	Serve 90 Points BP 25	1st ATTACK AFTER NEGATIVE RECEPTION (-)	Serve 87 Points BP 22	3 +1	
2 -1	Each 3.6 Serve 1 Break Point	Errors Blo Pct% Tot Tot Pct% Blo Errors	Each 3.95 Serve 1 Break Point	2 -2	
1 +2		0 4 50% 18 22 41% 1 2		1 +1	
		ATTACK ON DIG			
		Errors Blo Pct% Tot Tot Pct% Blo Errors			
		2 6 52% 29 22 55% 3 1			

BP Break point Pts Points
Err Error Blo Blocked
Pct% Positive +# Exc Excellent
W-L Won - Lost Starting line-up
Starting line-up Starting Srv
Substitute Starting Srv



ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Joice Mara Facco Stefanello, professora e Thais do Amaral Machado, aluna de pós-graduação – da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, atleta de voleibol a participar de um estudo intitulado “Construção e validação de um instrumento para avaliação da autoeficácia em atletas de voleibol”.

a) O objetivo desta pesquisa é construir um instrumento (questionário) para mensurar a autoeficácia de atletas de voleibol a fim de no futuro auxiliá-los a compreender e aumentar suas crenças de autoeficácia esportiva por meio desta avaliação.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder um questionário sobre sua percepção de eficácia no voleibol. Caso você não se sinta à vontade em responder alguma pergunta, poderá abandonar o estudo a qualquer momento.

c) Nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico. Os benefícios esperados com essa pesquisa são a construção de um instrumento para avaliação da autoeficácia de atletas de voleibol. Utilização do instrumento para futuras intervenções para melhora da autoeficácia dos atletas de voleibol.

d) As pesquisadoras Joice Mara Facco Stefanello (orientadora) e Thais do Amaral Machado (doutoranda), profissionais de educação física, responsáveis por este estudo poderão ser localizadas no telefone fixo (41) 3360 4326 e e-mail joice@ufpr.br e tha.thatha25@gmail.com na Universidade Federal do Paraná, Rua Coração de Maria, nº 92 Campus Jardim Botânico, em horário comercial, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

e) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

f) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (Joice Mara Facco Stefanello (orientadora) e Thais do Amaral Machado (doutoranda)). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade**

g) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação

h) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

i) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de _____

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]